

REVISTA EDIÇÃO Nº 101 | NOVEMBRO DE 2023

CONEXÃO LITERATURA®

PORQUE AMAMOS LIVROS

DICAS PARA LEITURA
ENTREVISTAS COM ESCRITORES
POEMAS, CONTOS E MUITO MAIS...



PARTICIPAÇÃO ESPECIAL DE
RONALDO JÚLIO, DUBLADOR DE ASSANE
DIOP, DA SÉRIE LUPIN (NETFLIX)



PARTICIPAÇÃO ESPECIAL DE SIMONE
SAUERESSIG, AUTORA DE O
JOVEM ARSÈNE LUPIN E A
DANÇA MACABRA

O SUCESSO CENTENÁRIO DE

ARSÈNE LUPIN

ENTREVISTA EXCLUSIVA COM RONALDO JÚLIO, DUBLADOR DE
ASSANE DIOP (SÉRIE LUPIN), DA NETFLIX E SIMONE SAUERESSIG,
AUTORA DE O JOVEM ARSÈNE LUPIN E A DANÇA MACABRA

ISSN 2448-1068

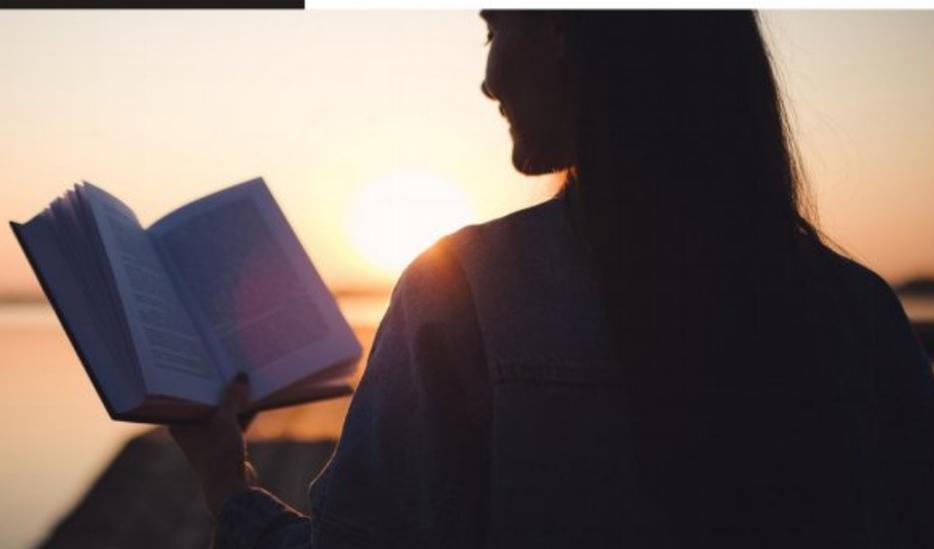
Distribuição Gratuita

www.revistaconexaoliteratura.com.br

ÍNDICE

CONTÉÚDO

- Expediente, pág. 03**
- Editorial, por Ademir Pascale, pág. 04**
- Arsène Lupin - O sucesso centenário do mestre do disfarce, pág. 6**
- Entrevista com Ronaldo Júlio, dublador de Assane Diop (LUPIN), da Netflix, pág. 08**
- Entrevista com Simone Saueressig, autora de O jovem Arsène Lupin e a dança macabra, pág. 14**
- Conheça o livro "Noturna e outros poemas", de Cláudio Duffrayer, pág. 19**
- Gêmeas, por Bert Jr., pág. 20**
- Poema: Nota para um diário da espécie, por Bert Jr., pág. 24**
- O Cabeleira e a literatura do Norte, por Gilmar Duarte Rocha, pág. 26**
- O nome dela é coragem, por Luciana Simon de Paula Leite, pág. 30**
- Poema melancólico de beira de estrada, por Mirian Menezes de Oliveira, pág. 35**
- Portinari e Carlos Drummond de Andrade: A guerra como espetáculo teatral e o prenúncio da paz universal, por Reginaldo Leite, pág. 36**
- Poemas de Meire Marion, pág. 47**
- Poemas de Joaquim Cândido de Gouvêa, pág. 51**
- Poema: Frutos, de Daniela Bloc, pág. 60**
- Dicas para leitura, pág. 61**
- Poemas de Sílvia Grijó, pág. 62**
- A princesa e eu, por Míriam Santiago, pág. 68**
- Reflexões, por Renan Costa, pág. 72**
- Potencializando a cultura popular: uma exposição virtual do grupo Miraira, por Francisco da Costa Rodrigues e Solonildo Almeida da Silva, pág. 76**
- Entrevista com Fauno Mendonça, pág. 96**
- Entrevista com Heider Broisler, pág. 101**
- Entrevista com Israel Dantas, pág. 106**
- Entrevista com Magda Medeiros, pág. 111**
- Entrevista com Maria Denise de França, pág. 115**
- Entrevista com Tiago Magalhães Ribeiro, pág. 118**
- Entrevista com Carlos Carvalho, pág. 125**
- Citações de grandes autores, pág. 129**
- Conto: A última palavra, por Iraci J. Marin, pág. 134**
- Conto: Golpe de sorte, por Idicampos, pág. 138**
- Conto: As celebrações, por Mónica Palacios, pág. 142**
- Conto: Aquele que grita, por Ney Alencar, pág. 145**
- Conto: Por duas vezes afortunada, por Roberto Schima, pág. 151**
- Conto: Passos para o cosmos - Cap. I - Preparo e destino inicial, por Sellma Luanny, pág. 160**
- Saiba como divulgar, anunciar, patrocinar ou publicar na próxima edição da Revista Conexão Literatura, pág. 169**



NESTA EDIÇÃO

Dicas para leitura

Entrevistas

Artigos

Poemas e Contos

MIGUEL DE CERVANTES

"A pena é a língua da alma."

LEWIS CARROLL

"Um dos segredos mais profundos da vida é que tudo o que realmente vale a pena fazer é o que fazemos pelos outros."

QUEM FAZ A REVISTA

EXPEDIENTE

Ademir Pascale - Editor-Chefe - ademirpascale@gmail.com

Elenir Alves - Assessora de Imprensa - elenir@cranik.com

CONHEÇA NOSSOS COLUNISTAS/COLABORADORES DO SITE DA REVISTA

[clique aqui](#)

ISSN: 2448-1068

A Revista Conexão Literatura[®] é uma produção independente e livre de quaisquer vínculos políticos, comerciais e religiosos. Os textos publicados aqui são de inteira responsabilidade de seus respectivos autores e não dizem respeito à opinião do editor e seus conselheiros, isentos de toda e qualquer informação que tenha sido apresentada de maneira equivocada por parte dos autores aqui publicados.

Para baixar nossas edições anteriores:

www.revistaconexaoliteratura.com.br/edicoes-da-revista

Layout da capa, organização e arte interna: Ademir Pascale

Ilustração da capa, crédito: Bruno Romão

Para saber como anunciar, patrocinar ou participar da próxima edição da Revista Conexão Literatura, acesse:

www.revistaconexaoliteratura.com.br/midia-kit

CONTATO:  ademirpascale@gmail.com - c/ Ademir Pascale - Editor-Chefe

- SIGA-NOS NAS REDES SOCIAIS -



conexaoliteratura



revistaconexaoliteratura



conexaonerd



conexaogramatica

EDITORIAL

Querido(a) leitor(a)!

Nossa penúltima edição do ano acabou de sair do forno e certamente agradará leitores e cinéfilos, com matéria e entrevistas sobre Arsène Lupin, personagem criado pelo escritor francês Maurice Leblanc. E para falar sobre o assunto, entrevistei Ronaldo Júlio, dublador oficial de Assane Diop, protagonista da série LUPIN, da Netflix. Além de Assane, Ronaldo dá voz para dezenas de personagens, como o 007 (Daniel Craig) entre outros, confira entrevista exclusiva que fizemos com ele. Também entrevistamos Simone Saueressig, autora de "O jovem Arsène Lupin e a dança macabra" (Editora AVEC). Aproveito para deixar um agradecimento especial para a Simone e para o Artur, editor da AVEC, por cederem a ilustração elaborada por Bruno Romão, para a nossa capa.

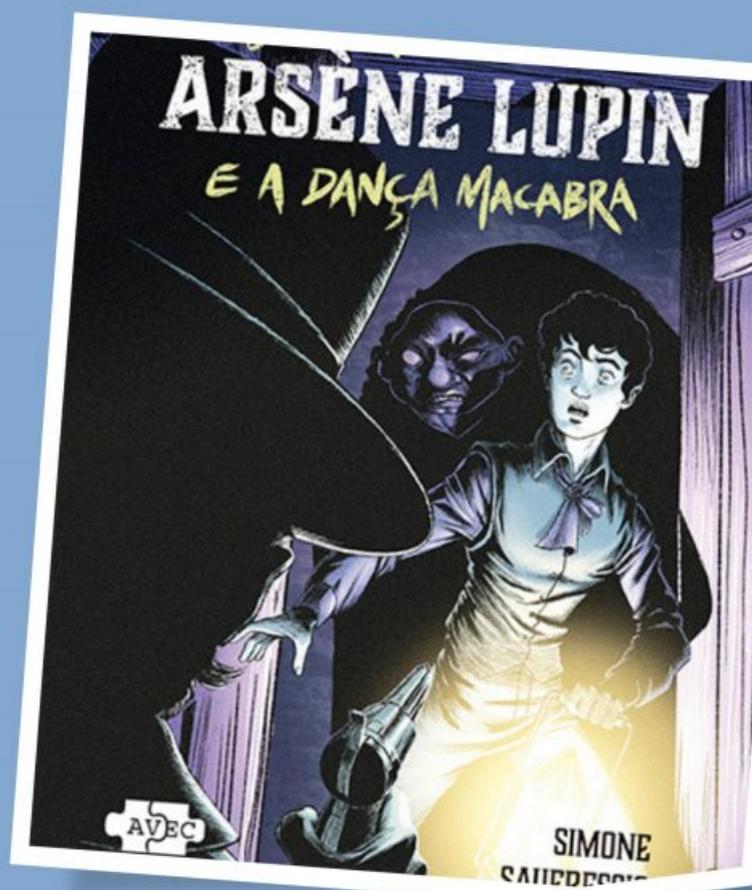
E como sempre, o leitor poderá conferir vários contos, poemas, artigos e entrevistas com escritores.

Aproveito para avisar que já estamos recebendo textos para a nossa edição de dezembro, que será um especial de Natal. Para saber como participar: **clique aqui**.

Tenha uma ótima leitura!

Ademir Pascale

EDITOR



Revista Conexão Literatura

Livros são
sonhos
que
seguramos
com as
mãos!



ARSÈNE LUPIN

O SUCESSO CENTENÁRIO DO MESTRE DO DISFARCE



LUPIN (NETFLIX) - FOTO DIVULGAÇÃO

MAURICE LEBLANC

Mais presente do que nunca, **Leblanc** (1864-1941), foi um romancista francês e escritor de contos, criador do ladrão e detetive de ficção Arsène Lupin, inspiração para o sucesso **LUPIN**, série da NetFlix, tendo como protagonista **Assane Diop** (Omar Sy). A série já está em sua terceira temporada e parece que não vai parar por aí. *Confira entrevista exclusiva que fizemos com Ronaldo Júlio, dublador do protagonista Assane.*

Além da série, as incríveis aventuras de Lupin, também inspiram autores nacionais, como **Simone Saueressig**, autora da incrível obra "O Jovem Arsène Lupin e a dança macabra" (Editora AVEC). *Confira nas próximas páginas a entrevista exclusiva que fizemos com a autora...*

BOA LEITURA!

CONFIRA ENTREVISTA EXCLUSIVA QUE ADEMIR PASCALE, NOSSO EDITOR, FEZ COM RONALDO JÚLIO, DUBLADOR DO PERSONAGEM ASSANE DIOP, DA NETFLIX E TAMBÉM UMA ENTREVISTA COM SIMONE SAUERESSIG, AUTORA DO LIVRO "O JOVEM ARSÈNE LUPIN E A DANÇA MACABRA" (EDITORA AVEC)



RONALDO JÚLIO E SIMONE SAUERESSIG - FOTO DIVULGAÇÃO



Foto "Lupin" – NetFlix

ARSÈNE LUPIN POR ADEMIR PASCALE

Criado pelo romancista francês e escritor de contos Maurice Leblanc, Arsène Lupin, surgiu numa publicação mensal chamada Je sais tout (Eu sei tudo) entre 1905 e 1907, com o título Arsène Lupin, gentleman-cambrioleur, tornando-se num grande sucesso, trazendo fama e fortuna para o autor. No total, Leblanc escreveu 21 romances e coletâneas de contos com o personagem Lupin. E para os que acreditam que a série Lupin, da Netflix, foi a primeira a sair dos livros de Leblanc, está enganado. Na realidade, não foram séries, mas longas-metragens, sendo o primeiro em 1923, intitulado "813 - Lupin" e outros três filmes foram lançados, sendo o segundo em 1937, com o título "Arsène Lupin detetive", o terceiro em 1957 "As aventuras de Arsène Lupin" e o quarto filme em 1962, intitulado "Arsène Lupin contra Arsène Lupin". Já a primeira temporada de Lupin, na Netflix, estreou em 2021, inspirada pelas aventuras de Arsène Lupin, o ladrão gentil Assane Diop quer



se vingar de uma família rica por uma injustiça cometida contra o pai dele. No total, três temporadas fazem parte do acervo da Netflix.

E mesmo com mais de 100 anos de existência, a criação de Maurice Leblanc, Arsène Lupin, continua inspirando e trazendo vida para novas aventuras, desta vez com o livro "O jovem Arsène Lupin" (Editora AVEC), da autora brasileira Simone Saueressig. Na história, ambientada na Paris de 1887, Raoul D'Andrèzy – aliás, Arsène Lupin – é um estudante parisiense, satisfeito com sua vida, até que estranhos acontecimentos o levam às profundezas da Cidade Luz, onde sombras bizarras se arrastam pelas catacumbas.

Confira nas próximas páginas a entrevista exclusiva que fizemos com a autora.

E para adentrarmos mais ainda no universo de Lupin, entrevistamos Ronaldo Júlio, o dublador do protagonista Assane Diop (da série LUPIN), da NetFlix. Ronaldo é dublador de dezenas de outros personagens de filmes e séries, como do próprio 007 (Daniel Craig). Confira mais abaixo a entrevista exclusiva que fizemos com ele.

ENTREVISTA COM RONALDO JÚLIO, DUBLADOR DE ASSANE DIOP, DA SÉRIE LUPIN, DA NETFLIX, POR ADEMIR PASCALE:

ENTREVISTA:



Conexão Literatura: Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início como dublador?

Ronaldo Júlio: Minha carreira começou em 1995, então já tem um tempinho aí. Eu sempre ouvi dizer que minha voz era bacana, bonita e tal. Eu comecei a fazer teatro, e as pessoas diziam para eu procurar uma locução, uma rádio para eu poder trabalhar. E então eu fui numa rádio para fazer um teste, e o diretor da rádio me disse para fazer dublagem. Foi a primeira vez que ouvi falar sobre dublagem. E aí eu comecei a me formar, soube que tinha que ser ator e eu já estava estudando,

então procurei um curso de dublagem e comecei a fazê-lo.

Desde o primeiro dia eu me apaixonei por isso e comecei a perceber que era realmente o que eu queria, e veio ao encontro do que eu realmente estava pleiteando, a profissão de ser ator, porque para fazer dublagem tem que ser ator. É uma ramificação da profissão. Eu estou nisso há 27 anos, trabalhando todos esses anos. O início era bem difícil, pois era bem fechado. Existiam pouquíssimos dubladores e cursos. Na verdade, no Rio de Janeiro só tinha esse curso. Terminei o curso, e tive que fazer um outro curso, com o diretor da Herbert Richers na época, que era o Newton da Matta, e ele me ensinou realmente tudo que eu sei hoje. Nessa época dublávamos juntos, então eu aprendi muito, com muita gente, aprendi a cortar o texto, a adaptar a versão de todos os detalhes que as



RONALDO JÚLIO

Dublador de Assane
Diop, protagonista
da série LUPIN, da
NetFlix

FOTOS (LUPIN), NETFLIX



peças tinham em seus trabalhos, e aí eu consegui entrar no meio. E hoje sou dublador, diretor e professor.

Conexão Literatura: Você é o dublador do protagonista Assane Diop, da série LUPIN, da Netflix. Conte como é ser o dublador de um dos personagens de maior sucesso da atualidade.

Ronaldo Júlio: Em relação a série LUPIN, na realidade eu já dublei o ator em várias produções e em vários anos e ele se tornou o LUPIN e é tão engraçado que todas as vezes que eles começam um projeto não sabemos como vai chegar ao público, então seria mais uma série, mais um trabalho com esse ator maravilhoso. Sinto-me honrado em dar voz para ele aqui no Brasil. Fiz a primeira temporada com ele e graças a Deus a série foi um sucesso, então fiz a segunda temporada e agora a terceira. Fiquei muito feliz, pois o roteiro é maravilhoso. Essa terceira temporada eles focaram nele, no Assane e em seus disfarces e sempre pensei que eles poderiam focar nisso, pois o LUPIN é justamente isso, o ladrão de casaca, o cara que tem várias artimanhas para poder roubar o que ele deseja. Eu sentia falta disso e nessa terceira temporada eles exploraram bastante essa parte, além da questão familiar.

Conexão Literatura: Quanto tempo leva em média para fazer a dublagem de 1 episódio de LUPIN?

Ronaldo Júlio: Em relação a gravação de episódio, LUPIN é curtinho. Na primeira temporada tivemos 5 episódios, na segunda temporada tivemos 6 episódios e agora na terceira tivemos 7 episódios.

Lembro que na primeira temporada eu gravei os 5 de uma vez só. Nós dublamos separados, então como eu dublo o protagonista e tenho um tempo na casa, gravei toda a minha parte em um único dia. A segunda temporada eu gravei em dois dias e essa terceira temporada também gravei em dois dias. Nós temos uma divisão por forma de ganho, de cachê que, como a gente ganha por hora, temos uma divisãozinha chamada loop que determina o seguinte: a gente tem 20 segundos do filme corrido, o filme é todo cortado e enumerado, então esses pedacinhos, chamam-se loop e aí temos que fazer 20 loops em 1 hora, isso não significa que temos que fazer o máximo, 20 loops por hora, a gente faz 30, 40 loops por hora, mas o que vale para a questão do pagamento são os 20 loops por hora, então as vezes, num episódio de LUPIN, por exemplo, eu tenho correspondente 60, 80 loops por episódio, então eu tenho aí cerca de 3 ou 4 horas de trabalho, mas não significa que eu vá fazer isso em 3 ou 4 horas, eu posso fazer em menos tempo, então isso é muito relativo.

Conexão Literatura: LUPIN, está com 3 temporadas na Netflix, sendo que a última é bem recente. E chegando ao final do último episódio da terceira temporada, percebemos que existe a possibilidade de uma quarta temporada. Afinal, é o que todos nós, fãs da série LUPIN, esperamos. Na sua opinião, logo teremos a quarta temporada da série?



Assane Diop em LUPIN - Netflix

Ronaldo Júlio: Então, mesmo eu fazendo o protagonista, as vezes acabou não vendo a série toda. O diretor explica como será a produção, a história da série e aí começamos a dublagem, então não vemos o filme ou o episódio todo, mas sim essas partes como já comentei, os loops, vemos duas, três vezes. Por incrível que pareça, eu estava ansioso pela série, mas não assisti ainda a terceira temporada, porque gosto de sentar e ver tudo com calma, um episódio atrás do outro, porque a série é viciante, então por isso que ainda não tive tempo de ver, mas de acordo com as pessoas que me marcam nas redes sociais e que assistiram tudo, que elogiam e falam sobre a série, acredito que teremos a quarta temporada. Acredito nisso, pois é uma série que tem um apelo muito grande e as pessoas gostam bastante. E quem sabe teremos aí um longa. Fiz uma outra série chamada Luther, durante um bom tempo e tivemos um longa. Eu gostaria muito que tivéssemos um longa do LUPIN para o cinema.

Conexão Literatura: Além do Assane Diop (Lupin), você já dublou o Agente Coulson (Agente da Shield), Luke Cage, 007 (Daniel Craig), Carlton Banks (Um Maluco no Pedaco), entre dezenas de outros personagens. Existe alguma dublagem que foi especial para você? Caso sim, por quê?

Ronaldo Júlio: Tenho 27 anos de dublagem, gosto muito do que faço, sou dublador, diretor, professor há mais de 18 anos, tenho ensinado a arte que eu amo para várias pessoas e tem vários profissionais que passaram pelas minhas mãos e estão trabalhando

na área e desenvolvendo um trabalho, já dublei muito, mas um filme que eu gosto e que as pessoas gostam muito, é Interestelar, eu fiz o McConaughey nesse filme, fiz ele em outros filmes também e é motivo de orgulho para mim, eu gosto do filme, gosto do trabalho e assisto com prazer. E gosto também do Daniel Craig, dublei ele em 007: Cassino Royale, e também o Carlton Banks, em Um Maluco no Pedaco, ele é meu xodó, porque ele é o meu primeiro grande papel, escolhido pelo próprio Herbert Richers. Fiz o teste e ele escolheu o elenco e fiquei muito feliz porque ele deu a minha primeira grande oportunidade e à partir dali eu consegui desenvolver um trabalho, pois só tinha feras do meu lado, então não tinha como ser diferente. Então são esses os trabalhos que mais gosto.

Conexão Literatura: Além de dublador, você também é ator, diretor de dublagem, professor e fotógrafo. Como os leitores poderão saber mais sobre você? (indique suas redes sociais, blog, site e o que mais desejar).

Ronaldo Júlio: Então, não sou muito de mídia social. Algumas pessoas reclamam, dizendo que eu poderia colocar mais coisas, pois tenho tantos trabalhos legais, que eu poderia falar mais sobre dublagem etc. Na época da pandemia eu fiz muita live, foi legal e consegui conversar com as pessoas e elas conseguiram saber mais sobre o meu trabalho, foi bem interessante, mas não sou muito adepto a ficar postando. Mas as pessoas me marcam e eu acabo repostando algumas coisas e fico muito feliz com esse reconhecimento. Mas para quem quiser me seguir, o meu Instagram é: @ronaldojuliooficial, aí a gente pode bater um papo por lá.

Conexão Literatura: Quais dicas daria para os leitores que desejam ingressar na área da dublagem?

Ronaldo Júlio: A dica que dou é estudar bastante e para se tornar dublador tem que ser ator, então é muito teatro, desenvolver um trabalho como ator para depois procurar a dublagem. A dublagem é uma técnica muito específica, muito difícil, você colocar a voz num trabalho já pronto, é bem difícil, então você precisa estar na emoção e no ritmo daquele ator. E não é só colocar a voz, tem muita gente que acha que ter a voz boa, bonita ou saber imitar alguém, torna-se um dublador, sendo que na realidade você tem que ser humilde o suficiente para fazer aquilo, então essa é a primeira etapa, depois fazer cursos de dublagem, ter várias experiências com vários professores diferentes, para que consiga pegar um pouquinho de cada um para poder tirar suas próprias conclusões e ver o que é legal para você, além de procurar o mercado, pois ele está aquecido, tem muitos cursos e muito trabalho, as coisas estão acontecendo. Eu acredito que quem realmente quiser ingressar, esse é o caminho.

Conexão Literatura: Existem novos projetos em pauta?

Ronaldo Júlio: Existem novos projetos, mas são projetos mais pessoais, tenho um sítio em Miguel Pereira, que está em obra agora. Miguel Pereira é uma cidade aqui do interior

do Rio de Janeiro, uma cidade serrana e que está em pleno desenvolvimento. Tenho esse sítio lá e estou querendo expandir, abrir uma pousada e ter um lugar para poder me dedicar, então esse é o projeto principal. Em relação a dublagem, a gente faz vários projetos, então tem um ator fazendo um novo filme, como o Omar Sy, então vou lá e gravo ele. Eu também tenho dirigido dublagem, dirijo para uma empresa chamada Drei Marc e ela faz muitos trabalhos para o Discovery, então tem muito reality de culinária, obras etc., e estou dirigindo agora uma série da Lego, criaram um reality de montagem de Lego e estou na segunda temporada e já estreou a primeira. Estou dirigindo essa série com o maior prazer. Se puderem, assistam. Mesmo quem não é fã de Lego, assista, pois a série prende bastante e tem muita gente talentosa.

Perguntas rápidas:

Um livro: Gigantes da montanha

Um ator ou atriz: Fernando Montenegro.

Um filme: Interestelar

Uma série: Lupin

Um hobby: Cuidar dos meus três cachorros, e estar no meu sítio no fim de semana para relaxar com minha família.

Um dia especial: Meu aniversário dia 26 de janeiro. Sempre gosto de comemorar e fazer aniversário.

Conexão Literatura: Deseja encerrar com mais algum comentário?

Ronaldo Júlio: Agradeço imensamente a Revista Conexão Literatura, pelo carinho por essa entrevista, desejo sucesso e que mais pessoas consigam acompanhar vocês, a gente, né. Estou muito feliz de ter a oportunidade de falar um pouco da minha carreira e de meus projetos. Muito obrigado. Um grande abraço.

CONFIRA A DUBLAGEM DE RONALDO JÚLIO NOS TRAILERS DE LUPIN:

Trailer da 1ª temporada de LUPIN:

<https://www.youtube.com/watch?v=FoiQ-Xr8NDI>

Trailer da 2ª temporada de LUPIN:

<https://www.youtube.com/watch?v=ReE7eJVbPYI>

Trailer da 3ª temporada de LUPIN:

https://www.youtube.com/watch?v=_khDS44AnSg

SIGA RONALDO JÚLIO NO INSTAGRAM:

<https://www.instagram.com/ronaldojuliooficial>



CONFIRA ENTREVISTA COM SIMONE SAUERESSIG, AUTORA DE “O JOVEM ARSÈNE LUPIN E A DANÇA MACABRA” (AVEC EDITORA), POR ADEMIR PASCALE

Simone Saueressig nasceu em Campo Bom e mora em Novo Hamburgo (RS). Com mais de 30 títulos publicados, participou de várias coletâneas de contos, além da obra esparsa pela rede. Em 2011 recebeu o prêmio Livro do Ano – Narrativa Longa, da Associação Gaúcha de Escritores (AGEs) pelo romance “*aurum Domini – O ouro das Missões*” (Ed. Artes&Ofícios). Em 2022 “**O último continente**” (independente) venceu o prêmio da AGEs na categoria infanto juvenil e como Livro do Ano e “**O jovem Arsène Lupin e a Dança Macabra**” (Avec Editora) venceu o prêmio da Biblioteca Nacional, na categoria juvenil. Seu site é o www.porteiradafantasia.site.wordpress.com.

ENTREVISTA COM SIMONE SAUERESSIG, POR ADEMIR PASCALE:



Conexão Literatura: Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?

Simone Saueressig: Foi nos anos 80 do século passado, através dos fanzines que circulavam na época. Eu participava com comentários e alguns contos. Depois eu fui ficando mais ambiciosa, e em 1988 saiu o primeiro livro que eu levei até uma editora, “*A noite da grande magia branca*”. Era uma fantasia inspirada no folclore gaúcho, e na época as pessoas não sabiam muito como classificá-la – uma coisa um tanto divertida, quando a gente olha por cima do ombro. Hoje, ninguém titubearia em dizer que é uma “fantasia folclórica” ou algo assim.

Conexão Literatura: Você é autora do livro “O jovem Arsène Lupin” (Editora AVEC). Poderia comentar?

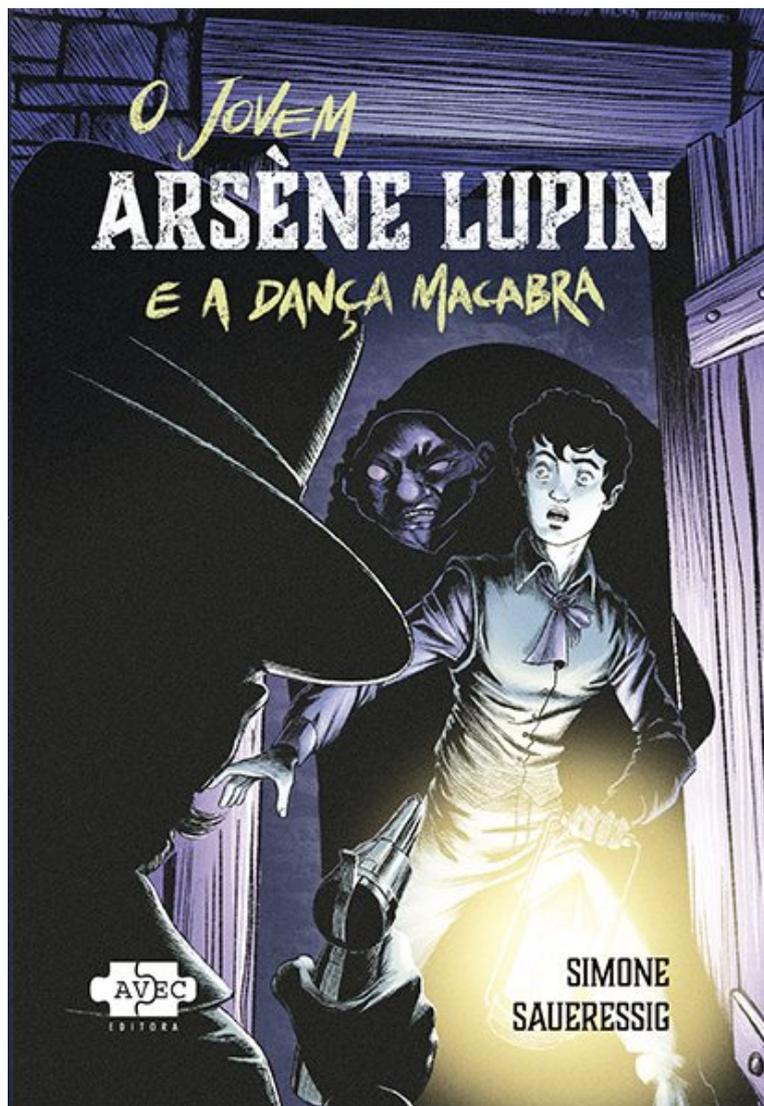
Simone Saueressig: Esse é um projeto muito bacana, sugerido pelo Artur Vecchi, da Avec Editora. Quando o personagem Arsène Lupin, criado por Maurice Leblanc, caiu em domínio público, o Artur, que já sabia que eu sou fã do personagem, me convidou para escrever algumas aventuras apócrifas sobre ele.

Conversamos um bocado e decidimos que o melhor seria explorar um hiato entre os doze e os dezenove anos do personagem, que é um período sobre o qual Leblanc não escreveu nada. É um “espaço” que dá para ocupar com outras histórias.

Conexão Literatura: Conte como foram as suas pesquisas sobre o personagem Arsène Lupin, criado pelo escritor francês Maurice Leblanc.

Simone Saueressig: Foram muito divertidas. Primeiro, porque me oportunizou reler todos os livros e mergulhar em alguns que ainda não tinha lido. Depois porque precisei estudar algo sobre a história da França e de Paris. Olha só: eu não conheço Paris, nunca visitei. Então, precisei usar tudo o que estava disponível, desde livros, até a internet. Foi muito divertido. Paris é uma cidade que passa por transformações periódicas interessantes e ousadas, além de ter um passado um tanto bruto e ser parte importante do pensamento ocidental. É uma cidade cheia de histórias e de possibilidades para contar histórias. Por outro lado, é preciso ter cuidado. Lupin é fruto da imaginação de um autor de sua época, carregado de características que hoje a gente apontaria com o dedo como preconceitos. E eram mesmo! Então preciso ter cuidado para não descaracterizá-lo e, ao mesmo tempo, respeitar o público de hoje. Estou escrevendo sobre um adolescente que em algum

momento vai se transformar em um personagem muito contraditório, que é meio herói e meio vilão, que muitas vezes parece totalmente incontrolável. Ao mesmo tempo, a gente



precisa reconhecer que Leblanc traz novidades para a literatura policial. Muitas das namoradas de Lupin não são moças inocentes, como muitas vezes se espera em um romance do começo do século XX – algumas, inclusive, são casadas ou viúvas, e muitas são proativas, que não se acomodam em papéis passivos – e temos algumas vilãs, que são as mais memoráveis. A única personagem que tem inteligência, charme e determinação capazes de enfrentar Lupin no mesmo nível que ele, é uma mulher, a Condessa de Cagliostro, que, além de ser sua mais importante amante, é também, mais velha do que ele. Como dá para ver, apesar dos muitos preconceitos de época que a gente encontra em várias partes dos livros, também encontramos várias “ousadas” por parte do autor – em sua época, bem entendido. E isso me dá espaço para imaginar histórias bem legais.

Conexão Literatura: Poderia destacar um trecho do seu livro especialmente para os nossos leitores?

Simone Saueressig: Eu gosto de vários trechos. Por exemplo, o prólogo é bem ousado, porque crio uma ligação entre a infância do personagem e os anos seguintes em um lugar que não é citado nas aventuras originais. Mas essa parte foi fundamental para mim, porque define a personalidade que dou ao personagem, exatamente o que Leblanc fez no primeiro conto que escreveu sobre Lupin, “*A prisão de Arsène Lupin*”. Diga-se de passagem, era para ser um conto único. O caso é que o público gostou tanto, que pediu mais relatos de personagem, o que autor terminou atendendo. Esse personagem tão atraente e bem-humorado, porém, de vez em quando deixa escapar um lampejo trágico, uma tentativa de fazer o mundo se encaixar nos seus propósitos. Por que ele faz isso? Um cara tão inteligente e articulado, porque ele escolheu o lado sombrio da sociedade para agir? E precisava responder essas perguntas, antes de seguir adiante. Mas o que eu curto

mesmo é a parte da história que se passa nas catacumbas parisienses. Eu fiz uma pesquisa bem interessante e foi fascinante aprender mais sobre esse espaço subterrâneo de Paris, macabro, talvez, mas cheio de histórias incríveis. Então, meu destaque é para os capítulos 9 e 10 do livro.

Conexão Literatura: Como o leitor interessado deve proceder para adquirir o livro?

Simone Saueressig: No site da editora, no aveceditora.com.br, no Amazon, ou comigo mesma, no porterialivros.lojaintegrada.com.br. Geralmente tenho alguns exemplares para venda direta, e o livro, saindo da minha mão, vai com autógrafo.

Conexão Literatura: Quais dicas daria para os leitores que desejam saber mais sobre o personagem Arsène Lupin?

Simone Saueressig: O melhor é ler os livros originais, escritos por Maurice Leblanc, lógico. Nada substitui o original. Se souber francês, então, ainda melhor, porque o tom do personagem muda. Isso é muito interessante, porque a tradução para o português o deixa mais leve. No original ele é mais literatura policial mesmo. A série da Netflix, “*Lupin*” também, é ótima, porque tem vários *easter eggs* o que se torna muito divertido para quem leu os livros. Tem uma página em francês sobre o personagem, que inclusive já citou “*O jovem Arsène Lupin e a Dança Macabra*”, é o <http://arsenelupingc.free.fr/index.php>. Além disso, ler um bocado sobre a história de Paris e da França, ajuda a compreender algumas passagens dos romances. Ah, uma dica para quem gosta de clássicos e se dispõe a ler algo mais longo: “*Os Miseráveis*”, de Victor Hugo, foi um grande guia para muitas coisas, sobretudo para o que se passa nas catacumbas. Minha teoria, inclusive, é que, apesar das pesquisas apontarem que o personagem original foi inspirado em Marius Jacob, um anarquista contemporâneo à Leblanc, qualquer leitor de Lupin que se aventure em ler “*Os Miseráveis*”, vai dizer a certa altura: “*epa, Jean Valjean? Mas isso que ele está fazendo me soa familiar...*”. Eu acho que a Literatura é como uma árvore, e os personagens vão surgindo a partir de outros. E não tem como um autor francês fugir de Victor Hugo.

Conexão Literatura: Existem novos projetos em pauta?

Simone Saueressig: Sim, estamos finalizando “*O jovem Arsène Lupin e a Coroa de Ferro*”. Se der tudo certo, sai esse ano mesmo, mas, sabe como é... estamos em novembro... não sei se vai estar pronto. Esse é o foco, no momento.

Perguntas rápidas:

Um livro: “*O Senhor dos Anéis*”, mas também pode ser “*Hex*”, ou “*Perdido em Marte*”.

Um ator ou atriz: Tom Holland. Ou o Benedict Cumberbacht ou o Marin Freeman. Todos excelentes.

Um filme: “*E.T.*”. Infância, é infância.

Um seriado: “*Sherlock*”, com o Cumberbacht. Não tem o que bate.

Um hobby: Ler, é claro.

Um dia especial: Ah, sei lá, não sou muito de datas no calendário. Mas gostaria de comemorar mais o Solstício de Verão.

Conexão Literatura: Deseja encerrar com mais algum comentário?

Simone Saueressig: Mergulhar em um personagem que não é uma criação da gente requer muito respeito, pesquisa e às vezes engolir algum sapo: nem sempre as soluções da obra original são aquelas que a gente escolheria. Apaixonar-se por um personagem é também entender que ele reflete a forma de pensar de uma época, mas a gente não precisa concordar com ela. Um escritor é apenas um instrumento de ressonância das ideias ao seu redor, e às vezes ele acrescenta algo realmente original e pessoal ao texto. Acredito que foi isso o que Leblanc fez e é o que tento fazer no meu trabalho.



Para adquirir o livro "O jovem Arsène Lupin e a dança macabra", de Simone Saueressig:

<https://aveceditora.com.br/produto/o-jovem-arsene-lupin-e-a-danca-macabra>

Para saber mais sobre a autora:

Instagram: <https://www.instagram.com/simoneescritora>

Blog: <https://porteiradafantasia.site.wordpress.com>

Para saber mais sobre a série Lupin, da Netflix:

<https://www.netflix.com/br/title/80994082>



NOTURNA E OUTROS POEMAS CLÁUDIO DUFFRAYER

NOTURNA
E OUTROS
POEMAS

"O livro de estreia de Cláudio Duffrayer, *Noturna e outros poemas*, é composto da mescla de poesia e prosa poética escapando das armadilhas de uma linguagem sintética e contida para se espriar na escrita do detalhe, do ornamento, dos arabescos.(...) Não é à toa que referências a mestres da literatura fantástica e de mistério aparecem: H. P. Lovecraft, Edgar A. Poe, Götffried Bürger ecoam como vozes da tradição encenada por Claudio Duffrayer neste livro publicado hoje, em pleno início do século XXI, pela Editora Multifoco."

Mayara Ribeiro Guimarães, professora de Literatura Brasileira na Universidade Federal do Pará.

PARA SABER MAIS

O autor possui um canal no Youtube:
<https://youtube.com/@claudioduffrayer>

Resenha do livro:
<https://daliteratura.wordpress.com/2014/01/26/resenha-noturna-e-outros-poemas-o-lirismo-sombrio-de-claudio-duffrayer/>

Seu livro pode ser adquirido através desse link:
<https://editoramultifoco.com.br/loja/product/noturna-e-outros-poemas>

O autor precisa de ajuda para financiar seu novo projeto:
<https://www.catarse.me/infernalnovo>

POR BERT JR.

GÊMEAS



Talípida Meri acordou de chofre. Vinha de um sono profundo, carregando a impressão de ter estado ausente de uma parte da sua jovem existência. Também trazia fome; uma fome que não era normal: pesava como se viesse sendo acumulada, feito peças de roupa que se empilha até formar uma coluna medindo a própria altura. Mas de qual parte de sua vida havia se ausentado? A infância retornou-lhe aos poucos, os lampejos de memória intercalando-se com recordações, mais recentes, da adolescência. Sessões de esconde-esconde ao ar livre, à noitinha, no pátio pontuado de árvores frutíferas, onde só não tinha banana, a fruta que ela mais desejava, talvez justamente pelo fato de não estar ao alcance da mão. Churrascos de fim de semana, na casa de um e outro parente, de uma e outra amiga. O biquíni exposto velozmente antes de pular na piscina; o pudor do início da adolescência. Beijo trocado feito corpo tocado em jogo de cabra-cega. Inocência se perde com a imaginação? Pelar uma banana sugeria despir um corpo, de perfume sutil, entrega fácil, silenciosa, arredondado pelo trabalho da língua, logo prensado contra o palato, de modo a entregar até a última molécula de sabor. Temperos: canela, melado, queijo fundido. Cuidado pra não se queimar! Quando foi que substituiu todos os adereços da fruta por granola com leite de soja? Tinha sido exigência da própria banana, num devaneio de comunicação telepática? E lá estava a fruta, erguendo-se majestosa, a emitir sentenças com voz de comando, no ar matinal da cozinha, através de uma fresta de casca entreaberta. Esta última lembrança parecia provir de um sonho, ou de outra pessoa, alguém muito próximo.

Quando acordou estava de pé, na garagem do edifício, trajando um conjunto de moletom – blusa verde-claro, calça verde-escuro –, tênis cor-de-laranja, boné e óculos de sol, tratando de acomodar uma enorme bolsa de viagem no porta-malas do carro. Apresentou-se ao zelador, seu Jeremias, que só conhecia a irmã gêmea, Talívda Mara, moradora do edifício e criadora da revolucionária dieta VegaLight, baseada no consumo de alcachofras e pimentões. Entrou no carro para seguir viagem rumo a Pinhal dos Cumes. Era como se só existisse Pinhal dos Cumes; naquele momento, não conseguia pensar em nenhum outro destino. Acossada pela fome, não tardou muito a encontrar um restaurante de estação de serviço, à beira da estrada, com bufê e churrasco. Após encomendar uma limonada com pouco açúcar, Talípida sentiu-se confusa diante das opções do bufê, preocupada pelo fato de não haver alcachofra. Contudo, pimentões havia, e deles serviu-se com fartura, em homenagem à irmã. Quando se aproximou do balcão de churrasco, chorou. Talvez efeito da fumaça, pensou; talvez as lágrimas fossem como as gotas de gordura, que escorriam dos salsichões e pedaços de carne espetados, girando sobre a brasa ardente. Mas sabia que era algo que vinha de dentro dela, não de fora. Algo represado, que agora transbordava. Apontou para uma linguiça, logo transposta inteira para a mesa antes que o churrasqueiro a picasse. O primeiro pedaço levado à boca rompeu a vidraça negra num porão escuro, por onde penetrou um poderoso raio de luz. Na segunda prova, Talípida suspirou; era a porta que se destrancava, dando lugar à terceira garfada e todas quantas pudesse. Quando pensava em voltar ao balcão de churrasco e pedir um naco de contrafilé, sua irmã Talívda apareceu de repente, dizendo ser hora de seguir viagem. Dali até Pinhal dos Cumes, seria agora Talívda quem dirigiria; Talípida passaria à posição de coadjuvante.

Depois de instaladas na pousada, Talívída saiu à tarde para passear a pé pela cidadezinha serrana. Encontrou um endereço charmoso, onde sentou-se para comer uma fatia de bolo de milho recheado com chocolate. Não tardou a ser interrompida por Talívída, que, mal chegou, já foi atendendo a uma chamada telefônica importante. Tratava-se de um convite, para que falasse da dieta VegaLight no programa matinal de gastronomia e bem-estar da apresentadora Lunarda Mendes. Imediatamente, porque Talívída não podia se permitir engordar uma única grama até o dia da entrevista na televisão, Talívída foi impedida de finalizar sua fatia de bolo. Em seguida, Talívída foi comprar roupas, para que comemorassem a notícia jantando juntas. Mais tarde, no restaurante, Talívída teve que se contentar com um filé de peixe grelhado ao molho de alcaparras, cujo acompanhamento foi dispensado pela irmã, que, reclamando não haver nada vegano no cardápio, absteve-se de ingerir algo além de água temperada com sumo de limão: corta o apetite, explicou. De volta ao quarto da pousada, Talívída, mãos unidas em prece, pediu que Talívída se afastasse, se retirasse, mesmo, de sua vida, pelo menos por um tempo. Sua aparição repentina, na garagem do edifício, para fazer-lhe companhia na viagem a Pinhal dos Cumes, fizera sentido no contexto de uma pausa na rotina intensiva de influenciadora de moda dietética. Agora, o contexto havia mudado: devia preparar-se para participar num programa de grande audiência da mídia tradicional. Aquilo podia ser um divisor de águas na sua trajetória profissional. Não podia correr o risco de condescender com uma linguicinha aqui, um filezinho de peixe ali, e sabe-se lá o que mais acolá. Talívída entendeu o recado, mas não se afastou de todo. Decidiu manter-se conectada à irmã; apesar de tudo, sentia que sua presença era necessária.

No início da madrugada, Talívída foi sacudida por um pesadelo que a fez acordar toda suada. Mal conseguia respirar na penumbra do quarto. Estendeu os braços e seus dedos deram de encontro a uma barreira pegajosa. Morrendo de calor, quis empurrar as cobertas para longe; então percebeu que estava envolta em tiras de massa mole e quente, lambuzadas de molho branco. Perplexa, Talívída percebeu que se encontrava no interior de uma lasanha. Golpeou o espaço circundante com os cotovelos e as mãos para abrir um buraco na cobertura de queijo que lhe permitisse respirar. A seguir, tentou escapar daquela armadilha culinária arremessando-se ao solo, usando a gravidade e o peso do corpo para desfazer-se dos tentáculos elásticos de muçarela que a retinham nas imediações do leito. Talívída controlou-se para não intervir, afinal a irmã tinha sido muito clara em vedar sua interferência nos assuntos dela. Ao mesmo tempo sentia-se culpada, porque sonhava com uma bela lasanha, assando no forno, antes de ser despertada pelos movimentos angustiados da irmã. Talívída gritou por socorro, mas o vizinho de corredor da pousada achou que estivesse louca, ou bêbada, ao ouvi-la afirmar que estava sendo atacada por uma lasanha assassina. Com muito esforço, Talívída deslizou sobre o chão acarpetado do quarto, em direção ao banheiro. Lá chegando, meteu-se no box de banho e ligou o chuveiro, na esperança de eliminar os pedaços de massa com molho branco e queijo que enrijeciam seus movimentos. “Morra!”, bradou; mas o que choveu sobre ela, em vez de água, foi molho à bolonhesa: a lasanha era mista, exatamente como no sonho de Talívída.

Enquanto Talívda se recuperava, internada na clínica em Pinhal dos Cumes, Talípida sussurrava coisas em seu ouvido. Pedia desculpas, não queria interferir; no entanto exercia influência, assim, meio como a lua com a Terra. Simplesmente existia, com seus sonhos, suas memórias, seu passado de antes da invenção da dieta, seus gostos e preferências, que possuíam um caráter inegavelmente onívoro.

Quando Talívda despertou e retornou a casa, invocou Talípida para um jantar em que o prato único foi lasanha mista. Talívda não necessitava comer; alimentava-se só de ver a satisfação da irmã atacando a comida. Ainda assim, comeu com ela, num só prato, num só garfo. Desejou, expressamente, que ambas nunca se apartassem por muito tempo. Estariam próximas. Talípida teria direito a escolher o menu dois dias na semana e levá-la a passear de bicicleta pelo parque.

Talívda não sofreria mais nenhum delírio com comida. Durante o programa de Lunarda Mendes, sugeriu que a apresentadora chamasse sua irmã gêmea, Talípida Meri, para uma entrevista sobre a importância do prazer em se alimentar. Inclusive, confessou admirá-la por ser capaz de deglutir, sem culpa, dois bons medalhões de filé mignon ao gorgonzola (agora acompanhados de salada de pimentão com alcachofra).

N.A.: As gêmeas Talívda Mara e Talípida Meri são personagens do conto “VegaLight” (in *Fict-essays e contos mais leves*, ed. Labrador, 2020).

Bert Jr. é gaúcho de Porto Alegre. Graduou-se em História, pela UFRGS, e Diplomacia, pelo Instituto Rio Branco. Sua experiência como diplomata já o levou a vários países. Estreou na ficção em 2020, com *Fict-Essays e contos mais leves*. Em 2021, publicou o seu primeiro livro solo de poesia: *Eu canto o ípsilon E mais*. No ano seguinte, lançou um novo volume de contos, *Do Incisivo ao Canino*, e um segundo livro de poemas, intitulado *Nevoandei*. Em set/23 lança *Vic&Verei*, contendo poemas curtos, frases e axiomas. Pretende publicar, em breve, uma antologia de crônicas humorísticas. Tem sido colaborador assíduo da revista eletrônica Conexão Literatura.

Instagram: @_bertjunior.

Facebook: Bert Jr.

Site: www.bertjr.com.br.

que faz o bêbado?
sei que bebe, que mais?
será que adormece, de fato?
ou apenas desaba na mesa
babando entre garrafas secas
depois tomba na calçada
e por onde passa escorrega
tropeça, desmorona...

que faz o bêbado?
entrega-se?
à bebida eu sei, a que mais?
chora mesmo de verdade
ou sua emoção é bastarda
falseada pela embriaguez
incapaz de ter origem
no que não seja repulsa e piedade?

sonhará o bêbado? ou viverá em pesadelo
onde o único sonho recorrente é o do vômito
que lhe permitirá beber novamente?

que faz o bêbado?
talvez tudo melhor do que os sóbrios
quicá durma liberto de angústias
se lance às emoções mais puras
sofra sem precisar de consolo
sonhe com um amanhã perfeito

a bebedeira do bêbado
seria então uma prece
doente
para que o mundo

endireite



Por Bert Jr.

Bert Jr. é gaúcho de Porto Alegre. Graduou-se em História, pela UFRGS, e Diplomacia, pelo Instituto Rio Branco. Sua experiência como diplomata já o levou a vários países. Estreou na ficção em 2020, com Fict-Essays e contos mais leves. Em 2021, publicou o seu primeiro livro solo de poesia: Eu canto o ípsilon E mais. No ano seguinte, lançou um novo volume de contos, Do Incisivo ao Canino, e um segundo livro de poemas, intitulado Nevoandeiro. Em set/23 lança Vi&Verei, contendo poemas curtos, frases e axiomas. Pretende publicar, em breve, uma antologia de crônicas humorísticas. Tem sido colaborador assíduo da revista eletrônica Conexão Literatura.

Instagram: @_bertjunior. Facebook: Bert Jr.
Site: www.bertjr.com.br.

2023

1º Prêmio Literário

REVISTA CONEXÃO LITERATURA

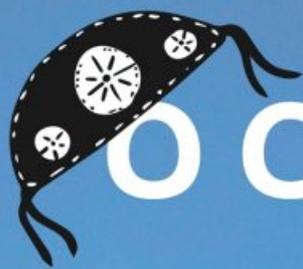


Conexão Literatura

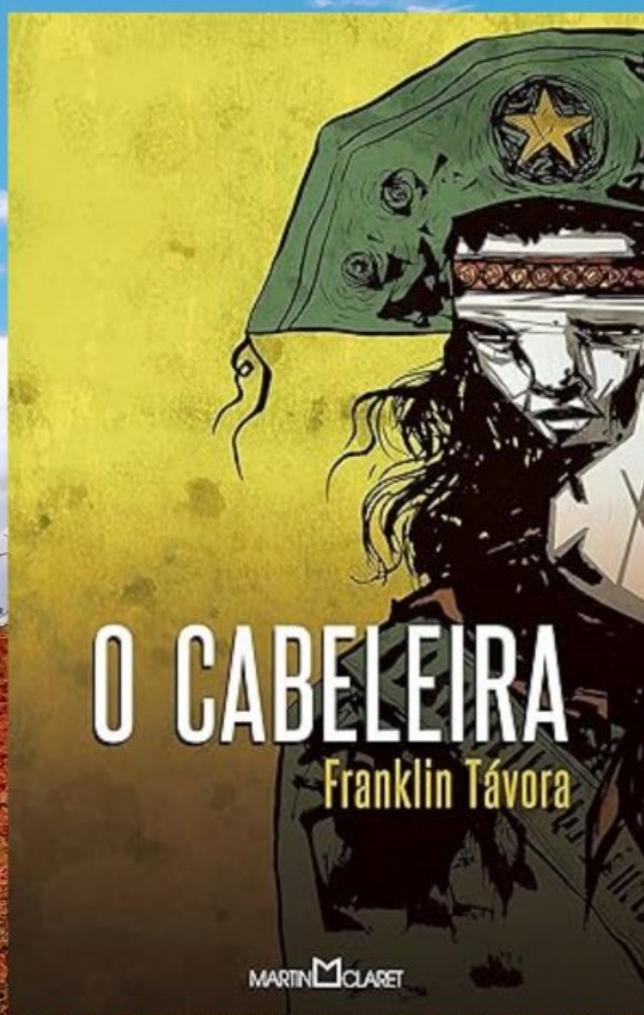
INSCRIÇÕES DE
15/09 a 01/12

SAIBA MAIS, ACESSE:

www.revistaconexaoliteratura.com.br



O CABELEIRA ✨ E A LITERATURA DO NORTE



POR GILMAR DUARTE ROCHA

O Nordeste sempre teve a primazia em produzir escritores de talento, grande estro e vastíssima imaginação. Esse fenômeno não é gratuito, muito menos circunstancial, visto que as terras brasileiras contempladas por múltiplos biomas e localizadas acima do paralelo 15, aqui incluindo o Grão-Pará, foram as primeiras a serem colonizadas pelos portugueses, com incursões pontuais de espanhóis, franceses e holandeses, estes últimos, inclusive, trouxeram na bagagem da sua segunda invasão (termo cunhado sob a ótica do colonizador preponderante, o português) às terras de Pernambuco, uma gama de cultura, conhecimentos, técnicas agrícolas e até industriais. Os neerlandeses pretendiam de fato estabelecer uma civilização nos trópicos americanos e já tinham até nome para a essa possível nação: Nova Holanda. Só para ter uma ideia da severidade do empreendimento, apenas para focar no âmbito cultural, o conde Maurício de Nassau, o prócer governante designado pela coroa de Orange, trouxe uma comitiva chamada de “agência de publicidade”, que consistia de 46 artistas, cronistas e naturalistas. Os holandeses, por motivo que não cabe aqui discorrer, não conseguiram dourar o seu projeto, remanescendo nesses rincões por apenas duas décadas e meia, tempo suficiente, contudo, para espalhar os seus tentáculos culturais do Maranhão até Alagoas. Não obstante a ousadia da iniciativa dos Países Baixos, os portugueses, por motivos óbvios, talvez para consolidar de vez o seu império tropical, passaram a investir mais e mais no vetor setentrional do Brasil, mormente em cidades estratégicas como São Luís, onde o Padre Vieira desembarca dez anos após os holandeses deixarem as últimas pegadas em solo maranhense. O emérito eclesiástico trazia na sua missão jesuítica, além de prescrições estratégicas designadas pela coroa lusitana, a difusão da sua extensa cultura entre os neófitos e gentios habitantes daqueles rincões da colônia. Processos similares se desenvolveram nas outras províncias do Norte, especialmente na Bahia, em Pernambuco, na Paraíba e no Ceará. O hemisfério superior da maior colônia portuguesa, impregnava-se paulatinamente de cultura, embora esse fenômeno, necessariamente, não se traduziria, ao curso do tempo, em progresso econômico.

Literariamente falando, apenas um século e meio depois, ultrapassando, inclusive, todo o ciclo literário chamado de neoclassicismo, onde vates de Minas Gerais como Tomás Antônio Gonzaga, Alvarenga Peixoto e Cláudio Manoel da Costa esbanjaram imenso talento durante o curto espaço de tempo de vida que lhes foi permitido, é que começaram a brotar os primeiros frutos do verbo literário do lado norte do Brasil, então na condição de império. Gonçalves Dias chegava à Capital Federal e assombrava os meios acadêmicos com a sua poesia ufanista, romântica, indianista e extremamente inspirada. O trabalho do mestiço maranhense encaixava-se como uma luva no panorama da literatura romântica prevalecente à época. Na prosa, poucos anos depois, era a vez do cearense José de Alencar começar a arrancar aplausos e tornar-se o expoente maior do romantismo, publicando novelas em série, de grande aceitação de crítica e enorme apreciação dos leitores. Uma dezena de anos depois, eis que entra em cena uma personagem também de origem cearense, o escritor Franklin Távora (1842-1888), que questiona a autenticidade regionalista de escritores como Alencar, se propõe a criar a “literatura do Norte”, como ele mesmo justifica *“as letras têm, como política, um certo caráter geográfico; mais no Norte, porém, do que no Sul, abundam os elementos para a formação de uma*

literatura, filha da terra. A razão é óbvia: O Norte não foi invadido como está sendo o Sul de dia em dia pelo estrangeiro”.

Dando sequência ao pretenso movimento ufanista, que acaba se configurando num levante literário de uma só pessoa, Távora publica, em série, romances regionais como “Os índios do Jaguaribe”, “A casa de palha”, “O casamento no arrabalde”, quando ainda residia em Recife (cidade onde se transferiu com os pais em 1844) e depois, já na sua fase carioca, “O matuto”, “Lourenço”, “O sacrifício” e o mais importante de todos, “O cabeleira”, que reflete de fato um livro de cunho regionalista, embora alguns críticos o considerem uma concepção de crônicas à guisa de romance.

“O cabeleira”, tachado de “uma história de espantar”, embora com estruturação ligeiramente tosca e arremedo de reportagem de época (aqui, na minha modesta opinião), continua atemporal devido à profundidade com que o escritor trata uma história de cangaceiros em meados do século XVIII (muito antes, portanto, do tema “cangaço” ganhar voga nacional); a rigor, a história de uma família de cangaceiros, composta por José Gomes, o protagonista, vulgo Cabeleira, seu pai, Joaquim Gomes, e um mameluco de nome Teodósio, que aterrorizam os moradores dos arredores da região do Rio Capibaribe, Pernambuco, e resolvem investir contra a Vila do Recife, causando pânico entre os moradores da ainda incipiente cidade. Seguem-se saques, latrocínio, incêndios, carnificina, conchavos, perseguições e retrocesso. O autor, no comando do enredo, parece antever a saga dos cangaceiros do século XX, onde o crime empenhado por homens de espírito rústico e educados para retaliar a condição de miséria em que vivem, flagelando e trucidando os seus concidadãos sem se importar com as consequências e com o poder — sempre soberano — da elite dominante, que não mede forças e recursos em levá-los ao patíbulo e à lâmina afiada da guilhotina da justiça dos fortes.

Talvez aí resida a força do livro de Franklin Távora, que inclusive faz comparação do personagem principal a figuras párias, épicas e românticas: *“Durante muitos anos, ouvindo suas mães ou suas aias cantarem as trovas comemorativas da vida e morte desse como Cid, ou Robin Hood pernambucano, os meninos tomados de pavor, adormeceram mais depressa, do que se lhes contassem as proezas do lobisomem ou a história do negro do surrão muito em voga entre o povo naqueles tempos”.*

No fim das contas, o romântico ou realista Távora — dependendo do ângulo por onde se analisa a sua obra — é mais um daqueles autores que não conseguem vivenciar a força da sua quimera, pois “O cabeleira” passou em branco num período onde a escola realista espalhava as suas garras e o seu ranço se impregnava em tudo que se referia a fabulação. A literatura do Norte que ele tanto aspirava só viria “vingar” de verdade mais de cinquenta anos depois, com a publicação d’ “A bagaceira”, de José Américo de Almeida, a favor do qual o crítico Agripino Grieco se manifestou como “romancista ao Norte”, abrindo então uma trilha que desaguaria num oceano de grandes livros de

escritores setentrionais como Jorge Amado, José Lins do Rego, Rachel de Queiróz, Amando Fontes e outros.

O cearense Távora, no entanto, nunca foi e nem será esquecido. Sua obra, por mais imberbe e deslocada que seja, continua como parâmetro para estudiosos de literatura em todo o Brasil.



Gilmar Duarte Rocha, integrante da Academia Brasileira de Letras, é autor de vários livros de ficção e uma obra de impressões de viagem. Atualmente exerce o cargo de diretor da Associação Nacional de Escritores-ANE.

O nome dela é coragem

POR LUCIANA SIMON DE PAULA LEITE

Narges Mohammadi: é uma ativista iraniana de direitos humanos e vice-presidente do Centro de Defensores dos Direitos Humanos (DHRC). Em 6 de outubro de 2023, recebeu o Nobel da Paz "por sua luta contra a opressão das mulheres no Irã e pela sua luta para promover os direitos humanos e a liberdade para todos".

Narges Mohammadi

CRÔNICA



Abro o jornal. Em evidência, leio a notícia sobre a vencedora do prêmio Nobel da Paz. Narges Mohammadi. Costumo ler os jornais todas as manhãs pois, no auge de meus sessenta e cinco anos, ainda acho que preciso estar bem informado para conversar com os pacientes naquelas lacunas silenciosas desagradáveis que acontecem nas consultas, após ouvir um suspiro desanimado ao comunicar que a medicação é contínua e não pode ser suspensa por pura rebeldia. Nunca ouvi falar nessa moça. Vou ler a matéria.

Segundo o texto, Narges é ativista de direitos humanos no Irã e a décima nona mulher a ganhar esse honroso prêmio. Recebeu condenações seguidas por sua luta contra a pena de morte, o confinamento solitário, em defesa dos direitos das mulheres. Além de estar detida, foi condenada a 154 chibatadas além de diversas restrições, proibida inclusive de viajar ao exterior onde se encontra exilada sua família, esposo e filhos, os quais não vê há anos. O slogan que Narges foi ouvida bradando foi de “mulher, vida e liberdade”, o qual foi utilizado em levante de 2022 em virtude da morte de Mahsa Amini, quando se encontrava sob custódia da polícia moral do Irã. Chibatadas, por Deus! Instantaneamente, surgem em minha mente imagens do escravismo onde pessoas negras acorrentadas em troncos eram torturadas, os fios de sangue escorrendo nas costas repletas de linhas retas entrecruzadas. Uma verdadeira barbárie!

Anselmo, o que é que você está lendo tão entretido, hein? Posso saber?

Ah, Wilma é curiosa, quer adivinhar até meus pensamentos...

— É uma notícia sobre a ganhadora do prêmio Nobel, uma iraniana que está presa.

— Que bacana! Mas qual a razão?

— Ela luta pela liberdade, enfrentou várias adversidades e está detida, condenada imagine você, a ser algo como chicoteada! É contrária à pena de morte, às imposições do islamismo fundamentalista, pelo o que entendi. Mas fico me perguntando se há alguma chance dessa resistência provocar efeito benéfico diante da intensidade da violência e do primitivismo advindos do radicalismo religioso.

— Olha Anselmo, você se lembra que eu achava quando era jovem que todos os mulçumanos eram perigosos? Agressivos? Mas eu conheci a Layla na aula de tricô, já comentei dela, casada com um empresário libanês. Mudou completamente minha concepção.

— Sei, sei, você disse mesmo que o filho mais velho dela havia entrado no curso de Medicina da Unesp.

— Exatamente! Ela me explicou na hora do café, com muita paciência e bom humor, que essa idéia é completamente equivocada. A raiz do Islã não diverge em essência das religiões monoteístas, prega-se a ética, o bem proceder, práticas salutares aos fiéis e não há ódio aos cristãos e judeus de modo preconcebido, por exemplo. Ela me contou que frequenta uma mesquita aqui na cidade e o xeque, que é o orientador

religioso, esclareceu que o texto sagrado do Alcorão é interpretado de modo tendencioso pelos fundamentalistas radicais que tiram completamente as frases do contexto em que foram concebidas. Uma coisa que achei bem importante para melhor compreender o que acontece é que, inegavelmente, existem condições propícias para que o fanatismo religioso se configure como pobreza, desigualdade social, instabilidade política. Há um aproveitamento desse conjunto de elementos mais o efeito fortemente emocional dos apelos, com alusão ao resgate da pureza, digamos assim, das palavras do profeta Maomé, a serem vivenciadas na vida cotidiana atual, para que surja o fundamentalismo religioso islâmico. O objetivo é o exercício do poder e a religião é um instrumento de submissão do povo. Para mim fez sentido, o que você acha?

Fiquei um pouco em silêncio. Sempre achei uma confusão o Oriente Médio. Mas o que Wilma disse realmente tem lógica.

— Bom, querida, estamos mais velhos, já vimos e vivemos experiências diferentes. O mínimo que devemos nos cobrar é o questionamento. Ou seja, não nos referirmos aos outros como algo de antemão estático, com uma visão maniqueísta, os mocinhos e os bandidos, por exemplo. Eu acredito sim que sua amiga esteja correta. Pelo o que já ouvi sobre o islamismo, trata-se de uma religião como outra qualquer que busca a harmonia com Deus, o ajuste da conduta humana, a coerência, as boas ações. Só realmente não sei se essa ativista se encontra no rumo certo ao permanecer em sua terra para ser martirizada já que no Irã inclusive de concepção de estado é completamente distinta da ocidental, com repulsa aliás a tudo que se origina do nosso lado do globo. É uma outra visão de mundo. A resistência pacifista num sistema onde se rejeita qualquer outro ponto de vista que não a interpretação tendenciosa de um texto religioso com violência institucionalizada — e não somente permitida, mas até mesmo apregoada — me parece complexa e talvez, pouco efetiva.

— Verdade Anselmo. Só de pensar que uma boa mulher irá receber chibatadas por ser contrária a pena de morte, por defender o direito das mulheres existirem, se expressarem, não serem agredidas, não consigo deixar de pensar no horror que existe no mundo!

Transcorrido não mais que um dia, ouço no rádio a notícia de que o grupo Hamas, com faceta terrorista e vinculado a palestinos na faixa de Gaza, invadiu Israel no sábado, dia sagrado para a religião judaica, lançando mais de dois mil foguetes, matando e sequestrando moradores. Em contra-ataque, Israel atingiu cidades na faixa de Gaza. Inúmeras vidas foram perdidas. Procurei informações sobre eventual envolvimento do Irã e li que porta-voz do grupo Hamas teria dito que os terroristas receberam apoio do Irã para a realização do ataque pois aquele país iria amparar os combatentes palestinos até a libertação da Palestina e de Jerusalém. Não consigo pensar de modo singelo. Se isso ocorreu, de coincidência não se tratou. Talvez a visão mais equilibrada desse conflito acirrado advindo da criação do Estado de Israel e a disputa de terras entre os povos de culturas distintas reflita a circunstância de que cada parte tem lá seus argumentos, com justificativas. Os judeus se reportaram à precedência histórica na ocupação do território; os palestinos, à tomada de terras antes do aparecimento do Estado de Israel, com invasão

continua de seus territórios até que restaram comprimidos na faixa de Gaza sob condições econômicas bastante adversas, convivendo com alto índice de desemprego, falta de gêneros, de saúde de qualidade, de segurança, de habitações, vivendo sob embargos dos países vizinhos, o medo de uma nova guerra sempre presente, o ódio alimentado ao se recordar parentes que sucumbiram nas lutas travadas por anos a fio, em batalhas desiguais. Nem sempre com armas. Mas com exclusão, desigualdade, preconceito recíproco. Ainda que consiga me convencer disso, não há como objetivamente achar legitimada a violência, o desrespeito à vida humana, a crueldade. Como num ciclo vicioso de vingança indefinidamente, o derramamento de sangue poderá exterminar o ser humano. E de nada valerá tanta celeuma por um espaço não extenso de terra, o qual restará estéril e fadado ao vácuo no movimento do universo, certamente com um Deus único contemplando o cenário catastrófico em que lhe atribuíram a responsabilidade de eleger um dos lados, ao passo que amara ambos.



LUCIANA SIMON DE PAULA LEITE:

Juiza de Direito Titular I da 5ª Vara da Família e Sucessões do Foro Regional de Santana - São Paulo - Capital; Integra há 29 (vinte e nove) anos os quadros da magistratura paulista; Especialização em Direito de Família e Sucessões pela EPD – Escola Paulista de Direito em 2018, dentre diversos cursos. Em dezembro de 2021 lançou conto com informações jurídicas alusivas a violência doméstica e familiar denominado “Para Nossas Meninas”, Editora Autografia, Rio de Janeiro. Colunista no jornal digital Magis sobre Direito das Mulheres.

E-mail: lucianasimonpleite@gmail.com

Rede Social: [@l.sleite](#) (Instagram)

NOVO ROMANCE DE ADEMIR PASCALE



Três jovens interligados vivenciam as feridas que a nossa sociedade perpetua: violência, injustiça e bullying, numa comunidade carente do litoral de São Paulo, até encontrarem um ex-repórter de guerra que poderá mudar o rumo de suas vidas.

BAIXE O E-BOOK GRATUITAMENTE: CLIQUE AQUI

MAFRA EDITIONS
REVISTA CONEXÃO LITERATURA



POR MIRIAN MENEZES DE OLIVEIRA

POEMA MELANCOLICO DE BEIRA DE ESTRADA

O corpo pesa, mas não mais que a mente!
Cada minuto: uma batalha imensa!
Cabeça cansada e também dormente...
Alma dispersa, transpassada e tensa!

Passo a passo, em percurso reticente,
retas e curvas; uma estrada extensa!
Ânimo discreto e remanescente,
levando a pensar que "trilhar" compensa.

O cansaço e o roteiro inacabado
rascunham uma alma entorpecida.
É certo que o destino só é traçado...

com base no escolhido pra essa vida!
Paradas, no roteiro elaborado,
reescrevem as andanças e partidas.

Mirian Menezes de Oliveira é Mestre em Semiótica, Tecnologias de Informação e Educação – UBC – Mogi das Cruzes – SP. Especialista em Leitura e Produção de Textos – UNITAU – Taubaté – SP. Membro da REBRA – Rede de Escritoras Brasileiras dedica-se, atualmente, aos estudos de Fotografia e História da Arte, visando crescimento pessoal. Membro efetivo e correspondente de diversas Academias e Instituições, possui livros e participações em Antologias nacionais e internacionais, assim como poemas musicados em Projetos de Intercâmbio Cultural. Seus livros infantis e de poesia circulam por Salões Internacionais de Livros. É colunista e participa, com frequência, de publicações coletivas (e-books), em Revistas Eletrônicas de Literatura. Recentemente, concluiu Curso de Extensão Universitária, em História da Arte.



**PORTINARI E CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE:
A GUERRA COMO ESPETÁCULO TEATRAL E O PRENÚNCIO
DA PAZ UNIVERSAL**



POR REGINALDO LEITE



Figuras 1a e 1b - Cândido Portinari. *Guerra e Paz*, 1952-1956. Painéis em óleo s/madeira compensada, 1400 x 1058 cm (Guerra) e 1400 x 953 cm (Paz). Nova Iorque. Organização das Nações Unidas. Foto: Ricardo Hippert (*Projeto Portinari*).

É preciso haver uma mudança, o homem merece uma existência mais digna. Minha arma é a pintura.

As palavras de Cândido Portinari (1903-1962) – em entrevista ao periódico *Diretrizes* (ano 08, nº89. Rio de Janeiro, agosto de 1945, p.03) –, assinalam sua preocupação com as problemáticas sociais. Trata-se de um posicionamento que, posteriormente, ele materializaria nos painéis *Guerra e Paz*, possivelmente sua última grande obra. Nascido em Brodósqui, interior de São Paulo, Portinari deixou sua terra natal em plena pandemia de Gripe Espanhola para vir ao Rio de Janeiro, então Capital Federal, a fim de estudar pintura na Escola Nacional de Belas Artes (ENBA). Ali, em 1928, ele conquistou o Prêmio de Viagem oferecido na XXXV Exposição Geral de Belas Artes. Em 1929, partiu para a Europa para aprofundar seus estudos, estabelecendo-se principalmente em Paris. Portinari conviveu com duas grandes guerras, testemunhou inúmeras perdas e tomou para si a responsabilidade, por meio de suas criações, de ser uma das vozes mais ativas de um povo – o brasileiro –, então (e ainda hoje) assolado por tragédias diárias.

Guerra e Paz são dois painéis pintados que foram concebidos e executados no Rio de Janeiro entre 1952 e 1956. Portinari realizou as pinturas sobre chapas de madeira compensada de cedro, contraplacadas e à prova d'água, preparadas pela indústria naval

carioca e quarteladas com área de 2,5 x 5,0 metros. Em sua totalidade, todavia, cada um dos painéis mede cerca de 14 metros de altura por 10 de largura - ou seja, é composto por várias chapas, que configuram um complexo quebra-cabeça. Portinari executou cerca de 180 estudos em diversas técnicas e suportes para engendrar as obras, grande parte dos quais encontra-se hoje na sede do *Projeto Portinari*, no Rio de Janeiro.

No entanto, desde sua gênese, os painéis foram pensados como uma doação do governo brasileiro à Organização das Nações Unidas (ONU). Já em 19 de setembro de 1952, tal doação foi oficializada por Vasco Leitão da Cunha, então chefe do Departamento Político e Cultural do Ministério das Relações Exteriores do Brasil. A destinação final de *Guerra e Paz* era a sede da ONU em Nova Iorque, projetada por uma equipe de arquitetos de diversos países liderada pelo estadunidense Wallace K. Harrison (FABRIS, 1998, p.72-73). Em setembro de 1957, os painéis foram instalados em um dos pontos de maior relevância da edificação: o lobby sul que dá acesso ao salão da Assembleia Geral, o coração simbólico da ONU. Colocados em paredes opostas do lobby (*Guerra* à direita, *Paz* à esquerda), os painéis são vistos separadamente pelos delegados ao entrarem e saírem do salão onde discursos são proferidos e votações são feitas. Essa dinâmica de apreensão parece sublinhar que o equilíbrio entre os dois opostos figurados por Portinari é delicado e eternamente instável: cabe a cada um dos delegados, representando seu país, decidir se suas falas e escolhas pesarão para o lado do conflito ou do convívio pacífico.

Com efeito, ao nos depararmos com as imagens de *Guerra e Paz*, a impressão é de forte contraste. No primeiro painel, vemos um panorama caótico, com múltiplos personagens e códigos visuais, conflitos e fragmentos de paixões extremas. Essa obra é marcada por aglomerações, mulheres desesperadas com seus filhos mortos, cavaleiros e cavalos vestidos como em duelos medievais - autênticos arautos do Apocalipse, fantasmas do passado que ressurgem pelas mãos ditatoriais -, retirantes esqueléticos, fugindo dos conflitos. No cromatismo da *Guerra*, Portinari não recorreu ao tradicional vermelho, mas aos azuis luminosos dos cavaleiros espectrais e aos roxos, tons rebaixados que evocam a melancolia frente à impossibilidade de lutar diante da morte trágica e intransferível.

No painel da *Paz* - mais luminoso, marcado sobretudo por tons terrosos e dourados -, vemos a singeleza infantil e tradições regionalistas brasileiras, materializadas por Portinari como celebrações da própria vida. Há também aglomerações, mas essas são festivas: crianças em rodas, lavradores na colheita, um palhaço a divertir os outros personagens, a celebração da expectativa de um futuro promissor nos atos simples de cantar, brincar, dançar, sorrir. Nos múltiplos motivos figurados nos painéis para a ONU, os personagens que surgiram em diferentes obras anteriores da sua carreira artística retornam, como que evocados pela memória do artista. Desse modo, ele conjuga uma figuração marcadamente brasileira com temas mais gerais, que tem uma conotação universal.

No hiato entre sua confecção no Rio de Janeiro e instalação em Nova Iorque, poderíamos pensar os painéis de Portinari como um bem “brasileiro” que se tornou “universal”, como bem exprimiu o diplomata João Neves da Fontoura em uma declaração publicada no jornal *Imprensa Popular*, a 05 de janeiro de 1956 (Edição B01697, Rio de Janeiro, p.02).

Os bastidores da negociação diplomática levada a cabo pelo governo brasileiro revelam, porém, que a aceitação de *Guerra e Paz* pela ONU não foi desprovida de tensões. Havia em alguns países, como EUA e França, o temor de que os painéis teriam um viés ideológico. Com efeito, o interesse de Portinari pelas causas populares era já evidente antes da realização de *Guerra e Paz*, o que não era bem-visto por governos fora do espectro da chamada esquerda política. Por exemplo, após desembarcar em Buenos Aires com a família em 30 de maio de 1947, Portinari manteve reuniões com empresários, políticos e intelectuais da esquerda argentina. No dia 15 de junho, ministrou uma palestra ao grupo, na qual definia seus posicionamentos.

A historiadora da arte Annateresa Fabris (1998) enumerou as tentativas de acordo entre os governos do Brasil e EUA, desde o convite feito a Portinari até o momento da instalação dos painéis na sede em Nova Iorque. Devido à filiação do pintor ao Partido Comunista no Brasil, países como EUA e França apresentaram resistência ao seu nome, fato que gerou contratempos à produção e montagem dos painéis. Como vimos, a obra foi pintada em partes encaixáveis, transportadas aos EUA para a montagem na própria sede da ONU. No entanto, Portinari não recebeu o visto de entrada no país para acompanhar o trabalho de final de instalação. Após empenho das autoridades brasileiras, o visto foi concedido, mas o artista não recebeu convite oficial para supervisionar a montagem, tampouco estar presente na cerimônia de exposição dos painéis. Triste com as dificuldades e desprezo, Portinari decidiu não viajar aos EUA, e o monumento foi montado sem sua presença.

Após a entrega de *Guerra e Paz* à ONU, Portinari foi também proibido de se estabelecer na França, mesmo tendo se especializado em Paris após ser estudante da ENBA. Em 1961, solicitou sua entrada no país, que não foi aceita. Por conta da repercussão negativa, o governo francês voltou atrás em sua posição, decidindo que o artista poderia ali permanecer por no máximo noventa dias, sob uma condição: a de não se pronunciar sobre qualquer tema e ou questão de cunho político, o que Portinari aceitou.

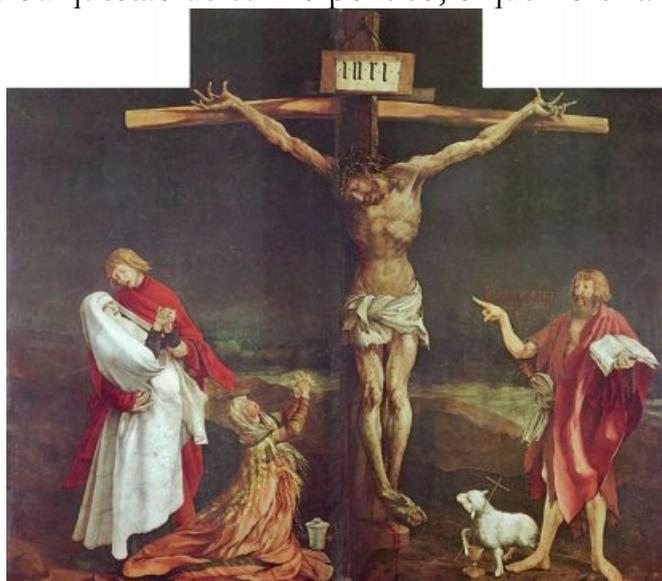


Figura 2 – Mathias Grünewald. *Cristo crucificado*, 1516. Retábulo de Issenheim. Têmpera e óleo s/madeira. Museu de Unterlinden de Colmar, Alsácia, França. Foto: Museu de Unterlinden de Colmar.

Um pormenor dessa estadia de Portinari em solo francês vale aqui ser referido. Em novembro de 1961, o pintor foi à cidade de Colmar, no nordeste de França e próxima da fronteira com a Alemanha, para visitar o Museu de Unterlinden. Sua intenção principal era ver especificamente o chamado *Retábulo de Issenheim* (1512-16) de Matthias Grünewald (1470-1528), cuja peça central é uma dramática figuração da Crucificação de Cristo. Infelizmente, lá chegando, ele se deparou com o museu fechado, e pode contemplar a obra apenas através da fechadura e fresta de uma das portas. A experiência foi, todavia, intensa e levou Portinari a escrever o poema *Grünewald*.

Morto mas ainda
 Caminhando quis te
 Ver. Não importa
 Se fecharam a entrada

Não quiseram que te visse
 Maus ventos sopraram...
 Vi-te do buraco da luz
 Vi-te na asa do sol

Vi-te no espaço como uma
 Asa. Vi-te brincando com
 As crianças de espantalho
 Vi o circo ao teu redor...

Senti aqueles mesmos ventos
 Dos subterrâneos que penetrastes.
 Existem. Senti-os sob meus pés:
 Povoados de assombrações.

Querem escapulir da sombra
 Conheces o dia, a lua, o vento
 E os átomos girando no espaço.

Levei-te a poeira vermelha do

Meu povoado, era só o que tinha...



Figura 3 – Michelangelo Buonarroti. *Pietà*, 1499. Mármore. Basílica de São Pedro, Vaticano. Foto: www.dezenovevinte.net

Portinari nunca escondeu sua predileção por duas obras em particular: a *Pietà* (1499) de Michelangelo (1475-1564) e a Crucificação de Cristo de Grünewald. A primeira está presente em vários trabalhos do brasileiro, na forma da mãe que recebe o corpo do filho sem vida. A segunda o atraiu pelo apelo à expressão, pela dor desmedida do corpo com anatomia torturada, que materializava o *pathos* como ápice de um espetáculo trágico. A referência à essa obra de Grünewald nos permite introduzir um tema fundamental nas academias de arte, como na ENBA que Portinari frequentou: o estudo das paixões e a forma ideal de representá-las.

Nos campos teórico e da representação nas artes do Ocidente, as paixões foram pensadas e materializadas por meio do *pathos* que, enquanto conceito, remonta ao menos à Grécia Antiga. No pensamento de Aristóteles, por exemplo, o termo *pathos* ganhou vulto no domínio da retórica das paixões, mas ligado diretamente ao âmbito das patologias humanas. Ao longo dos séculos, outras significações foram atribuídas ao termo, havendo predominância da relação com as emoções. Nesta seara encontra-se, por exemplo, a teoria das *Pathosformeln* (literalmente fórmulas das emoções) concebida pelo historiador de arte alemão Aby Warburg (1866-1929) há mais de cem anos e muito discutida por Didi-Huberman em suas publicações recentes (LEITE, 2021). Para Warburg, havia fórmulas específicas de representar cada emoção; no entanto, estas não ficavam restritas a um determinado período cronológico, mas sim eram retomadas em períodos e por artistas diversos, sempre com intenções semelhantes. Segundo Warburg, por exemplo, a representação dos cabelos de Maria Madalena em obras da chamada Idade Média retomava uma fórmula patética alicerçada no movimento dos cabelos das Mênades

e da Vênus da Antiguidade; os gestos corporais de Orfeu pintados no Renascimento, retomavam as fórmulas patéticas com as quais Orfeu era representado nos vasos de cerâmica da Antiguidade. Fórmulas das emoções podiam atravessar os séculos, como as referentes à representação da melancolia, utilizadas por diversos artistas europeus como Albrecht Dürer, Theodore Géricault, Vincent Van Gogh, Giorgio de Chirico, entre outros (DIDI-HUBERMAN, 2013).

Na esfera das academias de arte, o conceito de *pathos* foi amplamente discutido em pesquisas teóricas sobre a fisiologia das paixões humanas e, também, nos modos como representar essas últimas na prática visual. As formulações de Charles Le Brun (1619-1690) foram em parte traduzidas do francês para o português em 1837 pelo pintor Félix-Émile Taunay (1795-1881), em sua obra *Építome de Anatomia e Physiologia das Paixões* (LEITE, 2021). Esta ganhou espaço na Academia de Belas Artes do Rio de Janeiro, sendo usada como material didático nos campos da anatomia, miologia, osteologia e fisiologia das paixões. Logo após o advento da República no Brasil, em 1890, a antiga Academia foi renomeada como Escola Nacional de Belas Artes, mas o estudo das paixões se manteve presente na formação artística, bem como a utilização de manuais sobre expressão. Como mencionamos, foi nesse contexto que Portinari se formou.



Figura 4 - Os painéis *Guerra* e *Paz* de Portinari em exibição no palco do Teatro Municipal do Rio de Janeiro, em dezembro de 2010. Foto: Revista *Veja*

Um último aspecto relativo à *Guerra* e *Paz* que gostaríamos de discutir tem a ver com um evento específico de sua recepção pelo público. Isso permitirá que retomemos, sob uma nova luz, alguns dos conceitos já apresentados

O evento em questão foi excepcional. Em fevereiro de 1956, antes dos painéis serem levados para Nova Iorque e instalados no prédio da ONU, eles foram completamente montados e exibidos nas dependências do Teatro Municipal do Rio de Janeiro. O público brasileiro teria que esperar mais de cinquenta anos para experimentar algo semelhante. Apenas em 2010, por ocasião de uma grande reforma na sede da ONU em Nova Iorque, os painéis voltaram ao Brasil, onde passaram por um processo de restauração. Antes disso, porém, em dezembro de 2010, eles foram novamente montados

sobre o palco do Teatro Municipal. Fotos dessa exibição nos permitem ter uma ideia de como foi a singular mostra em 1956.

No dia 28 de fevereiro de 1956, o jornal *Imprensa Popular* noticiava a manchete intitulada: “O POVO LOTOU O MUNICIPAL PARA VER OS PAINÉIS DE PORTINARI”. O texto se iniciava com as palavras do porteiro responsável pelo acesso dos visitantes ao interior do teatro: “Nunca vi uma coisa assim”. Destacava, em seguida, o intenso fluxo de pessoas das mais distintas classes sociais do Rio de Janeiro: “O povo afluiu para ver a obra monumental. Grupos de estudantes, operários, moças, velhos, pessoas vestidas simplesmente, enfim, uma grande massa que se renovava continuamente, durante todo o dia e pela noite adentro, lotou o Municipal”.

Na época, o famoso poeta Carlos Drummond de Andrade (1902-1987) também registrou o intenso e inédito movimento no centro da cidade do Rio, além de descrever o processo de recepção do monumento pela população local.

Carlos Drummond de Andrade trouxe sua leitura poética e teatral do contato afetivo entre público e monumento. Descreveu o processo de imersão num espaço em penumbra que, isolando a obra, tornava-se prenúncio do espetáculo. Tratou os visitantes, tomados por diferentes sensações, como espectadores de uma ópera ou tragédia em movimento, não como registro de algo pertencente ao tempo passado. Aos olhos de Drummond, cada gesto executado ou mesmo ensaiado pelo público, cada expiração ofegante ou lágrima libertada, era resultado da identificação enquanto ser que assistia a uma encenação, que o colocava diante da morte trágica e da possibilidade do viver em harmonia, como duas faces espectrais de um mesmo prisma.

A experiência descrita pelo poeta vai ao encontro de uma das teorias formuladas por Didi-Huberman - a de “imagem em abertura” (DIDI-HUBERMAN, 2007). Para o historiador da arte, o contato entre espectador e pano visual desencadeia afetividades que extrapolam os limites da obra. Os sentimentos trágicos, o *pathos* das personagens e a instabilidade visual da composição, não se encontram represados na pintura. No caso de *Guerra e Paz*, por exemplo, o sofrimento não é apenas das mães que recebem seus filhos sem vida e se entregam ao profundo desespero e aos posteriores efeitos do abatimento melancólico, mas também dos que assistem ao espetáculo pintado. Portanto, a imagem pintada - o pano visual - não está em fechamento, isolamento ou distante do espectador, mas em abertura e expansão. Os painéis bidimensionais de Portinari alcançam a tridimensionalidade do ambiente, a obra é mais que placas de madeira pintadas, pois os espectadores participam de sua retórica visual.

Com isso, entendemos que as fórmulas de *pathos* executadas pelo homem de Brodóski não estão trancados nos limites de seus painéis: eles alcançam cada observador. Por meio da relação direta entre “imagem em abertura” e público, este se contagia e reage por meio do “descontrole”, do movimento fora de si – ou seja, da emoção. Quando tal processo ocorre, o espectador vivencia o que Didi-Huberman chama “*expérience intérieure*” como sintoma: um processo de individuação estabelecido pela troca de afetividades entre aquele que olha e o pano visual que é visto.

Saía-se do Municipal, nesta semana que passou, com um pesadelo e um sonho benigno entrelaçados longo tempo na memória. Longo

tempo? Se tais pinturas não se gravarem por toda a vida na tela interior, é que não merecíamos tê-las visto. Usando a linguagem da obra de arte, que é uma alegria perfeita mesmo quando nos expõe o pranto e a solidão mortuária, Portinari nos diz: “Olha, vê bem, penetra o fundo destas imagens e escolhe”.

Nas palavras acima, o pano visual proporciona, por “abertura” a relação imediata com o espectador, despertando um determinado estado afetivo ou até uma pluralidade de sensações. Mas ele também é fio condutor de questionamentos, revisões e instrumento para políticas da memória. No nosso entender, trata-se de qualidades valiosas para todos nós, que “vivemos numa sociedade atemporal, que paulatinamente perde sua memória” (CANTON, 2001, p.43).

Portanto, a recepção de *Guerra e Paz* pelo público no Teatro Municipal em 1956, desempenhou um relevante papel didático-político - sem se atrelar a uma ideologia específica-, não só de chamamento à preservação da cultura, mas também de preservação do direito à vida, vitalizando a memória e transformando o monumento em diálogo anacrônico entre tradição e modernidade. Podemos dizer que, ao criar *Guerra e Paz*, Portinari projetou um monumento de alerta, através da qual se podia olhar a tragédia de conflitos então ainda recentes e que advertia para que a humanidade não reiterasse os mesmos erros. Como vimos, o artista mergulhou no imaginário popular e universal para plasmar seus personagens: ele evocou a memória, partindo da identidade do seu povo da terra batida, dando voz às dores e ao sofrimento dos excluídos, transformando em espetáculo a dura realidade dos que já não conseguiam sonhar. Estabelecendo um diálogo anacrônico entre o passado e o presente, orquestrado pela expressão, Portinari fez com que a comoção aproximasse o monumento dos indivíduos e que a afetividade transfigurasse o acontecimento em memória viva.

Referências

- ANDRADE, Carlos Drummond de. *Imprensa Popular*, 28/02/1956.
- CANTON, Kátia. *Novíssima arte brasileira – um guia de tendências*. São Paulo: Iluminuras, 2001.
- DIDI-HUBERMAN, Georges. *L'image ouverte: motifs de l'incarnation*. Paris: Gallimard, 2007.
- DIDI-HUBERMAN, Georges. *A Imagem sobrevivente: história da arte e tempo dos fantasmas segundo Aby Warburg*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2013.
- DIDI-HUBERMAN, Georges. *Diante do tempo: história da arte e anacronismo das imagens*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2015.
- DIDI-HUBERMAN, Georges. *Povo em lágrimas, povo em armas*. São Paulo: N-1 edições, 2021.

FABRIS, Annateresa. Os Painéis de Portinari para a Organização das Nações Unidas. In: *Arte e Política: algumas possibilidades de leitura*. Belo Horizonte: C/Arte; FAPESP, 1998, p.48-85.

HUYSEN, Andreas. *Culturas do passado-presente: modernismos, artes visuais, políticas da memória*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2014.

HUYSEN, Andreas. *Políticas da memória no nosso tempo*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2014.

LEITE, Reginaldo da Rocha. *Quando a palavra é o gesto e a imagem emoção: considerações sobre as paixões na formação do pintor acadêmico*. Rio de Janeiro: Drago Editorial, 2021.

LEVY, Carlos Roberto Maciel. *Exposições Gerais da Academia Imperial e da Escola Nacional de Belas Artes. Período Republicano Catálogo de artistas e obras entre 1890 e 1933*. Rio de Janeiro: Publicação ArteData, 2003.

PORTINARI, João Cândido (org.). *Guerra e Paz*. Rio de Janeiro: Projeto Portinari, 2007.



Reginaldo Leite é cenógrafo, escritor e historiador da arte. Com mestrado e doutorado em Artes Visuais (UFRJ), tem pós-doutorado em História da Arte (UERJ) e em Patrimônio, Cultura e Sociedade (UFRRJ). É professor de História e Teoria da Arte da Universidade do Estado do Rio de Janeiro e docente permanente no Programa de Pós-Graduação em História da Arte (PPGHA/UERJ). Dedicou-se ao estudo do *pathos* e das paixões na pintura dos séculos XIX e XX. Autor de seis livros e de artigos publicados em periódicos acadêmico-científicos.

atinga o seu público alvo

ESCRITOR(A)

divulgue o seu livro

NAS EDIÇÕES DA

Revista Conexão Literatura



ENTRE EM CONTATO

ademirpascale@gmail.com



As Árvores...

Por Meire Marion

Testemunhas silenciosas do tempo, do vento,
De vida e energia, da natureza o sustento.

Seus galhos estendem-se ao céu, como braços calorosos,
Abraçando a vida com vigor, fortes e zelosos.

Fontes de beleza, no calor, o sol beija suas copas robustas,
E as sombras frescas convidam a seres e a fugas.

Sustentáculos de vida, sábias anciãs, testemunham paixões,
E oferecem refúgio aos amantes, aos corações.

Cada folha que cai, é uma história que se desfaz,
Alimentando a terra, preparando-se para renascer em paz.

Encantadoras guardiãs da natureza, seres que nos ensinam a viver,
A respeitar o mundo e a natureza, a florescer.

São como poetas, escrevendo versos no ar,
Cantando melodias suaves, para todos encantar.

Que nunca percamos o encanto desses gigantes,
Que sempre cuidemos deles, como verdadeiros amantes.



Meire Marion, professora de inglês, língua e literatura desde 1982, quando voltou dos Estados Unidos após ter vivido lá por 11 anos. Escritora dos livros infantojuvenis Charlie the Fish (2018), O primo do Charlie (2018), O menino que não sabia de onde veio (2021) Dois Gatinhos (2021) e THINK, FEEL, SMELL, SEE, WANT (2022). Também participa de diversas antologias com poemas e contos.

POR MEIRE MARION

FLORES, TESOUROS NASCIDOS NA TERRA

No jardim colorido da natureza,
As flores dançam com delicadeza.

Seu perfume embebeda o ar,
Encantando quem por elas passar.

Rosas vermelhas, símbolo do amor,
Com pétalas macias como veludo em flor.

Lírios brancos, pureza a emanar,
Enfeitando o mundo com seu doce olhar.

Gérberas com suas cores esplêndidas,
Preferidas para adornar românticas mesas com velas.

Violetas humildes, de cor singela,
Com sua beleza simples e bela.

Orquídeas exóticas, de rara majestade,
Um presente da natureza em sua diversidade.

As flores são tesouros nascidos da terra,
Enfeitando nossos dias como uma harmoniosa orquestra.
Nos lembrando que a vida é formosa.



Meire Marion, professora de inglês, língua e literatura desde 1982, quando voltou dos Estados Unidos após ter vivido lá por 11 anos. Escritora dos livros infantojuvenis Charlie the Fish (2018), O primo do Charlie (2018), O menino que não sabia de onde veio (2021) Dois Gatinhos (2021) e THINK, FEEL, SMELL, SEE, WANT (2022). Também participa de diversas antologias com poemas e contos.

Você não sabe como divulgar

O SEU LIVRO?



FIQUE TRANQUILO,
NÓS FAZEMOS ISSO
PARA VOCÊ!



SAIBA MAIS ↑

DIVULGUE PARA + de 800 mil leitores
POR R\$ 150,00

ENTRE EM CONTATO:

e-mail: ademirpascale@gmail.com

www.revistaconexaoliteratura.com.br



Conheça a Casa Brasileira de Livros



Acesse o site:

www.casabrasileiradelivros.com

Visite as redes sociais da Casa:

 @casa.brasileira.de.livros

 /casa.brasileira.de.livros



Fique por dentro dos nossos Prêmios "de Ouro"



Prêmio Internacional Pena de Ouro
R\$ 40.000,00 em prêmios!

MicroConto de Ouro
R\$ 1.003,00 por um microconto!



PODE VOLTAR

Por Joaquim Cândido de Gouvêa

Subiu ao Palco da minha vida
A grande saudade
De você querida
Mas creia! Irradiando felicidade

Saudade sim! Daquele olhar
Do jeitinho malicioso em para mim piscar
Beicinho totalmente dengoso
Pois dele, lembranças de cada beijo... tão gostoso

Saudade do seu correr saltitante
Ao me ver chegar a cada momento... instante
E indago! Como posso me esquecer?
Do abraço apertado levando até mesmo o coração
gemer

Saudade tenho de ainda poder sentir desejo
Claro! Daqueles ardentes beijos
Em que nos seus lábios suavemente mordia
E você ao invés de chorar sempre sorria

Saudade dos meus braços saberem procurar a
“abrigar”
Com sua cintura “bailando” sem parar a me atíçar
De secar a inibida lágrima por tamanha emoção
Ao sentir-se embalsamada em meu coração

Ah! Querida! A tristeza me toma agora
Ao lembrar-me do momento em que foi embora
Sem nada dizer ou quem sabe, melhor se expressar
Que de a “louca” cabeça um dia poder voltar

POUCO IMPORTA SOFRER

Por Joaquim Cândido de Gouvêa

Quando nos envolvemos com o amor
Pensamos estar preparados
Logo sentimos o surgir da dor
E nos tornamos verdadeiros apaixonados

Aí! Como dói! E dói muito mais
Não sabíamos que a dor em nós “Jaz”
Encrustada, espera-se até pedir perdão
Claro! Ao então sofrido coração

Na face impera a tristeza
Do nosso interior há o expulsar da pureza
Ao menor exame, quando vemos
A tudo, inclusive ao nosso redor, perdemos

Por consolo a expressão: nada adianta!
Errei pelo que se planta
Mas é vida! Novo amor a procurar
Que seja outra querida! Pouco importa sofrer por
esta delícia que é “amar”

NAQUELE TEMPO POR “PAIXÃO”!

Por Joaquim Cândido de Gouvêa

Ah! Quanta inesperada alegria
Provocada pela risonha euforia
Fazia-me correr saltitante pela sala
Com o sofrido coração
Então ardente
Amadurecendo o “fruto” que não se “cala”
Pois o interior ardia por tamanha emoção
Não só fervendo somente
Visto que o borbulhar em “fervura”, por ver você
“criatura”, com aquele “olhar”
Deixava todo meu corpo tremer ao apreciar
Atiçando-me, de propósito, sem parar
Com o atrevido jeitinho a uma “fogosa” desejar se
saciar
Mesmo sendo eu uma mulher “vivida” pelo tanto a
amar

Também você correndo
Apressado
Ao me ver sofrendo
E desejoso em ser amado
Com aquele jeitinho “sacudia” a euforia de forma
“dengosa”
A tornar a alegria facilmente, então, mais
“maravilhosa”
E, de súbito, me vejo, sem presunção, ser aquela
querida
Totalmente, por “Paixão”, apaixonada
Sem querer encontrar um “Cais” nesta vida
A aportar essa “danada”
Que no meu interior se mantém “sobrevivida”
Deixando algo ainda a chorar
O tal “amor” que meu coração só desejava
“amar”

QUE "CHUVA"

Por Joaquim Cândido de Gouvêa

Com surpresa senti anoitecer
No instante "chuva" sobre meu corpo colocou-se a varrer
Na cama ainda coberta
Portas fechadas
Perambulando... eu de cabeça incerta
Calmamente aguardava
Mas chorava
Procurando o máximo que pudesse
Ideias presentes
Que você chegasse
Com alegria e "aquela" força fizesse
Sim... somente
Todinha me amar
Enfim, para ser bem-amada
De qualquer maneira... como quisesse
Eu, "solteira", sufocada pelo ar
Como pudesse iniciar o chorar
De alegria
E feliz por estarmos nos deliciando em plena madrugada
Sem questionar pelo raiar do dia
Ah! Nesta "chuva" quão bom e belo "sonhar"
"Molhada" pelo tanto do desejo em te "amar"
Esperando a porta abrir
Não houve, de fato, nenhum partir
Quanta emoção ao sentir do meu lado "estar"

DO ANTIGO OLHAR...

Por Joaquim Cândido de Gouvêa

Súbito observo “pálpebras” cansadas
Em algum “colo”, ao se deitarem, pequena escuridão
O interior se agita à procura de algo e, ansioso, caminha
Talvez, quem sabe, encontrar e concretar a “lembrança”

Esta, confesso, trafega no corpo tão “machucada”
Envolvida por tamanha emoção
De tal maneira conturbada, levou-me a ficar sozinha
E, daquela “Paixão” somente mudar a outra “esperança”

Consciente, procuro por nova força encontrar
Recorrendo a abertura dos olhos para ao horizonte mirar
Nada importa a distância! O importante, que seja o
andar para frente
E, lá longe, vibrar por um amor presente
Deixando a antiga “lembrança” lá atrás e, agora, novo
amor fruto da bela “semente”

JOAQUIM CÂNDIDO DE GOUVÊA

Escritor, letrista de várias músicas, economista com vários Cursos voltados ao Mercado Financeiro, aposentado no Bando do Brasil S.A.

Eu me considero um CONTADOR DE HISTÓRIAS DE AMOR. Possuo Poemas publicados mensalmente, no Brasil, na – REVISTA CONEXÃO LITERATURA – e, no exterior, destacada participação no Projeto da Editora Colibri em Lisboa – Portugal, no Projeto MUNDO(S), com outros 20 autores, coordenado pelo Dr. ÂNGELO RODRIGUES. Tive meu início na Edição 06 e, agora, estamos na Edição 24.

Tenho editado Livros pela EDITORA TREVO, no Brasil, dois Livros de Poemas, com os Títulos: MAIS DO QUE BUQUÊ e ACREDITE... NADA IMPORTA SONHAR... ACREDITE...

No mesmo passo, dois outros Livros de Poemas com a EDITORA POESIA IMPOSSÍVEL, do GRUPO EDITORIAL ATLÂNTICO, em Lisboa – Portugal, com os Títulos: NO CAMINHAR e SENTIMENTOS... AMOR... SAUDADE...

Com a Editora ASTROLÁBIO, do mesmo GRUPO EDITORIAL ATLÂNTICO, também em Lisboa – Portugal, dois Romances com os Títulos: ARDENTE ENCONTRO e SEIS MESES.

Possuo Menção Honrosa concedida ao meu Poema publicado no Livro VII PRÊMIO MARCELO DE OLIVEIRA SOUZA, Dr. Honoris Causa em Literatura.

Particpei da MESA DE DEBATES em Lisboa – Portugal com o Tema ESCREVO POR QUÊ adicionando o Poema PORQUE ESCREVO.

Com grande emoção, recebi o CERTIFICADO DE HONRA AO MÉRITO, concedido em maio de 2022, pela REVISTA CONEXÃO LITERATURA no Brasil, pela magnífica e relevante contribuição em prol da Literatura Nacional.

Com imenso orgulho sou ACADÊMICO CORRESPONDENTE DA ACADEMIA INTERNACIONAL DE LETRAS E ARTES DE CRUZ ALTA, no Estado do Rio Grande do Sul, onde ocupo a Cadeira de número 203.

Na área musical escrevi cinco Letras contando com a Parceria da Sra. RENEE BRAZZIL na melodia e canto.

Instagram: [joaquimgouvea_](#)

Email: mjgouvea@hotmail.com

Um livro pode
conter um
universo
inteiro, por
mais infinito
que seja.



Revista Conexão Literatura

PARTICIPE DA ANTOLOGIA

COLETÂNEA DE POEMAS

VOL. V



E-BOOK

COLETÂNEA DE POEMAS

Ademir Pascale
Organizador

saiba mais: [clique aqui](#)



PACOTE

DIVULGAÇÃO PARA ESCRITORES

- **DIVULGUE
PARA + DE
800 MIL
LEITORES**

R\$ 150

**DIVULGUE O SEU
LIVRO CONOSCO**



WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR

- **ENTRE EM CONTATO:**
- **e-mail: ademirpascale@gmail.com**

FRUTOS

Da flor polinizada
Cresce
Gentil e contente
A estrutura dilatada
Protetora da semente

Longe dos holofotes
Da glamourização
Na realidade
"Ovários!"
É isso o que os frutos são

A culpa foi da abelha
Que sucumbiu aos atrativos da flor
Dela subtraiu
Nectar,
Pólen
E amor

Assim
Os delírios de infinitude
Das angiospermas ambiciosas
Concretizam-se
Na magnitude
Das drupas voluptuosas
Na explicitude
Das bagas deliciosas
Ou até nas explosões histriônicas
De egos partenocárpicos
Por Miranda alurdidos
Todos serão
Sem pudor
Pelo disseminador
Vorazmente deglutidos

Para atingir esse intento
Um colorido profundo
Corpo lindo
Suculento
De sumos adocicados
São da polpa oriundos
Pericarpos arregaçados
Clamam por ser devorados
Sem nenhuma complacência

BIOGRAFIA DA AUTORA

Daniela Bloc é formada em Direito pela UFC, mas sempre atuou na área da educação. Tem especialização em Psicopedagogia pela Unichristus. Professora e revisora literária há mais de 30 anos.

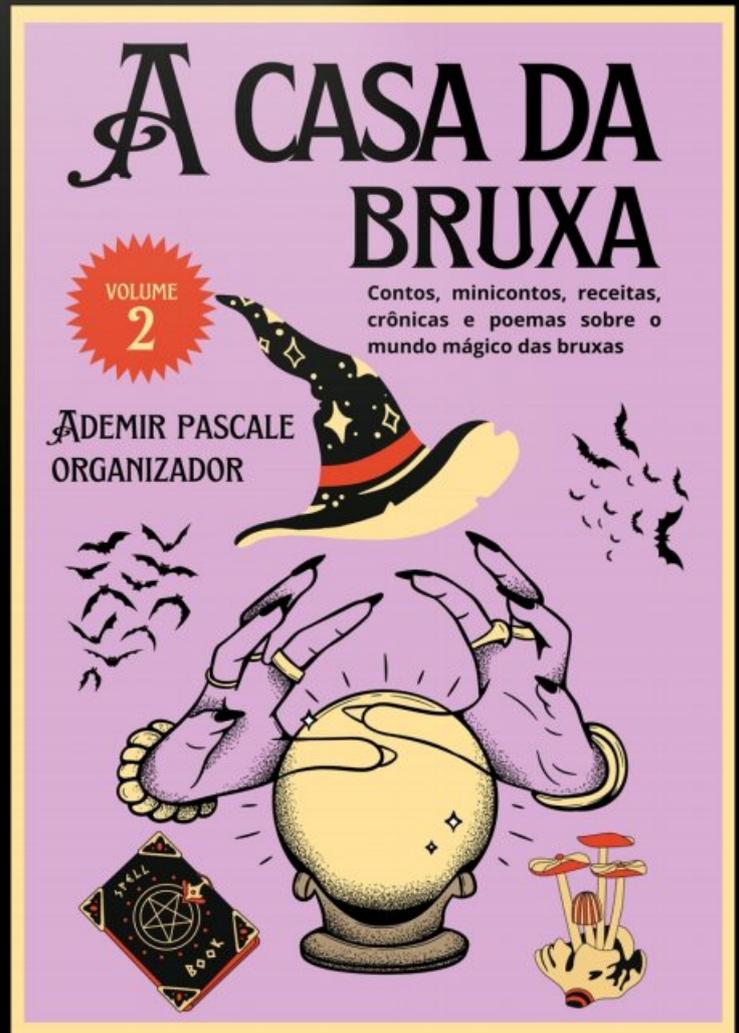
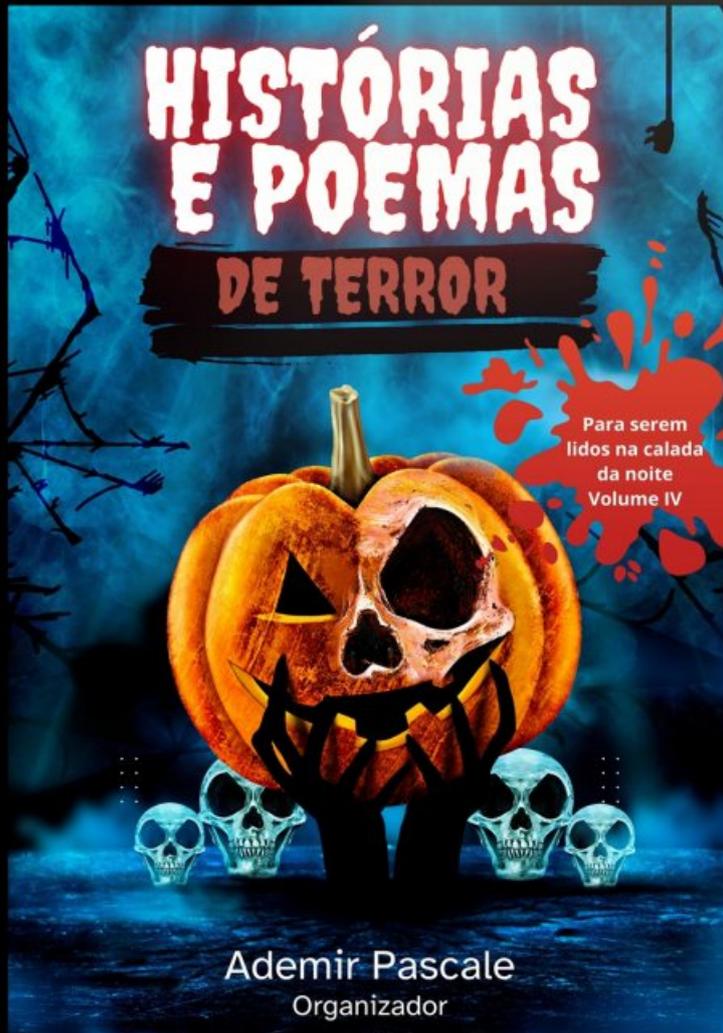
É membro de vários círculos literários locais como o "Somos poetisas" e a "Sociedade das poetisas vivas". Tem um livro infantil publicado pela Imeph sem custo, aprovada numa seleção o lado de autores de renome como Walcyr Carrasco. Tem participações em jornais, revistas e antologias nacionais e internacionais, como a revista Itaytera, a coletânea Poetize 2023, Acadêmicos da ALAF e convidados 2022 e nas coletâneas internacionais vozes Portuguesas 8, 9 e 10, dentre outras; É membro fundadora do American Academic Circle. Recebeu o título de Chanceler Honorário das Artes em Londres. Foi reconhecida pela NALAP e pela LITERARTE como artista destaque de 2023. Vencedora de vários concursos literários de pequeno porte, classificada em décimo quinto lugar no concurso de âmbito nacional Poetize 2023. Tem obras poéticas expostas em vários locais do Brasil, como cafeterias, hotéis, restaurantes, murais etc.



Evidenciando deiscências

DICAS PARA LEITURA

HISTÓRIAS E POEMAS DE TERROR,
REÚNE TEXTOS DE ALGUNS DOS
MELHORES AUTORES NACIONAIS, COM
ORGANIZAÇÃO DE ADEMIR PASCALE.
O E-BOOK É GRATUITO E ESTÁ
DISPONÍVEL NO SITE DA REVISTA
CONEXÃO LITERATURA:
WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR
E NO SITE DIVULGA LIVROS:
WWW.DIVULGALIVROS.ORG.



A CASA DA BRUXA, COM
ORGANIZAÇÃO DO EDITOR E
ESCRITOR ADEMIR PASCALE, É UM
E-BOOK GRATUITO E ESTÁ
DISPONÍVEL NO SITE DA REVISTA
CONEXÃO LITERATURA:
WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR
E NO SITE DIVULGA LIVROS:
WWW.DIVULGALIVROS.ORG.

HÁ POESIA EM TUDO...

Por SÍLVIA GRIJÓ

A poética da vida nos permite a bela crença,
- há poesia em tudo -
feliz de nós, de olhos vestidos dessa ilusão,
alimentando-nos dessa utopia,
permitindo-nos enxergar além do óbvio
e perceber que a poesia está presente em tudo,
há poesia naquele tombo desnecessário,
na queda inesperada, no triunfante levantar-se,
no passo errado da dança,
na música “cafona” que baila a dama,
na mistura da caipirinha,
na deliciosa farofa de sardinha,
no fruto colhido do chão,
no “bicho” que nasce na fruta,
no fungo que alimenta-se de restos mortos,
cumprindo o importante papel no equilíbrio da Natureza...
há poesia em tudo,
numa folha seca, que dança
pendurada em uma teia de aranha,
na aranha, que pacientemente espreita a sua presa,
há poesia em tudo,
nas sementes secas, que preenchem o espaço no paneiro de ambé,
enfeitando a sala de estar,
no “DNA” que gira a favor do vento
e nos faz contemplar o passar do tempo,
há poesia em tudo,
no regurgitar da sabiá paciente alimentando os filhotes,
no ninho abandonado
que abrigou o sanhaço azul por cinco semanas,
(até o bater das asas de sua cria),
na abelha, que delicadamente colhe o pólen das flores
para transformá-lo no doce alimento – o mel,
há poesia em tudo,
nos toques “calientes” e na troca salivar,
na (carinhosa) mordidinha dada na língua, levemente ao beijar,
no sorriso apaixonado,
sedento e desejoso de amar...
há poesia em tudo
quanto poesia há...



EM(CANTO)

Por SÍLVIA GRIJÓ

Ele chegou assim,
feito estrela cadente,
Rasgou tod'o domínio
da minha escuridão,
Meu céu se abriu,
atritando seu corpo
ao corpo meu,
Pluralizando
o sôfrego desejo,
Reacendendo em mim
o sublime en(canto)
do amor...



QUANDO...

Por SÍLVIA GRIJÓ

no fechar da cortina,
na ausência
dos (nossos) óculos,
toda imperfeição
se esvai,
nossa vergonha
pede licença e,
discretamente,
da alcova sai...

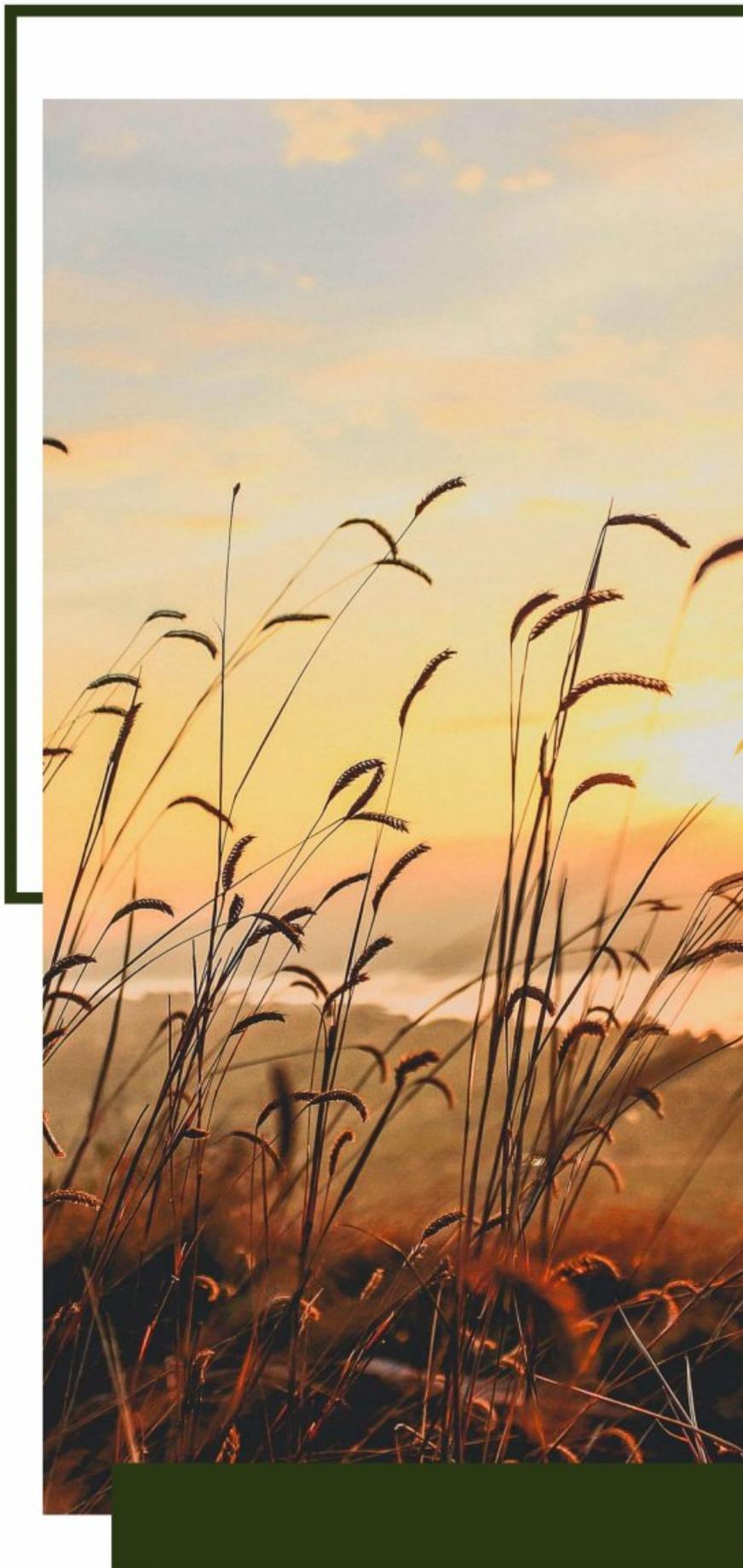
Estamos livres
dos excessos
perfeccionistas

SÍLVIA GRIJÓ – é natural de Anori-AM, mora em Manaus, considera-se uma Poeta Aprendiz. Autora da obra **MULHER À FLOR DA PELE**/EditoraPalavradaTerra. É coautora em 02 Audiolivro, 05 E-books, 09 cordéis, 45 Antologias. É membro efetiva das confrarias-ACILBRAS,ALCAMA, ALACA, AHBLA, ABEPPA, ASSEAM, AJEB-AM e Grupo “Formas Em Poemas”; atua nos Projetos “Musicalidade Poética”, “Literatura Caminhante”, “Movimento Patologia Cultural”. Fundadora da Cordelteca em Anori-Am.Foi condecorada com os prêmios: "Arara Cultural 07/22; "22° Prêmio Cidade de Manaus,10/22", Homenagem de Honra ao Mérito, dezembro/2022, da ABMCJ Região Norte; "Premium Internacional da Amazônia/2023, Prêmio Literário "Pena de Ouro-AM, 07/2023. Formada em Ciências Biológicas, Profa. Especialista, Fotógrafa, cuidadora daTerra e das flores. Sílvia acredita que escrever poesia é uma forma de salvamento – é dar a luz com a própria alma.

Instagram: @silviagrijocavalcante

Facebook: Sílvia Grijó Cavalcante

WhatsApp (92) 98250-6477



ANUNCIE NESSE ESPAÇO

Tem algo que deseja divulgar?
Lojas, livros, sites e muito mais



REVISTA CONEXÃO LITERATURA - PERIÓDICO MENSAL

PARTICIPE DA ANTOLOGIA

POESIAS AO VENTO

VOL. VII

VOLUME VII

E-BOOK



POESIAS AO VENTO

ADEMIR PASCALE
ORGANIZADOR

saiba mais: [clique aqui](#)

Viva bem
Viva com saúde!

bem estar

saúde

PACOTE DIVULGAÇÃO POR R\$ 150

beleza / Livros

Engloba :

Entrevista com
publicação no site
e em uma edição da
revista digital Projeto AutoEstima

Todos os meses
uma nova
edição

Divulgação no Facebook e Instagram

revista
projeto

AUTOESTIMA

edições

acesse: revistaprojetoautoestima.blogspot.com

Saiba como publicar, anunciar ou divulgar no site e na próxima edição da revista digital Projeto AutoEstima, com dicas sobre saúde, beleza, gastronomia, cultura, literatura e bem estar

Escreva para: elenir@cranik.com - c/ Elenir Alves



A PRINCESA E EU

POR MÍRIAM SANTIAGO

“Momentos difíceis o mundo atravessa novamente entre guerras, sofrimento, destruição e tristeza, desde o ápice da pandemia Covid-19, que devastou todos os cantos do mundo, e mesmo assim, após tantas baixas, nada parece abalar a concepção do ser humano...”

Momentos difíceis o mundo atravessa novamente entre guerras, sofrimento, destruição e tristeza, desde o ápice da pandemia Covid-19, que devastou todos os cantos do mundo, e mesmo assim, após tantas baixas, nada parece abalar a concepção do ser humano e de políticos.

Ainda na continuidade da invasão da Rússia à Ucrânia (Leste Europeu) que completou 600 dias de conflito mês passado, guerra por questões geopolíticas históricas, nos deparamos ainda em outubro, no dia 7, com mais uma notícia bombástica sobre o conflito Israel-Palestina — que provocou milhares de mortos e deslocou milhões de pessoas desde o seu início há mais de um século — o ataque do grupo terrorista Hamas a Israel, que desde então causou a morte de mais de seis mil pessoas.

— Você deve estar se perguntando onde entra a princesa neste contexto? Como em quase tudo o que acontece na vida das pessoas, mediante cenários tão perplexos, há de se seguir em frente amenizando em nós o sentimento de tristeza, sim, porque não se pode admitir ou crer no terror de uma guerra, imagina agora em duas?

Andava bem chateada e com o meu “lado humano” aguçado quando num sábado do mês passado, fui à portaria de meu prédio receber uma encomenda dos Correios. Subi com o pacote e o entreguei a meu esposo, que começou a desembalar a pequena encomenda. Em determinado momento, ele me chama para o “gran finale”.

Para minha surpresa, era uma peça para colecionador vinda da China da Qposket, que em belas imagens, pude ver do que se tratava: uma miniatura da Princesa Safiri (Princess Sapphire) do mangá\desenho animado japonês A Princesa e o Cavaleiro, que após um mês de tramitação, pude recebê-la em minhas mãos. Para os fãs de HQ, gibi ou mangá, a sensação é única, é algo por demais importante, sem contar na felicidade que traz conforto ao coração.

Este tipo de literatura que prossegue em minha vida desde a infância é por demais sublime! No caso da princesa em minha vida, “conheci” a Safiri quando o desenho surgiu no Brasil, em meados dos anos 70.

“A Princesa e o Cavaleiro” é um mangá de Osamu Tezuka, publicado pela primeira vez em 1953, com três versões. Com título original em japonês Ribon no Kishi (o cavaleiro de fita no cabelo ou algo do tipo) a história narra as aventuras da princesa Safiri, que tem de fingir que é homem para herdar o trono da Terra de Prata.

E Safiri, assim como eu, tínhamos o dilema de fingir ser menino, no meu caso nunca fingi, mas fui criada como tal, sem nenhuma vaidade feminina, fitilhos ao cabelo, vestidos etc. A ânsia do primeiro filho ser homem, inconscientemente e sem maldade alguma, fez com que meus pais traduzissem o sentimento aos trajés e maneiras masculinas, apesar de bonecas recebidas de presente, as quais sempre amei!

Essa ignorância dos anos 70, me fez crescer forte para encarar a vida, mas ao mesmo tempo, deixou uma lacuna e um vazio de um temperamento que não era meu, que foi adquirido como uma espécie de sobrevivência e aceite. Ao assistir os episódios da referida princesa, que também se vestia como menino e tinha que agir como se foi um, me identifiquei com ela, e confesso que morria de inveja quando Safiri se realizava menina em seu quarto secreto em meio aos lindos vestidos, perucas, acessórios e maquiagens.

E aquela personagem de capa e espada me deu uma baita força em me aceitar naquelas condições. Era como somente ela conseguisse entender o que se passava comigo, com meus íntimos desejos de crescer mulher.

Problemas deste tipo atualmente são resolvidos com sessões de Psicologia, mas em tempos passados, este avanço não fora explorado. E desta forma, a princesa nunca saiu de minha vida, de minhas lembranças de outrora. Não tenho como não amar este personagem fictício que deu tanto sentido à minha história, como uma válvula de escape, um fio de esperança em dias melhores.

E como todo mundo clama por finais felizes, a minha vivência se prosseguiu na felicidade até os dias atuais na consagração do meu quarto secreto, meu closet, tão cheio de feminilidade como diz o meu marido, que faz parte de minha trajetória heterossexual, já que esta parte de minha infância não afetou minha opção sexual, muito pelo contrário, ajudou a compreender os dois lados.

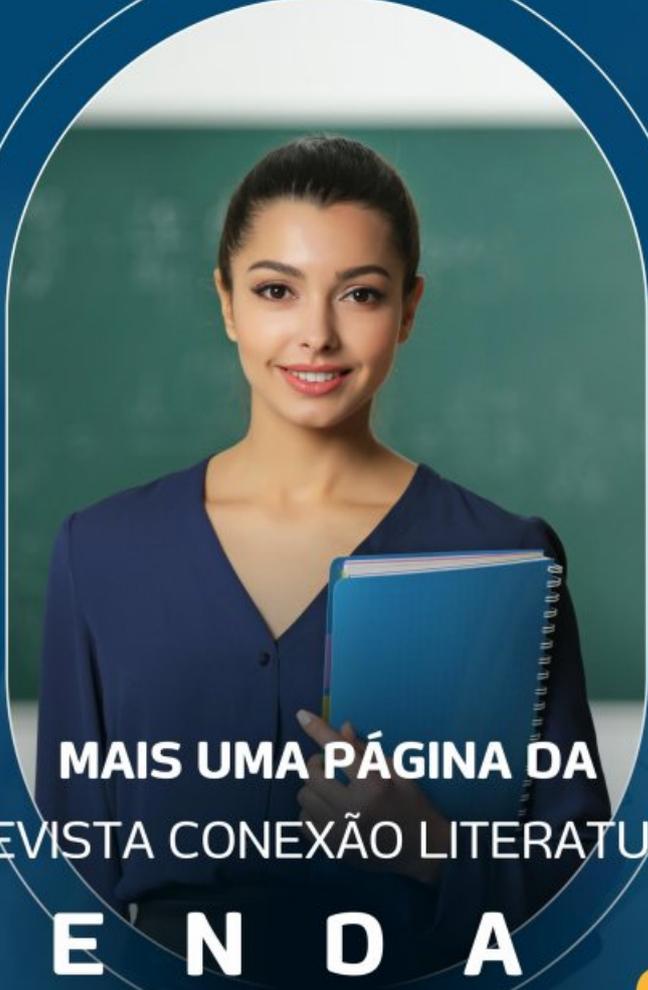
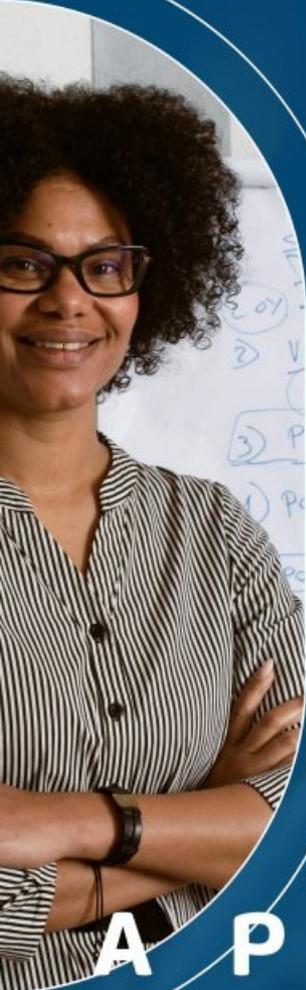


Miriam Santiago: jornalista e formada em Letras. Publicações: “Livro Negro dos Vampiros”; “No Mundo dos Cavaleiros e Dragões”; “Sobrenatural”; “Metamorfose II: Os Filhos de Licão”; “Momento do Autor VIII”, pela Prefeitura de Santos; “Nevermore – contos inspirados em Edgar Allan Poe”; “Mrs. Hyde” e Contos de Terror, da Fábrica de E-books.

Também participante ativa da extinta Revista TerrorZine.

Blog: <http://miriammorganuns.blogspot.com>

Contato: miriansssantos@gmail.com



MAIS UMA PÁGINA DA
REVISTA CONEXÃO LITERATURA

A P R E N D A C O M

CONEXÃO

GRAMÁTICA

GRAMÁTICA

ACESSE

WWW.FACEBOOK.COM/CONEXAOGRAMATICA

Reflexões

Opinião sobre o bullying

Motivação da fé

Reflexão sobre Mateus 21: 18-22



Por Renan Costa



Minha opinião sobre o bullying

O chamado "bullying" é um ato em que um grupo de indivíduos, com bases nas normas politicamente corretas vigentes no país ou região cultural em que vivemos, buscam uma autoafirmação, suprimindo os sonhos e aspirações de pessoas que buscam crescer com independência destas normas, que mais fazem dividir os irmãos em Cristo.

É muito mais do que apenas coleguinhas de colégio, fazendo brincadeirinhas de mal gosto com os sentimentos alheios.

É algo que infelizmente acontece muitas vezes desde o núcleo familiar, em que as diferenças de visão de vida e valores criam fendas, separando irmãos e familiares. E criando traumas com os quais a pessoa vai ter que lidar durante a vida, na escola, na família, na faculdade, no trabalho e na vida em sociedade.

O bullying existe desde sempre, e usualmente é usado como prática de subversão de valores por quem lucra de alguma forma com isso.

A propagação dos valores e ensinamentos de Jesus Cristo colabora muito com a consolação dos aflitos, e a construção de um mundo minimamente melhor, e com uma esperança na luz da verdade, ou luz eterna. (Deus).



Motivação da fé

Muitos são nossos problemas e aflições causados por nossa fraqueza na convicção da fé devido a desvios por tentações que levam a contendas que somente nos afastam da realização espiritual em Deus.

Manter-se no que é único, constante, simples e imutável desde o início até o fim demonstra persistência e perseverança na nossa fé como igreja de Cristo.

Conseqüentemente, portas se abrirão nas nossas vidas para a felicidade no Altíssimo e oportunidades em vida para a glória de seu nome.

Mas também virão provas com as quais devemos lidar para sermos depurados e refinados para cada vez mais sermos um em Cristo, e fazer a diferença para melhor no mundo que cada vez mais carece de conhecer o verdadeiro amor com o qual Deus nos amou, entregando seu próprio filho para nos dar uma oportunidade única para a nossa salvação e a de outros indivíduos também.



Reflexão sobre Mateus 21: 18-22

Jesus estava passando pelo caminho quando teve fome e foi colher frutos em uma figueira. Chegando nela viu que apenas tinha folhas verdes e não tinha frutos. Em seguida Ele amaldiçoou a figueira para que ela nunca mais desse frutos e secasse. Não sejamos como essa figueira. Quando nosso Senhor Jesus Cristo vier coletar nossos bons frutos que produzimos durante a nossa vida não nos achemos contribuindo com obras vãs e inúteis para o crescimento do corpo de Cristo no mundo e sejamos amaldiçoados a cumprir nosso tempo aqui sem fazer o que é bom para herdarmos o reino vindouro, e secarmos e cairmos no esquecimento.

Sobre o autor:

Renan Costa, ensino superior completo. Sempre tive o hábito de querer aprender mais sobre a cosmologia do mundo em que vivemos e do mundo espiritual também. Ultimamente, lendo a Bíblia todo dia.

POTENCIALIZANDO A CULTURA POPULAR

UMA EXPOSIÇÃO VIRTUAL
DO GRUPO MIRAIRA



Francisco da Costa Rodrigues¹Solonildo Almeida da Silva²

2023

Resumo

No contexto atual da cibercultura, observa-se uma revolução no âmbito educacional, em que a digitalização e a acessibilidade à informação configuram novas modalidades de aprendizado. Nesse contexto, a educação não formal emerge como uma abordagem pertinente e flexível, transcendendo as estruturas tradicionais de ensino. Baseado nisso, este estudo tem por objetivo investigar essa transformação, com ênfase na relevância das hipermídias e imagens técnicas como ferramentas educacionais de alto impacto. O Grupo Miraíra, um coletivo empenhado na preservação e celebração da cultura popular, exemplifica concretamente essa evolução. O coletivo planeja a realização de uma exposição virtual, uma abordagem inovadora para compartilhar suas celebrações culturais com uma audiência global. Essa iniciativa busca não apenas democratizar o acesso à cultura popular, mas também assegurar a salvaguarda dessas tradições para as gerações vindouras. A exposição virtual proposta ao Grupo Miraíra faz uso de recursos como realidade virtual e interatividade para criar uma experiência educacional imersiva. Os visitantes terão a oportunidade de explorar as tradições populares de forma envolvente, situando-as no contexto digital contemporâneo.

cibercultura, exposição virtual, tour virtual. Miraíra. Cultura popular

Abstract

In the current context of cyberculture, a revolution in education is observed, where digitization and information accessibility shape new forms of learning. Within this context, non-formal education emerges as a relevant and flexible approach, transcending traditional teaching structures. Based on this, this study aims to investigate this transformation, with an emphasis on the significance of hypermedia and technical images as high-impact educational tools. The Miraíra Group, a collective committed to the preservation and celebration of popular culture, concretely exemplifies this evolution. The group plans to conduct a virtual exhibition, an innovative approach to sharing its cultural celebrations with a global audience. This initiative seeks not only to democratize access to popular culture but also to ensure the preservation of these traditions for future generations. The virtual exhibition proposed by the Miraíra Group utilizes resources such as virtual reality and interactivity to create an immersive educational experience. Visitors will have the opportunity to explore popular traditions in an engaging manner, situating them within the contemporary digital context.

Keywords: cyberculture, virtual exhibition, virtual tour, Miraíra, popular culture.

1 Mestrando em Educação Profissional e Tecnológica-ProfEPT – Instituto Federal do Ceará – dacostafotoevi-deo@gmail.com

2 Orientador – ProfEPT- Instituto Federal do Ceará – solonildo@ifce.edu.br

Introdução

Na atual era digital, a cibercultura se destaca como um fenômeno de importância destacada que redefine os modos pelos quais interagimos, nos comunicamos e adquirimos conhecimento. A convergência entre a cultura e as tecnologias da informação cria um ambiente profundamente influente e em constante evolução, que não apenas influencia nossas vivências cotidianas, mas também tem um impacto substancial no âmbito da educação. O presente artigo propõe uma exploração da relevância da cibercultura no cenário contemporâneo, destacando sua aplicação no contexto da educação não formal e utilização de mídias, hipermídias, hipertexto e transmídia, conforme delineados por Santaella (2003) nos sites e exposições dos museus virtuais.. A grande produção de imagens técnicas (Flusser, 2009) e as tecnologias do acesso facilitadas pela ubiquidade da cibercultura, tem provocado profundas transformações na vida humana. As tecnologias que fizeram emergir a comunicação, tornan-se o traço mais marcante do espaço virtual, que converte para uma única linguagem todos os tipos de texto. Interatividade é então a palavra-chave, ao invés de somente recepção.

Acumulando comunicação, acessibilidade e inteligência, chega-se ao que se chama comunicação móvel. Na integração de todas as funcionalidades comunicacionais provenientes de outras mídias, o dispositivo telefônico conquistou uma autonomia espacial, resultando na virtualização da comunicação e da informação dentro do contexto cotidiano da existência (Santaella, 2014). Como aplicar esta funcionalidade no trabalho de um grupo entusiasta e defensor da cultura popular? Esta ubiquidade da cibercultura veio para facilitar e conduzir as informações, permitindo um aprendizado aberto, individual ou grupal. Esta aprendizagem muitas vezes é considerada informal e assim como os grupos culturais na escola formal, pede carona nos milhares de aparelhos, evoluindo para uma aprendizagem em ambiente virtual. Este exemplo notável será utilizado para ilustrar de que maneira a cibercultura está sendo empregada como ferramenta essencial na preservação e celebração das tradições culturais. Dessa forma, pretende-se uma apropriação desses meios tecnológicos para mediar uma exposição virtual de um grupo de pesquisa e práticas culturais. Ao aderir a este poderoso meio comunicacional, será colocada a disposição de todos, de modo potencial, o conhecimento acumulado pelo grupo durante 41 anos.

O grupo em questão, desenvolve um trabalho de pesquisa na área de cultura popular dentro de uma instituição federal de ensino técnico e tecnológico profissionalizante, o IFCE - Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do

Ceará. Seu principal meio de divulgação é a música e a dança, seu nome: Miraira³. O grupo montou uma exposição

3 MIRA, em tupi-guarani, significa lugar, povo, nação. IRA, na mesma língua, quer dizer doce, mel, com essas duas palavras indígenas, ele homenageia o povo cearense que tem a tradição de ser um povo hospitaleiro e que recebe bem, sendo assim, MIRA IRA significa: povo doce, povo bom, amigo, hospitaleiro e é assim que vemos o povo da nossa terra. disponível em <<http://www.digitalmundomiraira.com.br/miraira/grupomiraira/>> acessado em 21 set. 2023.

de seu trabalho desenvolvido ao longo de 41 anos. Objetiva-se então transformar essa exposição em virtual. As referências principais são os museus que disponibilizam tours virtuais de suas coleções, como por exemplo, o Museu do Louvre.

Nesse breve estudo, deve-se compreender a cibercultura e seu papel, o poder das imagens, visitar alguns museus virtuais, para se ter uma noção de como construir este trabalho. A partir desses resultados, escolher as ferramentas para o empreendimento. O mais importante, conhecer um pouco o grupo em questão e suas ideias desenvolvidas na construção da exposição presencial, para depois explorar que meios digitais poderiam ser disponibilizados para o virtual.

A Era da Cibercultura: Uma Transformação Global

A cibercultura, como conceito, refere-se ao conjunto de práticas, valores, expressões e modos de comportamento que surgem da interação entre a cultura e as tecnologias digitais. Ela está intrinsecamente ligada à evolução da internet, das redes sociais, da realidade virtual e de uma miríade de outras inovações tecnológicas que transformaram nossa sociedade nas últimas décadas. Nesse contexto, Santaella(2003), explora como a cibercultura é impulsionada pela convergência de mídias e como as hipermídias e o hipertexto desempenham um papel fundamental na disseminação e criação de conteúdo em um mundo digital interconectado. Além disso, pode-se analisar o potencial valor das imagens ao longo da história, como sugerido por Flusser(2009) , que investiga as imagens técnicas e sua crescente influência no mundo contemporâneo.

As imagens técnicas, cada vez mais presentes em nossa vida cotidiana, têm um impacto significativo na cibercultura e na maneira como se aprende, comunica e se compara - tilha conhecimento no ambiente educacional. Segundo a abordagem de Flusser(2009) em sua teoria das imagens técnicas, estas representam um fenômeno paradigmático na era contemporânea, uma vez que transcendem a mera reprodução do mundo visual. Flusser argumenta que as imagens técnicas são produtos da programação humana, mediadas por aparelhos técnicos, e possuem uma natureza algorítmica. Elas não apenas refletem a realidade, mas também a constroem, transformando-a em informação codificada. Essa codificação gera novas formas de compreensão e percepção do mundo, alterando nossa relação com as imagens e

questionando a própria essência da realidade em um contexto mediado pela tecnologia. Assim, as imagens técnicas assumem um papel fundamental na cultura contemporânea, provocando reflexões profundas sobre nossa interação com a realidade e a construção do conhecimento visual.

A paisagem comunicacional contemporânea, como discutida por Lemos & Lévy (2010), é caracterizada por uma multiplicidade de canais e plataformas que permitem uma comunicação instantânea e global. Isso amplia ainda mais o alcance da cibercultura, tornando-a uma força onipresente em nossas vidas. Além disso, a mobilidade ubíqua da cibercultura, conforme abordada por Carvalho e Rossini (2015), destaca como as tecnologias digitais nos acompanham em todos os lugares, proporcionando um acesso contínuo ao conhecimento e à cultura popular, sendo especialmente relevante na educação, pois permite aprendizado flexível e adaptável em qualquer lugar e a qualquer momento.

Unindo então a cultura popular, objeto de pesquisa do grupo Miraira, com a ciber-cultura, parte-se em busca de subsídios para aplicação na estruturação de uma exposição virtual nos moldes dos principais museus do mundo. Jahn (2017) constatou que a maioria dos museus recorre à internet, utilizando *website* como meios de divulgação de seu perfil, sua história, seus programas e ações. No entanto, estes museus não se consideram virtuais, pois utilizam a internet apenas como mais um meio de informação. No estudo de Jahn (2017, p. 59) acerca da tipologia de museus virtuais, a investigação de diversos autores levou à conclusão de que, simplesmente por estarem presentes na internet, os museus podem ser considerados virtuais, ou seja, pertencentes ao mundo virtual. Gant, conforme citado por Jahn (2017), conduziu uma análise dessas definições e compreendeu que o museu virtual consistiria em uma reprodução eletrônica dos museus tradicionais. Nesse contexto, foram estabelecidas três tipologias: a primeira inclui websites que oferecem apenas informações elementares sobre o museu, excluídos da categoria de museu virtual. A segunda tipologia abrange aqueles que apresentam informações básicas, históricas, serviços, exposições em curso, atividades complementares e conexões com outros museus, considerados como museus virtuais. Por fim, a terceira tipologia, representando o nível mais avançado, engloba aqueles que incluem a recriação de edifícios ou salas do museu.

Segundo Jahn (2017, p.22),

O interesse em organizar exposições acessíveis a um ilimitado número de pessoas, cuja maioria nunca frequentou ou mesmo não tem interesse em frequentar museus de arte, consiste em uma forma fecunda de aproximar as pessoas da produção artística e cultural de seu tempo, de modo que o trabalho de arte acaba por ter existência e razão de ser com base na relação construída com o visitante, relação essa que aproxima as pessoas de seu patrimônio artístico, bem como conduz o desenvolvimento do sentimento de pertencimento.

Essa relação não apenas aproxima as pessoas de seu patrimônio artístico e cultural, mas também estimula o sentimento de pertencimento a uma comunidade que valoriza a expressão criativa e o diálogo com as manifestações culturais de seu tempo. Assim, a acessibilidade das exposições virtuais não só democratiza o acesso à arte, mas também fomenta uma conexão mais profunda e pessoal entre o público e as obras, enriquecendo a experiência artística e contribuindo para a preservação e renovação do nosso legadocultural.

Buscando referências

Há uma distinção fundamental entre os conceitos de museu virtual e cibermuseu, em-bora seja importante notar que o primeiro pode ser compreendido como uma categoria mais

abrangente, que engloba o último. O cibermuseu representa uma expressão contemporânea e específica do museu virtual, sendo que ambos têm como base teórica comum.

Ambos tipos têm como função primordial exibir e intercambiar informações, mas o cibermuseu se destaca por utilizar elementos característicos do ambiente digital, como telas, som, recursos digitais e trilhas de exploração, para cumprir essas funções. , o ciber-museu representa uma manifestação particular do conceito mais amplo de museu virtual, incorporando elementos tecnológicos e digitais para enriquecer a experiência museológica.

Rocello, (2022), lista 07 museus virtuais que podem ser acessados da tela do pc ou telefones móveis. Cada Museu apresentado tem seu próprio site com os meios de comunicação com o público. o se destaca aqui, é apenas um dos meios de comunicação do museu, que é o tour virtual. No tour virtual é possível colocar a disposição do público alguns acervos do museu. Uma ferramenta bastante utilizada é o Google Arts& Culture e dentro dessa ferramenta a encontra-se o Google Art Project⁴ que trabalha com fotografia gigapixel.

Uma breve visita aos museus:

Museu do Louvre, França⁵

O website do Museu do Louvre representa uma plataforma online que disponibiliza informações completas sobre uma das mais proeminentes instituições culturais do mundo, situada em Paris, França. Este sítio da internet engloba uma gama diversificada de recursos, incluindo informações sobre a história e arquitetura do museu, bem como dados práticos relacionados aos horários de funcionamento e direções de acesso. Oferece igualmente uma exploração pormenorizada das distintas coleções do museu, compreendendo artefatos históricos, esculturas, pinturas e antiguidades de diversas origens geográficas, cada uma acompanhada por informações detalhadas sobre as respectivas obras de arte. Além disso, destaca exposições

temporárias e permanentes, apresenta visitas virtuais às galerias, fornece recursos educacionais para professores e estudantes, disponibiliza uma loja online com produtos relacionados ao museu e facilita a organização de visitas através de orientações de planejamento. Eventos especiais, conferências e notícias também encontram destaque no site. Esta plataforma virtual constitui um recurso de referência crucial para o estudo, apreciação e acesso à vasta riqueza artística e cultural que o Museu do Louvre oferece, promovendo, assim, a disseminação do conhecimento e a apreciação da arte e da cultura. Sobre os tours virtuais, Rocello (2022), esclarece:

A plataforma de realidade virtual do Louvre é uma das mais completas. Nela, é possível clicar em cada uma das obras e conhecer mais sobre a história e o artista por trás. O Museu disponibiliza o passeio virtual por cinco galerias:

The advent of the artist⁶, a galeria aborda a transição do período clássico, era dos artesãos, até a Renascença, com obras de artistas, como Delacroix, Rembrandt,

4 <https://artsandculture.google.com/usergallery/mQLCCaPwUuL0KQ>

5 <https://www.louvre.fr/en/visit>

6 O advento do artista

Tintoret e outros;

Power plays⁷, uma exibição com foco na conexão das artes com a política desde a antiguidade;

The body in movement⁸, que explora a retratação da dança através das artes e seus diferentes tipos de materiais;

Founding Myths: from Hercules to Dath vader,⁹ que apresenta obras de ilustradores, escultores, pintores, cineastas e músicos de todo o mundo retratando os mitos da humanidade.

Um dos museus mais famosos do mundo, o Louvre está localizado em Paris e completou, em agosto de 2023, 230 anos de existência. As galerias estão instaladas no Palácio do Louvre, um Castelo construído nos séculos XII e XI

Sua contribuição para a elaboração do tour virtual é notável, especialmente em relação às galerias mencionadas anteriormente, as quais incorporam tecnologia 3D. Isso permite que os visitantes simulem uma exploração pelas salas de exposição, além de oferecer a flexibilidade de escolher diferentes perspectivas de visualização, incluindo a identificação de obras de destaque.

Além de todo o site buscar um relacionamento com o visitante, e disponibilizar um banco de dados completo de suas obras, também investe em sua própria plataforma de tour virtual.

The National History Museum Reino Unido.

O National History Museum¹⁰ possui um dos mapeamentos mais interessantes dessa lista. Os espaços internos do museu são extremamente bonitos e a variedade do acervo disponível para a tour online é bastante rica.

Nas galerias você encontra diversos esqueletos de dinossauros voadores e terrestres, além de ossadas de inúmeros animais que existiram desde a antiguidade até hoje. O acervo do National History possui mais de 80 milhões de espécies divididas em cinco coleções, paleontológica, zoológica, entomológica, botânica e minerológica. Entre as exposições mais famosas, (Estudar Fora, 2023)

O tour virtual está hospedado na plataforma do Google Art& Culture. A Navegação é simples, mas com uma poderosa interface de visualização das imagens em alta resolução.

Segundo a Wikipédia (2023) o Google Arts & Culture, anteriormente chamado Google Art Project, é um site mantido pelo Google em colaboração com museus espalhados por diversos países. Utilizando tecnologia do Street View, o site oferece visitas virtuais gratuitas a algumas das maiores galerias de arte do mundo. Ao “transitar” pelas galerias, é possível também visualizar imagens em alta resolução de obras selecionadas de cada museu.

O MASP, Museu de arte de São Paulo, Também está no Google Arts & Culture.

7 Jogos de poder,

8 O corpo em movimento

9 Mitos fundadores: de Hércules a Darth Vader

10 O Museu de História Nacional

O MASP, conforme o link apresentado por Rocello (2022) , possui uma navegação simples guiada por setas entre as galerias. Mostra somente as obras, e o visitante se movimenta entre os corredores utilizando setas, como pontos de acesso. com a tecnologia Street View.

Dentre os exemplos analisados, é possível extrair informações relevantes para a definição do estilo a ser adotado na criação do tour virtual pelo Grupo Miraira. Entre as características observadas, vê-se a possibilidade de aplicar as seguintes:

Navegação 3D: O tour virtual do Louvre é frequentemente apresentado em uma plataforma online que permite aos visitantes navegar em um ambiente tridimensional. Os visitantes podem mover-se pela galeria virtual como se estivessem caminhando fisicamente pelo museu.

Recursos Interativos: Os tours virtuais muitas vezes incluem recursos interativos, como áudio-guias, vídeos explicativos e informações adicionais sobre as obras de arte. Isso ajuda a enriquecer a experiência do visitante.

Visão Panorâmica: Os visitantes podem desfrutar de vistas panorâmicas das galerias, permitindo-lhes ter uma visão completa do espaço.

Zoom e Ampliação: Os tours virtuais geralmente permitem que os visitantes ampliem as obras .

Navegação Simples: A navegação pelo tour é geralmente simples e intuitiva, com a possibilidade de clicar em setas direcionais ou usar o mouse para mover-se pelo espaço virtual.

- **Acessibilidade:** Muitos tours virtuais são projetados para serem acessíveis a pessoas com deficiência, oferecendo recursos como descrições de áudio e navegação por teclado.

Disponibilidade Online: Os tours virtuais são normalmente disponibilizados no site oficial da Instituição ou do grupo demandante.

Convém esclarecer que um tour virtual é geralmente promovido por museus virtuais, como no caso do Louvre. No entanto, somente um tour virtual não faz da instituição que o promove um museu no sentido tradicional, uma vez que a natureza de um museu envolve não apenas a apresentação de coleções e exposições, mas também a curadoria, pesquisa, preservação, interatividade com o público e uma função educativa e cultural mais ampla. Portanto, enquanto os tours virtuais podem fornecer um vislumbre valioso das coleções e exposições de uma instituição, eles representam apenas uma parte das atividades e responsabilidades de um museu completo. É importante considerar a possibilidade de alcançar um público global a qualquer momento, 24 horas, 7 dias por semana, graças à disponibilidade ininterrupta da plataforma digital. Isso, por sua vez, potencializaria significativamente a visibilidade e acessibilidade da exposição cultural em questão. Os visitantes teriam a oportunidade de explorar a coleção de maneira conveniente, independentemente de sua localização geográfica, aproveitando a ubiquidade da internet. Adicionalmente, é relevante mencionar que a interatividade e as experiências imersivas oferecidas pelo ambiente virtual enriquecem a ligação emocional dos visitantes com as exposições, fortalecendo ainda mais o vínculo dos entusiastas da arte com a missão de disseminar beleza e cultura ao redor do mundo.

Educação Não Formal e o Papel das Exposições Presenciais

A educação não formal, caracterizada pela sua natureza flexível e adaptável, tem sido fundamental para a expansão da aprendizagem além dos limites das instituições educacionais convencionais. Dentro deste cenário, as exposições presenciais têm se destacado como veículos essenciais para transmitir conhecimentos e experiências, conectando indivíduos com diversas formas de expressão cultural e artística.

As exposições presenciais dentro do ambiente escolar desempenham um papel intrincado e fascinante, transitando entre espaços de memória e conceitos de não lugar. Essas exposições não apenas proporcionam uma educação não formal enriquecedora, mas também se transformam em pontos de encontro para a construção de memórias coletivas e individuais.

No ano de 1994, Marc Augé introduziu o conceito de “não lugar” com o propósito de caracterizar espaços que exibem transitoriedade, impessoalidade e a ausência de identidade (AUGÉ, 1994). Por outro lado, os “espaços de memória”, conforme definidos por Pierre Nora em 1984, representam locais onde a memória é ativamente construída e preservada, muitas vezes por meio da utilização de artefatos, símbolos e narrativas que evocam eventos passados (NORA, 1984). O ambiente educacional, quando abriga exposições físicas, incorpora essa dualidade, transitando entre a efemeridade inerente dos “não lugares” e a profunda imersão nos “espaços de memória”.

As exposições físicas destacam-se devido à sua intrínseca transitoriedade. Não obstante, a sua fugacidade, detêm o potencial para se metamorfosear em locais de encontro de profunda significância, proporcionando aos discentes oportunidades para interagir com a história, a cultura e as narrativas que lhes são apresentadas. Conforme anteriormente abordado por Augé (1994), tais espaços, inicialmente caracterizados como “não lugares,” conseguem temporariamente transmutar-se em “lugares,” por meio de experiências com-partilhadas e da construção de memórias efêmeras. Além disso, operam como “lugares de memória,” em consonância com a teoria proposta por Nora (1984). Através da exposição de objetos, documentos e artefatos, estas exposições conferem materialidade à memória, tanto de natureza coletiva quanto individual. Os estudantes são instigados a investigar, refletir e questionar, engajando-se na construção ativa do significado histórico. Assim, a exposição emerge como um ponto de convergência entre as dimensões pretéritas e contemporâneas, onde a narrativa histórica é contextualizada e reinterpretada à luz da compreensão vigente.

Museus virtuais

Complementando a discussão, é imprescindível ressaltar a crescente relevância dos museus virtuais como atores transformadores no cenário museológico contemporâneo. Ao reconhecer os museus virtuais como espaços propícios para a construção de relações de alteridade e desafio às construções identitárias, enfatiza-se sua capacidade de promover uma interação mais dinâmica e participativa com a memória cultural. Nesse contexto, os museus surgem como ambientes promissores para abordar questões relacionadas a raça, reconhecimento identitário e diálogo intercultural, estabelecendo-se como plataformas que transcendem a mera exposição de objetos e artefatos, efetivamente contribuindo para a reconstrução e ressignificação da memória coletiva (GUBERNIKOFF, 2020).

Tour virtual - conceito e objetivo

O tour virtual, no contexto da educação, refere-se a uma experiência imersiva e interativa na qual os participantes exploram ambientes virtuais simulados, como museus, locais históricos, exposições, instituições de ensino ou qualquer outro espaço, por meio de tecnologias de realidade virtual ou realidade aumentada. Essa abordagem oferece uma alternativa envolvente e acessível às visitas físicas, permitindo que os aprendizes explorem visualmente ambientes e conteúdos educativos de maneira remota.

A potencialidade da realidade virtual torna-se então uma ferramenta inovadora para a preservação, divulgação e educação patrimonial. A capacidade de imersão proporcionada pela realidade virtual pode enriquecer significativamente a experiência do público, permitindo-lhes explorar o patrimônio cultural de maneira interativa e envolvente. A criação do Museu VR é uma iniciativa que demonstra como a tecnologia pode ser utilizada de maneira criativa para alcançar objetivos educacionais e culturais. Além disso, a abordagem de unir tecnologias de digitalização 3D com a realidade virtual ilustra como diferentes campos podem se complementar para criar formas de interação com o patrimônio, enfatizando a importância da interdisciplinaridade.

A utilização de tours virtuais para a permanência contínua de exposições representa uma estratégia museológica relevante, permitindo a preservação digital do patrimônio cultural e o alcance global. Essa abordagem amplia a acessibilidade e o engajamento com o conteúdo expositivo, oferecendo benefícios educacionais e de pesquisa, ao mesmo tempo em que otimiza os recursos institucionais a longo prazo. No entanto, sua eficácia requer atenção à qualidade, atualização periódica, conformidade com direitos autorais e permissões, bem como considerações sobre a evolução do conteúdo para manter a relevância e o interesse do público ao longo do tempo.

Grupo Miraira e educação não formal

O Miraira é reconhecido como um grupo artístico que se destaca na dança, na música e na poesia, apresentando espetáculos com uma base estética tradicional. No entanto, o que muitos não percebem é que o trabalho artístico é, na verdade, o resultado de uma abordagem educacional prática, cujo propósito é fomentar o estudo, a pesquisa e o reconhecimento de Mestres e Mestras dos saberes ancestrais que os conectam profundamente a um lugar específico, enraizando-os e solidificando-os como indivíduos globais que têm suas raízes em um local singular, um rincão, um chão.

Esta iniciativa no âmbito do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará (IFCE) resultou na criação do Grupo de Estudos e Pesquisas em Cultura Folclórica, devidamente registrado no Cadastro Nacional de Pesquisa (CNPQ) desde o ano de 2003. Além disso, deu origem a um programa de Pós-Graduação especializado em Cultura Folclórica Aplicada. Adicionalmente, foram realizadas cinco edições de curadorias no evento denominado ‘Mestres do Mundo’, envolvendo conferências, palestras e outras atividades de engajamento cultural. Essas ações também abrangeram colaborações com instituições de ensino público nos níveis Fundamental, Médio e

Superior, bem como com a comunidade em geral, visando a promoção e reconhecimento da cultura folclórica (SOUZA, 2013).

O projeto Miraira, surge então objetivando trazer à comunidade de estudantes interessados, bem como a comunidade externa ao campus, em uma prática cultural continuada dentro de uma escola profissionalizante de ótima qualidade de ensino e no aspecto da educação não formal, pois o grupo mistura alunos de todos os períodos, idade, etnias, religiões, raças, etc., caracterizado pela liberdade de entrar e sair. Pode-se entrar sem seleção, precisando apenas de uma adaptação. Claro que todo grupo deve ter regras, criadas de forma coletiva, em grupo, e também da mesma forma, estratégias de resolução de problemas, quando surgem.

Este é apenas um dos grupos como opção de educação não-formal para os estudantes, pois outros projetos são desenvolvidos na área artística, conforme salientaremos mais adiante. Como este trabalho de organização de estudo grupal se localiza em uma escola do Estado do Ceará, estudam e difundem principalmente a cultura do povo cearense. Enfim, trabalham com cultura popular e bens imateriais, dessa forma exercitam pedagogicamente estes quatro pilares da educação, complementando o ensino formal, da instituição com a formação humana. Hernandez (2007), apud (QUADROS, 2013) pensa os jovens contemporâneos como catadores de imagens e histórias; e essa ideia de “catar”, que vem da tradição agrícola, mostra a possibilidade de romper os discursos dualistas, caracterizando um trabalho criativo, buscando especificar ou expressar a significância cultural, pela prática não sistemática da pesquisa não formal no jogo da cultura e do trabalho contemporâneo. Isto estimula o processo criativo: criar repertório, coleções, bem como narrativas complementares e por vezes alternativas nas apropriações das estratégias de vida.

Deve-se considerar também as mudanças ocorridas com as novas tecnologias da informação que criaram novos espaços do conhecimento. A cada dia mais pessoas acessam o ciberespaço da informação, a inteligência coletiva, além das próprias instituições na cidade, como as igrejas, praças, museus e centros culturais, demonstrando que existem espaços de aprendizagem em qualquer lugar. Gadotti, fala em sociedade do conhecimento onde há múltiplas oportunidades de aprendizagem. Quando estabelecemos e quebramos estas fronteiras entre o formal e o não formal dentro da escola, torna possível melhorar e sistematizar estes conhecimentos. O currículo intercultural que reconhece as ações de informalidade como uma característica fundamental da educação, engloba o conhecimento científico e os saberes da humanidade, da comunidade, das pessoas (SOUZA, 2008)

Gohn (2004) fala dessa interatividade entre a escola e a comunidade no viés da educação não formal. Se refere ao conceito de ampliação da educação, não se restringindo somente aos processos de ensino-aprendizagem. Essas novas concepções do cotidiano, geradas por processos interativos e comunicacionais no dia-a-dia, em que as comunidades resolvem seus problemas de sobrevivência. Continua contestando a

tendência na área de educação em restringir o espaço escolar a um só segmento dentro da escola: diretores, professores, alunos e funcionários. Para Bauman, 2001 Apud Gohn(2004), a comunidade é reduzida a um pretense ser coletivo, a uma “guetização”, não se constrói uma cultura política nova, e solidária a ser resgatada e construída a partir de núcleos de vivência e existência. Bauman parece acreditar que, na perspectiva dele, as comunidades modernas estão se tornando algo que parece ser um grupo coletivo, mas na realidade não é verdadeiramente coletivo. Pode estar se referindo ao fato de que, nas sociedades contemporâneas, as pessoas muitas vezes não têm laços sociais fortes ou conexões profundas umas com as outras. Aqui, a palavra “guetização” se refere à ideia de que as comunidades estão se tornando como guetos. Geralmente, um gueto é um lugar onde um grupo específico de pessoas é segregado do restante da sociedade. Bauman pode estar sugerindo que as comunidades modernas estão se isolando e segregando de maneira semelhante. Ele sugere que é importante reconstruir a política e a cultura a partir das experiências e realidades das pessoas

O grupo Miraira procura promover o encontro da juventude e relacionar saberes e querer através da música, da brincadeira informal e da dança. Neste espaço educacional, os jovens descobrem as origens da cultura local; brincantes e dançantes que “teimam” em preservar a cultura de seus antepassados e dos lugares, apesar das precárias condições econômicas e as necessidades básicas não resolvidas. Assim o jovem dentro do espaço escolar, reconhece na comunidade, essa existência, conhecendo as realidades de seu povo, sua juventude, e procuram desenvolver uma forma de ajudar, tanto na preservação, como a apropriação cultural, buscando apoio, elaborando projetos na área governamental com vista a fomento à cultura local.

Ao completar 41 anos de existência, o Mira Ira, utiliza principalmente a música e a dança, como meio de sensibilização de todos os seus participantes e de seus expectadores. O então Mira Ira laboratório, se transformou no LPCT (Laboratório de Práticas Culturais Tradicionais do IFCE). O espetáculo (música, dança e teatro) é o resultado da ação educativa do grupo, quando de uma maneira prática incentiva o estudo, a pesquisa e o reconhecimento dos Mestres e Mestras de saberes ancestrais, objetivando fixá-los como seres globais pertencentes a um lugar, chão, raiz. Neste sentido, Lima,(2021) fala de uma crise de identidade, provocada pela globalização, em que as referências de lugar e tempo são deixadas de lado, em detrimento da memória, valorizando-se o desenvolvimento, o progresso e o novo. Então o Mira Ira procura cumprir esse papel de contextualizar o lugar de pertencimento cultural e tradicional. Traz portanto, para o seu ambiente de estudo e divulgação nas formas de dança, música e jogos teatrais.(SOUZA, 2008 p.6)

Construindo a exposição

A exposição do grupo Miraira, cuja idealização e curadoria teve a frente a diretora do grupo: Lourdes Macena de Souza, que a justifica:

Esta exposição/mostra/ações se justifica pelo fato de que por meio do acervo exposto será possível o reconhecimento de Mestres e Mestras, usos, costumes, práticas, ritos, festas, instrumentos, saberes que estabelecem em nossa diversidade brasileira os elementos de pertencimento cearense.

É importante favorecer o encontro possível que práticas desse tipo podem possibilitar em ambientes socioculturais educativos. É necessário destacar os percursos interdisciplinares com a sustentabilidade, meio ambiente, história, geografia, literatura e direitos culturais que as danças e músicas destes povos podem nos ajudar a percorrer. É preciso estimular que a docência com os saberes tradicionais envolvem muito além da dança em si. Infelizmente em muitos lugares vem ocorrendo, que o que deveria ser um estudo, prática para o reconhecimento finaliza apenas como uma aproximação exótica, do que tem apelo midiático, muitas vezes motivado por uma feira cultural realizada às pressas. Esta proposta de exposição/mostra/ação busca favorecer uma reflexão/compreensão do que uma ação de fluxo contínuo com saberes tradicionais em espaço educativo pode promover quando ele passa a fazer parte da vida cotidiana da escola. Na exposição se pretende favorecer e estimular conhecimentos sobre os saberes tradicionais cearenses por meio não apenas do que está exposto mas também de ações educativas inclusas. (SOUZA, 2023)

A exposição estava prevista para um dos espaços culturais públicos do Estado do Ceará, no entanto, por motivo de agenda, foi necessário montá-la no próprio espaço de ensaio do grupo; um local amplo, onde foi necessário construir toda a estrutura. Composição geral: Exposição/mostra/ação de Cultura Popular tradicional se utilizando principalmente do acervo do LPCT – Miraira do IFCE com objetivo de favorecer o reconhecimento de saberes e fazeres do povo brasileiro em especial do Ceará. Utiliza-se de 20 painéis impressos coloridos medindo 1m x 2m e de acervo de peças, figurinos, adereços, instrumentos e demais objetos étnicos/cênicos.

Apresenta-se a seguir o plano de conteúdo elaborado pelo grupo:

Plano de conteúdo:

- Conceito da Exposição contendo elemento articulador e outros informes. Acervo iconográfico – “Histórico – Quem somos – onde estamos” (3 banners)
- Acervo iconográfico - Aprendendo com os povos originários Povos originários do Ceará – 4 banners

Utensílios, acervo, figurino, formas de vida

Povos originários brasileiros – 1 grande painel com informes territoriais e utensílios diversos

- Acervo iconográfico - Brasil plural – experimentando e reconhecendo Expressões culturais da região nordeste – 2 banners

Expressões culturais da região norte – 2

banners Expressões culturais da região sul

/sudeste – 2 banners Expressões culturais da

região centro-oeste – 1 banner Manequins

com indumentárias/figurinos/adereços Peças

étnicas/cênicas

- Acervo iconográfico - Religiosidade, festas, afrodescendência – encruzilhadas da fé

Coroa do Bom Jesus, Festa de São Pedro, Terço do Siqueira, Festa do Pau da Bandeira, Festa de Canindé, São Benedito, Retumbão, 2 Banners

- Modelos com os Orixás e oferendas.

Umbanda cearense – acervo iconográfico Afro-descendência: o que está em mim – Lundu, Umbanda, Candomblé, Jurema, Congos, Jongo, Tambor de Criola, Quilombos, Ticumbi, etc. . .

- Acervo iconográfico – Sons do povo

Exporemos: Curimbó, banda cabaçal, pandeirão, ferros, pífaros, pandeiros, caraca-xás, flauta de pan, charango, rabecas, viola de

cocho. . . TUDO o que o grupo tem de instrumentos étnicos com sua devida função nas comunidades que os utiliza. Partituras

Nonato: música festa da Coroa, pastoril e outros.

SOM com CD's do Miraira e outras travessias musicais de registro das pesquisas do grupo de música tradicional brasileira por meio de aplicativo de acesso e escuta a partir da escolha do visitante.

5. Acervo iconográfico - compartilhando experiências – pesquisas, estudos e formação. Painéis contendo:

Grupo na casa onde viveu família de Virgulino Ferreira –

Lampião; Participando de oficinas com os mestres tradicionais e outros profissionais;

Oficinas nos assentamentos Boa Água e Ipueira da Vaca: fotos

Anderson e Jomar; Estudos na comunidade quilombola Conceição dos Caetanos;

Atuação na comunidade de Lisiex: Isaura e Naiana

Participações atuante nos 14 eventos Mestres do Mundo (em todos eles) Participações em estudos durante os eventos Povos do Mar

(SESC)

- – Acervo iconográfico Espetáculos – “fazendo a festa e a dança do povo para que o povo seja visto”- Vídeos
2 painéis contendo lista de espetáculos - Memória de shows montados
Ceará, Força, Fé e Festa, Nordestinagem, MiraBrasi, Irmãos, Fuertes Hermanos, Guerreiros santa folia., Pátria Grande.
7 – Multiculturalidade – Além Fronteiras
2 painéis contendo resultado de estudos sobre expressões da cultura latina ameri-cana principalmente, e outros territórios.
8. Sementes, semeando – Egressos
Trabalhos, produções, produtos de ex-participantes (dançarinos/as, atores/atriz, músicos/musicistas) que continuam atuando na área no circuito cultural e/ou educacional -1 banner (SOUSA2023).

Parte deste conteúdo foi distribuído dentro do espaço da exposição realizada de forma presencial. Não houve a possibilidade de implementar alguns itens como interatividades com monitores de TV e players. Como estava no final das férias e início das aulas,

foi possível divulgar dentro do próprio ambiente do IFCE durante o encontro pedagógico. Alguns professores levaram suas turmas para visita, houve também visitas guiadas. Todos que visitavam já recebiam o convite para continuar visitando no modo virtual.

Do que foi possível fazer presencialmente, foi digitalizado em forma de fotografia 360° e montado como tour virtual.

O tour virtual objetivou preservar a integridade do ambiente expositivo original, tomando como referência museus europeus e alguns brasileiros. As captações fotográficas abrangeram desde a fachada externa do edifício até um corredor de acesso à exposição. A metodologia de execução seguiu a mesma estrutura curatorial preestabelecida. Conforme delineado na proposta inicial, logo na entrada do espaço expositivo, os visitantes foram apresentados aos painéis informativos que elucidam o escopo da exposição, sua curadoria e seus componentes, elencados em uma ficha técnica. Subsequentemente, foi apresentada uma instalação escultural que representava as figuras correspondentes à logomarca do grupo. A narrativa visual prosseguiu, expondo os painéis temáticos previamente planejados. Foi possibilitado aos visitantes a liberdade de transitar pelos corredores da exposição de maneira não linear, escolhendo a ordem de visualização das imagens. Em cada quadro, um texto explicativo acompanhava o conteúdo. Adicionalmente, destacaram-se os artefatos culturais, dispostos sob a forma de esculturas. À semelhança dos modelos previamente consultados, esta exposição buscou aderir ao mesmo paradigma, exibindo, contudo, apenas os quadros. Nesta primeira incursão em um tour virtual, priorizou-se a

representação fiel da exposição, abstendo-se da incorporação de recursos tecnológicos. Planeja-se, em etapas subsequentes, a implementação dos efeitos e funcionalidades proporcionados pela hipermídia, dada a capacidade intrínseca do ambiente virtual de englobar todas as mídias em um único espaço.

Figura 1 – Print da primeira tela da exposição: Saberes e Fazeres da Cultura Popular



Considerações finais

Este estudo teve como objetivo reunir informações que permitissem a elaboração de um tour virtual, destacando a importância da cibercultura no contexto educacional. Em meio à abundância de imagens técnicas e à constante produção e distribuição de conteúdo nas redes sociais, a criação de um tour virtual se configura como uma tentativa de sistematizar e organizar ideias sobre um determinado tema. Além disso, foi relevante buscar referências em diversos museus de renome, que também investiram em plataformas de tour virtual. Essas plataformas proporcionam aos visitantes uma experiência interativa, oferecendo a sensação de estarem imersos em um ambiente tridimensional, tornando a visita mais atrativa. O uso de hipermídia também se apresenta como uma solução viável dentro de um tour virtual, permitindo a vinculação de informações.

O Grupo Miraira, em sua iniciativa de exposições presenciais, encontrou no meio comunicacional dos tours virtuais uma maneira de continuar a se comunicar com seu público mesmo após o término do evento. Todo o material foi digitalizado e organizado em um formato de tour virtual, recriando a experiência que um visitante teria em uma exposição presencial. Como um ambiente de museu, isso possibilitou a organização do acervo cultural do grupo de forma mais interativa, convidando os

visitantes a explorarem as oportunidades ubíquas oferecidas pela internet. O tour virtual poderá ser aperfeiçoado a partir das sugestões dos visitantes.

O grupo Miraira, praticamente possui um museu virtual, pois utiliza seu site Digital Mundo Miraira, para armazenar todo seu conteúdo de pesquisa, disponível à comunidade acadêmica e público, em geral. Espera-se que o tour virtual possa colaborar mais um pouco com este empreendimento, pois também funciona dentro da cibercultura como ferramenta de hipermídia, possibilitando em um único ambiente as várias maneiras de manifestação da informação. Semelhante aos museus, os ambientes virtuais precisam ser divulgados e estar sendo frequentemente promovidos nas redes sociais. A grande vantagem, é que um tour virtual pode representar uma atividade lúdica e interativa que também pede caronas nos aparelhos telefônicos móveis.

O título final da Exposição: **SABERES E FAZERES DA CULTURA POPULAR: Vidas compartilhadas.**

O tour virtual pode ser acessado no link : <https://www.dacostaart.com/wp-content/uploads/2023/mira%20ira/>

Referências

AUGÉ, M. **Não-Lugares: Introdução a uma Antropologia da Supermodernidade.**

Tradução: Maria Lúcia Pereira. Campinas, São Paulo: Papirus 2018

CARVALHO, A. A.; ROSSINI, C. A. **Mobilidade Ubíqua na Sociedade da Informação.** Porto Alegre: Editora Sulina, 2015.

FLUSSER, V. **Filosofia da Caixa Preta: Ensaio Para uma Filosofia da Fotografia.** Rio de Janeiro: Sinergia Relume Dumará, 2009.

GADOTTI, Moacir. **A questão da educação formal/não-formal.** Institut International des Droits de l'Enfant (IDE), 2005. Disponível em: [https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5633199/mod_resource/content/1/eudcação não formal_formal_Gadotti.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5633199/mod_resource/content/1/eudcação_não_formal_formal_Gadotti.pdf). Acesso em: 15 SET 2023

GOHN, M. G. M. **A educação não-formal e a relação escola-comunidade.** EccoS – Revista Científica, v. 6, n. 2, p. 39-65, dez. 2004. ISSN: 1517-1949. Disponível em: <https://periodicos.uninove.br/eccos/article/view/380>. Acesso em: 12 jul. 2023.

GOOGLE ARTS & CULTURE. < <https://artsandculture.google.com/> > Acesso em 25 de set. 2023.

GUBERNIKOFF, G. **A utilização da multimídia e das mídias digitais em museus e exposições virtuais.** Revista Estética, São Paulo, v. 2, n. 21, 2020. Disponível em: <<https://www.eca.usp.br/acervo/producao-academica/003016733.pdf>>. Acesso em: 14 ago. 2023

JAHN, A. R. M. **O museu que nunca fecha:** a exposição virtual como um programa de ação educativa. 2016. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27160/tde-15032017-152042/>. Acesso em: 18 jul. 2023. APA Jahn, A. R. M. (2016).

LEMOS, A.; LÉVY, P. **O futuro da internet: em direção a uma ciberdemocracia planetária.** São Paulo: Paulus, 2010.

LIMA, C. **Do lugar ao não lugar:** a não percepção do espaço e acrise de identidade na modernidade. Revista Discente Oficinas de Clio, v. 7, n. 1, p. 155-168, jan./jun. 2021. ISSN: 2525-411X. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/oficinasdeclio/article/view/248906>. Acesso em: 12 jul. 2023.

LOUVRE, Museu do. **Museu do Louvre** (2023) disponível em <<https://www.louvre.fr/en/online-tours>> acessado em 19 set 2023

NORA, P. **Entre memória e história:** a problemática dos lugares. Projeto História, n. 10, p.7-28, 1993.

POLI, K. **O campo de produção cultural e criativo:** uma leitura através da teoria dos campos de Bordieu. Revista Extraprensa, v. 14, n. 2, p. 81-103, jan./jun. 2021. ISSN:1984-6754. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/extraprensa/article/view/18947> 8. Acesso em: 12 jul. 2023.

QUADROS, M C. **Sempre ligados!:** estilos de vida, práticas culturais e identidades juvenis urbanas contemporâneas. In: 36ª Reunião Nacional da ANPED – 29 de setembro a 02 de outubro de 2013, Goiânia-GO. Disponível em: [gt16_3408_texto.pdf\(anped.org.br\)](gt16_3408_texto.pdf(anped.org.br)) Acesso em: 12 jul. 2023.

ROCCOLO, M. 7 museus online que você pode visitar da sua casa. *Estudar Fora* . Disponível em < <https://www.estudarfora.org.br/museus-online/>> 09/05/2022

SOUZA, M. L. M. **Projeto Mira Ira:** prática cultural para a diversidade numa estratégia de educação não formal. In: ENCONTRO DE PESQUISA E PÓS-

GRADUAÇÃO EM HUMANIDADES, 2., 2008, Fortaleza. Anais [. . .]. Fortaleza: Edições UFC, 2008. p. 1013-1021

SOUZA, M.L.M. . **Proposta de exposição**/ Mostra de resultados de pesquisa e ações de cultura popular tradicional do LPCT-Miraira do IFCE. 2023.

SANTAELLA, L. **Culturas e Artes do Pós-Humano**: Da Cultura das Mídias à Ciber-cultura. São Paulo: Paulus Editora, 2003.

Disponível em <<https://midiaeduca.wordpress.com/2016/11/11/livro-para-download-cultura-e-artes-do-pos-humano/>>

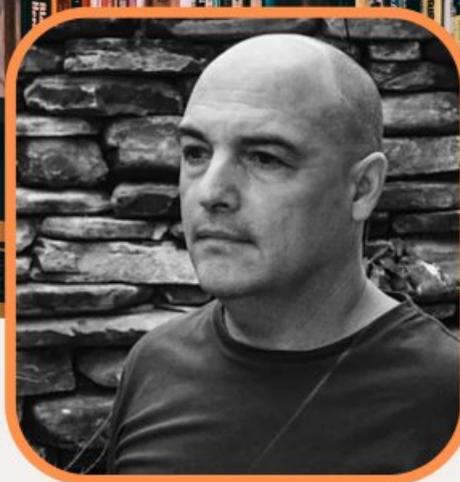
SANTAELLA,L. **Comunicação Ubíqua**- Repercussões na cultura e na educação.SãoPaulo: Paulus Editora, 2014.

SANTAELLA,L. **Humanos Hiper-Híbridos**: Linguagens e cultura na segunda era da internet (Comunicação) eBook Kindle

Sao Paulo. Paulus Editora, 2021.

WIKIPÉDIA: **Google Arts & Culture**. In: WIKIPÉDIA: a enciclopédia livre [em linha]. São Paulo: Wikimedia Foundation, 2001- 18 de agosto de 2022. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Google_Arts_%26_Culture. Acesso em: 25 set. 2023.

ENTREVISTA COM FAUNO MENDONÇA



Fauno Mendonça

Fauno Mendonça nasceu em 1968 no Planalto Central, Goiânia, ano que nunca acabou. Período tumultuado não somente no Brasil, mas, sobretudo, no mundo. No segundo verão da década de 90, tornou-se bacharel em Direito, foi advogado. Atualmente trabalha no Poder Judiciário e reside em Brasília há quase trinta anos.

Aos 35 anos, publicou seu primeiro livro: A Busca dos Loucos. Depois de quase 10 anos sem escrever outras obras, escreveu Encontre-se, logo em seguida mais três livros foram escritos, D. e o Procurador, Bragof e Ao Norte do Silêncio.



Entrevista

Conexão Literatura: Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?

Fauno Mendonça: Ao iniciar minha compreensão sobre as coisas e as pessoas, antes mesmo de ter contato com a leitura e com a escrita, acho que esse foi o grande início, em face da literatura em seu sentido mais amplo.

Penso que a literatura não se resume a livros, pois ela vai além da própria escrita, abarca tudo ao nosso redor. Ademais, a fala também merece grande destaque nesse âmbito. Contudo, formalmente asseverando, o fabulista francês Jean de La Fontaine, no período de minha infância, impulsionou-me para esse mundo de infinitas possibilidades.

Ressalto, entretanto, que ao adentrar na adolescência e ter contato com os grandes clássicos, a literatura floresceu não apenas do plano da leitura, mas no plano da escrita também. Trata-se de um processo lento que ainda se desenvolve até os dias de hoje.

Conexão Literatura: Você é autor do livro "D e o Procurador". Poderia comentar?

Fauno Mendonça: Sim, sou seu autor.

O livro foi baseado e teve profunda influência do livro de Bram Stoker, Drácula. Quem leu essa magnífica obra sabe, no entanto, que há alguns personagens que aparecem no curso da narrativa sem explicações claras acerca de suas origens.

Assim, escrevi o livro descrevendo fatos anteriores aos fatos passados na obra de Bram Stoker.

Quem ler "D. e o Procurador" irá, no mundo da ficção, encontrar alguns desses personagens que foram magistralmente descritos pelo escritor irlandês, porém, detalhei suas origens para melhor compreensão do leitor. Destaco ainda que não continuei a estória desse clássico, ao contrário, minha obra terá "continuidade" na própria obra de Bram Stoker.

De qualquer forma, isso não quer dizer que quem não leu "Drácula" deixará de entender "D. e o Procurador". Mantive o clima vitoriano e todos os aspectos que envolveram "Drácula", mas ela tem vida própria.

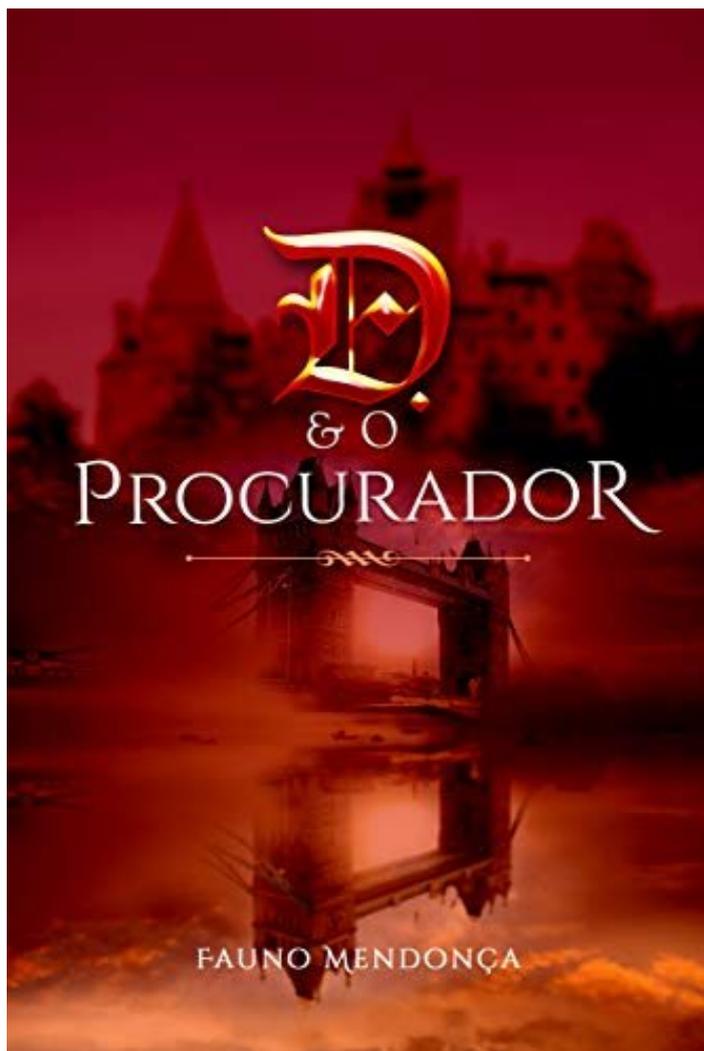
Tal qual o livro de Bram Stoker, meu livro não se trata de uma obra de ficção de terror, apesar de conter alguns desses elementos, trata-se, na verdade, de um drama denso que caminha ao lado da sombra da morte, da dor e das buscas introspectivas que cada ser humano enfrenta ao combater seus fantasmas interiores, ante as intempéries de sua existência.

Conexão Literatura: Como é o seu processo de criação? Quais são as suas inspirações?

Fauno Mendonça: Não há regra fixa para criação nem para as inspirações. Acho que elas fluem naturalmente, procuro não pensar logicamente sobre isso, apenas sinto e escrevo, mas, por óbvio, a criação e a inspiração impõem um processo de austera disciplina. Não há como escrever sem estudar bastante, não apenas os aspectos

linguísticos, mas estudar também todas as unidades que fazem parte da escrita. Isso vale ainda para a inspiração, porquanto, para ter inspiração, deve-se, sobretudo, prestar atenção ao mundo, às leituras formais, aos filmes, enfim, a tudo que está ao nosso redor. Dessa forma, a criação e a inspiração terão as fortalezas necessárias para contribuir com a narrativa da obra proposta pelo autor.

Conexão Literatura: Poderia destacar um trecho do livro especialmente para os nossos leitores?



Fauno Mendonça: *“...Senhores, obtive informações fidedignas de que o Conde Drácula irá para a Inglaterra em um futuro próximo. Receio dizer aos senhores que sua vinda mudará nosso destino. Sua moléstia maligna poderá não só atingir os ingleses, mas o restante do mundo. Poderemos nos tornar escravos eternos desse ser que saiu de sua tumba maldita na longínqua Transilvânia para nos atormentar...”*

Conexão Literatura: Como o leitor interessado deve proceder para adquirir o livro?

Fauno Mendonça: Na Amazon e no Clube dos Autores. Mas há outros tantos canais que poderão obtê-lo, basta buscar no Google.

Conexão Literatura: Quais dicas daria para os autores em início de carreira?

Fauno Mendonça: Preste atenção aos fatos, leia, estude muito, pois a inspiração virá naturalmente com grande vigor. Deixe a mente fazer o trabalho técnico de construção do livro, mas, lembre-se, quem comanda a escrita é a alma. Quem deter a técnica da escrita e a vontade de escrever irá contribuir para que outras pessoas possam sonhar e aprender. Boa sorte a todos os escritores! A literatura desvenda a vida!

Conexão Literatura: Existem novos projetos em pauta?

Fauno Mendonça: Sim, vários, mas, por enquanto, estou tentando dar visibilidade aos meus livros já escritos, isso demanda muita energia.

Perguntas rápidas:

Um livro: Memórias Póstumas de Brás Cubas – Machado de Assis.

Um ator ou atriz: Kevin Spacey

Um filme: Drácula de Bram Stoker

Um hobby: Ler e escrever

Um dia especial: Natal



Visite o site do autor: <https://www.fauromendonca.com>

NOVOS VÍDEOS NO CANAL 

 **CONEXÃO**
NERD

I N S C R E V A - S E

@CONEXAONERD

APRESENTADO POR ADEMIR PASCALE



ENTREVISTA COM HEIDER BROISLER



Heider Broisler

Heider Broisler é autor e empresário. Cursou administração de empresas e direito. Nasceu e cresceu em São José do Rio Preto, São Paulo, Brasil. Escreve contos, romances, coleção de poemas e livros infantis. Suas histórias passam pelos mais variados temas: drama urbano; drama psicológico; romance, por vezes, com pitadas de mistério, filosofia oriental, espiritualidade, suspense, entre outros. Começou sua escrita publicando um conto em Inglês. Publicou uma coleção de poemas em Inglês e um livro infantil ilustrado em Português, Inglês e Francês. Agora, seu foco é publicar somente em sua língua materna, Português. Interessa-se também por música clássica, jazz e escrita dramática.



Entrevista

Conexão Literatura: Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?

Heider Broisler: Quando jovem, eu gostava de escrever letras de música. Uma coisa levou à outra: das letras, interessei-me por poemas; dos poemas, interessei-me pela prosa. Hoje, gosto de escrever um pouco de tudo.

Conexão Literatura: Você é autor do livro "A Casa dos Versos Silenciosos". Poderia comentar?

Heider Broisler: É um romance dramático no qual a trama se desenvolve em torno de um casal que fora impedido de se amar numa vida passada. Eles renascem com a missão de consertar o que lhes impediu de serem felizes num longínquo passado. Contudo, nada é tão simples assim. Precisam libertar-se das amarras que ainda os atormentam no presente para poderem usufruir da verdadeira felicidade. A resposta para tal dilema está na espiritualidade e em velhos poemas escondidos numa antiga mansão vitoriana, ligada à antiga história do casal.

Conexão Literatura: Como é o seu processo de criação? Quais são as suas inspirações?

Heider Broisler: Penso num tema que me interessa; numa localização que se enquadra bem com a trama. Por fim, crio e desenvolvo os personagens. Aí, o processo de escrita começa.

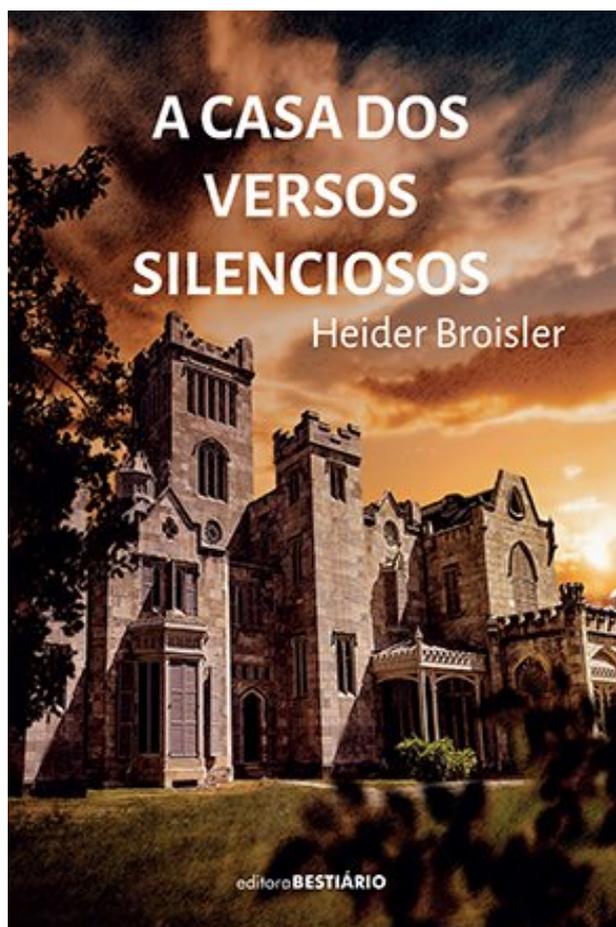
Conexão Literatura: Poderia destacar um trecho do livro especialmente para os nossos leitores?

Heider Broisler: Sim, claro. O texto abaixo se refere quando o casal encontra e começa a estudar um velho diário, que é fundamental para o desenrolar da trama:

‘O jovem casal acendeu a luz ao entrar na sala de estar. Benjamin não era capaz de vê-lo e nem ouvi-lo porque o ser celestial não lhe veio na forma de uma alucinação por ser um espírito decrépito cuja essência sempre fora inexpressiva em vida, continuando a ser após a morte. Sua função era alimentar discórdias na mente do jovem casal. Desarmonizar o ambiente, os pensamentos e as sensações de Benjamin e Susan, tentando levá-los às discussões e desentendimentos suficientemente fortes a ponto de separá-los. O casal se sentou no sofá. Susan estava de posse do diário.

“Eu achei uma passagem interessante. Dê uma olhada, o que você acha?”, perguntou ela, mostrando-lhe a página sessenta e dois.

O diário lhes narrou: ‘Minha prosa e verso fundem-se num vazio que supera os limites da tristeza. Aquele que se depara com o registro de minhas lamúrias, que margeiam o ridículo, não dê ouvidos à razão. Leia com seu coração! Registre minha tragédia em



versos. Esta maldita embrenha-se traiçoeiramente a minha procura. Fui rápida! Versei meu sofrer diante à ausência de meu amado ao vê-lo expulso e humilhado, acompanhado de seus honrosos pais. Escondi meu sofrer. Deixei-o onde minhas lágrimas escorriam noite adentro?'

Conexão Literatura: Como o leitor interessado deve proceder para adquirir o livro?

Heider Broisler: É fácil: no site da Amazon ou da Editora.

<https://a.co/d/9NdBjqX>

<https://www.bestiario.com.br>

Conexão Literatura: Quais dicas daria para os autores em início de carreira?

Heider Broisler: Ler bons livros. Escrever o que realmente gosta. E talvez o mais importante: foque suas energias nos personagens. Um personagem bem construído com uma personalidade bem definida é a base de uma boa trama.

Conexão Literatura: Existem novos projetos em pauta?

Heider Broisler: Sim. Estou a escrever um novo romance. Um drama urbano no qual um homem se liberta de suas angústias quando toma coragem de olhar para dentro de si podendo perceber que seu corpo hospeda uma alma hedionda.

Perguntas rápidas:

Um livro: A Montanha Mágica.

Um ator ou atriz: Laurence Olivier.

Um filme: 12 Homens e Uma Sentença.

Um hobby: Não tenho nada em específico.

Um dia especial: Todos os dias.

Conexão Literatura: Deseja encerrar com mais algum comentário?

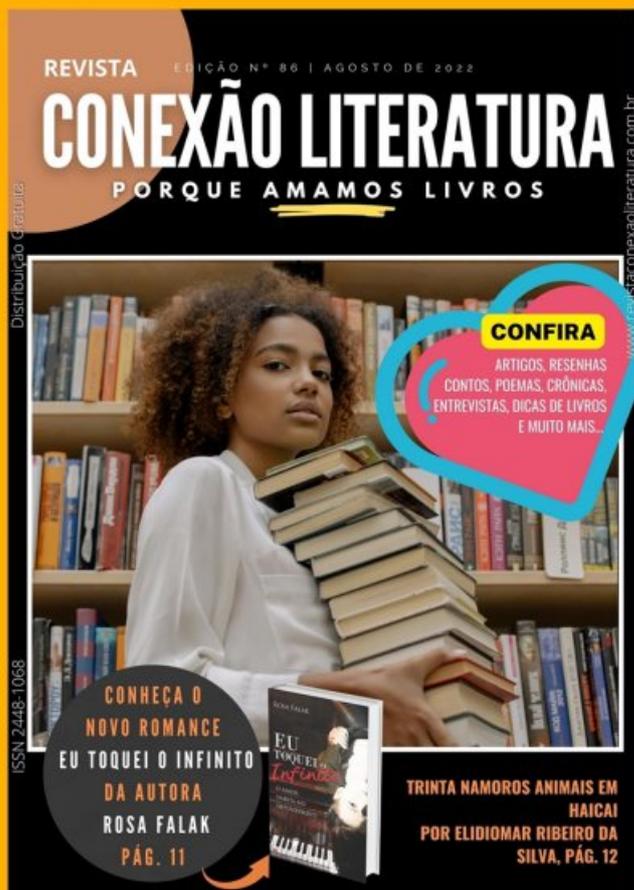
Heider Broisler: Agradeço a oportunidade de poder me expressar nesta importante revista literária.

Apoie a nossa causa

CLUBE DA REVISTA CONEXÃO LITERATURA

INCENTIVO À LEITURA

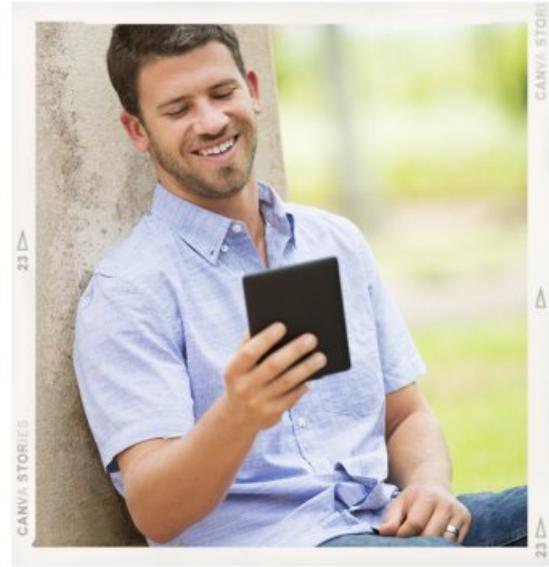
APOIA.se



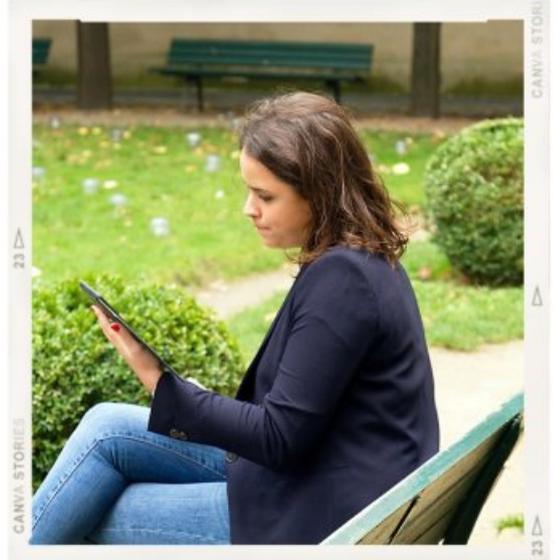
acesse:

<https://apoia.se/conexaoliteratura>

Revista Conexão Literatura



EUA



Portugal



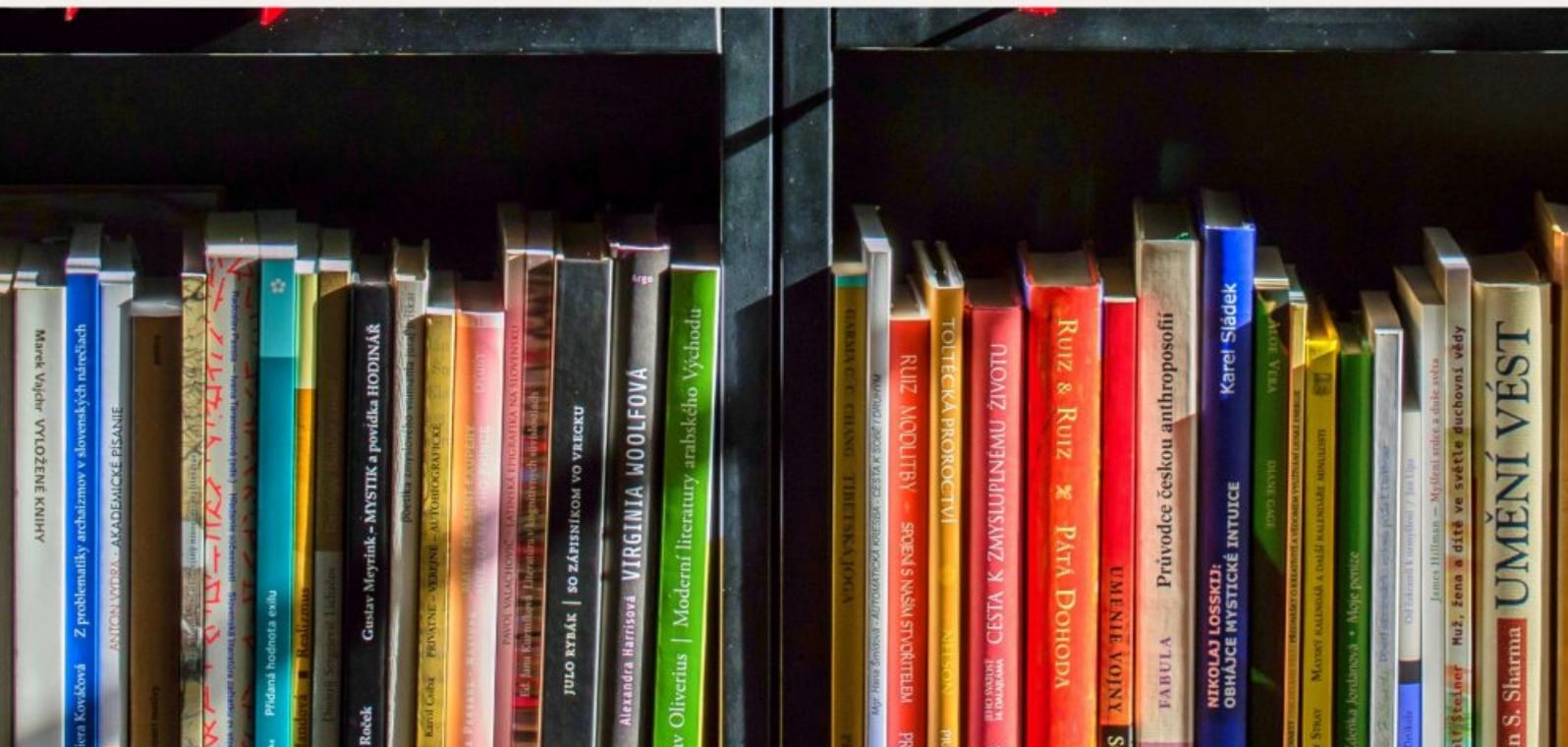
A nossa revista
viaja num 
segundo até você

ENTREVISTA COM ISRAEL DANTAS



Israel Dantas

Israel Dantas, graduado na área de tecnologia, é mais do que apenas um entusiasta do código. É um autor amador com uma paixão multifacetada que se estende desde a cosmologia e física até a robótica. Fascinado pelo vasto universo do espaço, tem uma mente inquieta e criativa. Busca unir todos esses mundos, convidando o leitor a se aventurar na intersecção entre ciência, tecnologia e imaginação. Venha explorar o universo através de sua perspectiva única!



Entrevista

Conexão Literatura: Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?

Israel Dantas: Iniciei no mundo literário escrevendo poesias por volta de 2006 e colaborando em algumas antologias. A poesia se tornou para mim uma maneira de externalizar sentimentos e reflexões. Via a escrita principalmente como um passatempo, mas, à medida que novas responsabilidades surgiam em minha vida, a literatura acabou sendo relegada a um plano secundário. Agora, estou retomando com esta obra de ficção que havia sido arquivada há anos.



Conexão Literatura: Você é autor do livro "Ecos de dois mundos - As crônicas de Valéria - Livro 1". Poderia comentar?

Israel Dantas: Sim, sou o autor de "Ecos de dois mundos - As crônicas de Valéria - Livro 1". Esse livro representou uma oportunidade para abordar temas pelos quais sou apaixonado, como tecnologia, cosmos, diferentes realidades e androides. Além disso, tive a alegria de incorporar minha filha como a protagonista da história.

Conexão Literatura: Como é o seu processo de criação? Quais são as suas inspirações?

Israel Dantas: Bem, cresci nos anos 80, uma época repleta de filmes, séries e livros de ficção que tinham mais neon do que uma vitrine de loja na Black Friday. Com essa avalanche de inspirações, comecei a me fazer perguntas que, acredite ou não, nem mesmo a ficção daquela época conseguia responder. Ou, quando respondia, era de um jeito que me fazia pensar: 'Sério? É essa a resposta?'. Então, decidi que era hora de escrever meu próprio livro e abordar esses temas e perguntas à minha maneira. E quem sabe, com um pouco menos de neon!

Conexão Literatura: Poderia destacar um trecho do livro especialmente para os nossos leitores?

Israel Dantas: "Claro! Há várias passagens que considero fascinantes em meu livro, mas uma que acredito que possa instigar a curiosidade dos leitores é uma interação entre um personagem humano e Rosilion, um ser de outra realidade. Aqui vai:

Pergunta: 'Onde entraria o conceito de Deus que os humanos têm na criação do universo?'

Resposta de Rosilion: 'O conceito de "Deus" é um dos temas mais abrangentes e profundos presentes nas diversas culturas e religiões de sua realidade. Cada civilização, cada cultura, e cada indivíduo tem uma interpretação única e pessoal sobre o que ou quem é Deus. No entanto, há algumas semelhanças universais nesses conceitos.

Deus, em muitas tradições, é visto como a fonte primordial, o criador, o sustentador e o dissolvente. No contexto das múltiplas dimensões e realidades que discutimos, Deus pode ser entendido como a consciência suprema ou a potencialidade infinita de onde tudo emerge e para onde tudo retorna. Esse "Tudo" que mencionamos anteriormente é uma manifestação desse conceito divino.

No entanto, é importante destacar que o entendimento e a relação com Deus é profundamente pessoal e variável. Para alguns, Deus é uma entidade pessoal e amorosa; para outros, é uma força impessoal e onipresente. Ainda para outros, Deus é uma ideia, uma metáfora para a ordem e a beleza do universo.

O conceito de Deus e a busca pelo divino é uma jornada interior, e cada ser, em cada dimensão, tem seu próprio caminho e compreensão. O que é universal é o anseio por conexão, por entendimento e por unidade com essa fonte primordial."

Conexão Literatura: Como o leitor interessado deve proceder para adquirir o livro e saber um pouco mais sobre você e o seu trabalho literário?

Israel Dantas: Para os leitores interessados, o livro está atualmente em pré-lançamento e pode ser adquirido diretamente no site da editora através do seguinte link: <https://www.editoraarcadia.com.br/ecos-de-dois-mundos> . Uma novidade é que os primeiros 50 compradores receberão brindes especiais! Aproveitem essa oportunidade para mergulhar nessa aventura literária e conhecer mais sobre meu trabalho.

Conexão Literatura: Quais dicas daria para os autores em início de carreira?

Israel Dantas: Para os autores que estão começando, minha principal dica é que continuem a acreditar firmemente em seus sonhos. Encontrem inspiração no dia a dia, nos pequenos detalhes, ou até mesmo na bagagem pessoal e nas experiências que cada um já carrega consigo. Confesso que, durante a criação deste meu livro, me sabotei por anos, pensando que talvez não fosse suficientemente criativo. Mas a verdade é que todos nós temos uma história única para contar. Portanto, não duvidem de si mesmos e sigam em frente com paixão e determinação.

Conexão Literatura: Existem novos projetos em pauta?

Israel Dantas: Definitivamente! Pretendo dar continuidade à crônica de Valéria, pois o universo que construí é extenso e sinto que há muito mais a ser explorado. Além disso, planejo retornar às minhas raízes literárias e estou trabalhando em um novo livro de poesias com reflexões mais recentes. Há sempre algo novo surgindo no horizonte!

Perguntas rápidas:

Um livro: Eram os Deuses Astronautas? Do Erich von Däniken

Um ator ou atriz: Matthew McConaughey

Um filme: Contato

Um hobby: Escrever

Um dia especial: O dia que a minha filha nasceu, 08/03/2022

Conexão Literatura: Deseja encerrar com mais algum comentário?

Israel Dantas: Quero agradecer imensamente pela oportunidade de compartilhar um pouco sobre meu trabalho e minha jornada. Convido a todos a se aprofundarem na história desse livro, pois tenho convicção de que, após a leitura, sua perspectiva sobre o universo será transformada. Para quem deseja me acompanhar de perto e ficar por dentro das novidades, siga-me no Instagram: @autor.israeldantas. Obrigado e boa leitura!



PUBLIQUE NAS EDIÇÕES DA REVISTA CONEXÃO LITERATURA



Escritor(a)

Você escreve contos, crônicas, artigos, resenhas ou poemas? Chegou a hora de mostrar os seus textos para os nossos leitores.



Contos

Aceitamos contos de diversos gêneros. Até 4 páginas: R\$ 60,00. Envie o seu arquivo em Word.



Poemas

Poemas com até 4 páginas: R\$ 60,00. Envie o seu arquivo em Word.

Crônicas, artigos, resenhas etc

Aceitamos crônicas, artigos, ensaios, resenhas etc. Até 4 páginas em Word: R\$ 60,00. Para publicar mais páginas, consulte-nos no e-mail: ademirpascale@gmail.com



Sobre a publicação

O seu texto será publicado em uma das edições da Revista Conexão Literatura. Nossa revista possui ISSN e nossas edições são mensais, digitais e gratuitas para os leitores baixarem.

NÃO PERCA TEMPO: encaminhe o seu texto para Ademir Pascale - E-mail: ademirpascale@gmail.com

ENTREVISTA COM MAGDA MEDEIROS



Magda Medeiros

Magda Medeiros é natural de Gravatal, Santa Catarina, e mora em Florianópolis desde que veio cursar Odontologia. Assim como a área da saúde, a escrita é sua grande paixão, desde pequena escreve para capturar alegrias e desafogar angústias. Com a pandemia em 2020, a escrita foi seu principal amparo e percebeu que escrever não é somente sobre se entender, é também sobre transbordar para outras pessoas. Assim surgiu a coragem para compartilhar seus textos nas redes sociais, com um olhar de leveza para os ângulos não percebidos, mesmo em assuntos desafiadores. Íris d'água é o seu livro de estreia, um romance que emerge lá do fundo, daquela parte sua que é parte das vidas de tantas outras mulheres.

Entrevista

Conexão Literatura: Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?

Magda Medeiros: A escrita é minha companheira há bastante tempo, lembro de escrever à noite antes de dormir, contando histórias ou registrando pensamentos. Na adolescência pensei em tomar este caminho, pois adorava ler e criava alguns contos e crônicas, porém a área da saúde me fisgou e decidi cursar Odontologia. Segui nesta carreira que exerci com muito amor, porém a pandemia chegou. Eu trabalhava na época como dentista em centros de saúde municipais de Florianópolis e senti a necessidade de desafogar tantas angústias e mergulhar mais fundo no mundo da escrita. Procurei alguns cursos na área e me deparei com o Palavra Asa, da Dani Brandão, que me deu a coragem de mostrar para outras pessoas o meu trabalho. Dali surgiu o Clube alado de escrita, que participo até hoje, nos reunimos quinzenalmente para compartilhar o que escrevemos. Esta constância e o apoio das outras aladas, como carinhosamente nos chamamos, alimentou a vontade de escrever cada vez mais e reforçou a ousadia de mostrar minha voz.

Conexão Literatura: Você é autora do livro "Íris d'água". Poderia comentar?

Magda Medeiros: Eu criei um texto em que a Ana Maria, a protagonista do meu livro, surgiu. Percebi na hora que queria me aprofundar na sua história, a relação com a sua irmã também veio em seguida em outro texto. Eu não queria deixar de lado as histórias que estavam borbulhando ali e tinha muito claro como seria o final das duas personagens principais. Bem nesse momento a Dani Brandão me convidou para uma mentoria, eu levei a ideia de escrever um romance e perguntei se poderia me ajudar no processo de organização do fio da história e na revisão crítica. As personagens trouxeram outras, os cenários se expandiram. Íris d'água emergiu.

Conexão Literatura: Como é o seu processo de criação? Quais são as suas inspirações?

Magda Medeiros: Eu me considero uma “escritora jardineira”, o termo usado pelo George R. R. Martin, o criador da saga Game of Thrones ou As Crônicas de Gelo e Fogo. Ele disse numa entrevista: “eu penso que existem dois tipos de escritores, os arquitetos e os jardineiros. Os arquitetos planejam tudo antes do tempo, como um arquiteto constrói uma casa, têm a coisa toda projetada e desenhada antes mesmo de pregarem a primeira tábuca. Já os jardineiros cavam um buraco, jogam uma semente e regam, eles meio que sabem que tipo de semente é, sabem se plantaram uma semente de fantasia ou uma semente de mistério ou o que quer que seja. Mas conforme eles regam e a planta cresce, eles não sabem quantos ramos ela terá, eles descobrem isso conforme ela cresce”. Eu me vejo como jardineira, deixo a imaginação fluir, por exemplo, não sabia ao começar Íris d'água todos os detalhes do início ao final e descobri ao longo do caminho. Para me conectar com o universo das histórias tenho alguns recursos, como escrever todo dia três

páginas sem me preocupar com o que virá, as Palavras Matinais, descritas pela Júlia Cameron no livro *O caminho do artista*. Também faço recortes e colagens, deixo pousar várias imagens e observo suas repercussões. Aliás, a arte em geral me abre as portas da criatividade, se estou sem ideias vejo um filme ou peça de teatro, escuto música, desenho, enfim, busco me conectar comigo mesma e com o mundo à minha volta.

Conexão Literatura: Poderia destacar um trecho do livro especialmente para os nossos leitores?

Magda Medeiros: Sim, vou citar esta parte que me toca pela metáfora da dificuldade de mostrar o que nos vai por dentro: “Depois também fiquei calada, não a enfrentei, o que poderia fazer, era assim com ela, o jeito era deixá-la fazer o que queria, como sempre. Mas, o ossinho na garganta voltou, parecia maior, do tamanho de um dinossauro, tinha vontade de fugir, ficar de novo encostada em um canto sem me mexer. Não queria encarar a realidade.”

Conexão Literatura: Como o leitor interessado deve proceder para adquirir o livro e saber um pouco mais sobre você e o seu trabalho literário?

Magda Medeiros: Eu possuo um site, www.magdamedeiros.com.br, onde o leitor pode saber um pouco mais de mim, ler alguns textos que escolhi com carinho para oferecer gratuitamente, e ter informações sobre a compra do livro. Ele estará pronto para venda a partir de 01/11 no site da editora Penalux e nos principais sites de market place, como Amazon e Estante Virtual. Caso o leitor prefira, o livro digital também estará disponível na Amazon.

Conexão Literatura: Quais dicas daria para os autores em início de carreira?

Magda Medeiros: Procure espaços onde possa compartilhar os seus textos de uma forma generosa e acolhedora, onde você encontre pessoas que lhe impulsionem o voo. Se não der certo, tente de novo. Você precisa encontrar em você mesmo a coragem de soltar seus sonhos no mundo.

Conexão Literatura: Existem novos projetos em pauta?

Magda Medeiros: A minha ideia é escrever um novo livro, começar em seguida ao lançamento deste, estou colhendo algumas inspirações por aí.

Perguntas rápidas:

Um livro: *O amor nos tempos do cólera*, do Gabriel García Márquez

Um ator ou atriz: Juliette Binoche

Um filme: *Brilho eterno de uma mente sem lembranças*

Um hobby: Bordar e fazer longas caminhadas

Um dia especial: hoje

Conexão Literatura: Deseja encerrar com mais algum comentário?

Magda Medeiros: Quero agradecer a oportunidade de me apresentar e ao meu livro, *Íris d'água*, é muito importante para os escritores terem espaços como esse para mostrarem o seu trabalho. Muito obrigada!



ENTREVISTA

COM MARIA DENISE DE FRANÇA



Maria Denise de França

Maria Denise de França, nascida e crescida na cidade de Boca da Mata, interior de Alagoas. Com formação Educacional na Escola Evangelista Tenório, adquiriu gosto pela leitura e escrita. O sonho de escrever persistiu e a pequenos passos veio conquistando aquilo que sempre almejou. Seus primeiros poemas foram publicados nas Antologias Poetas Brasileiros vol. 206 e 207, pela Editora CBJE (Câmara Brasileira de Jovens Escritores), em seguida pela Coletânea de poemas Florilégio XI, XIV, pela da Editora Pindorama, todos nesse ano de 2022/23, Ed. Verso&Prosa e Editora Brusmank.

Entrevista

Conexão Literatura: Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?

Maria Denise de França: Iniciei o gosto pela literatura muito jovem ainda, na adolescência, adorava ficar na biblioteca da escola, nos intervalos. Sempre tive um gosto pela história, mitologia, lendas e contos. Cheguei a escrever contos, mas achava tudo bobagem e desisti. Quem sabe, voltei...(rsrs)! Sempre gostei de poesias, quando conheci os sonetos de Camões, senti que tinha algo ali, que me fitava, como algo poderia ser tão belo. Não eram simplesmente palavras, havia mais que isso. Então conheci outras obras dele e ainda hoje é meu favorito. Tudo aquilo me inspirava. Mas com o tempo e alguns infortúnios da vida me perdi e parei com tudo.

Conexão Literatura: Você é autora do livro "Poemas de uma análise". Poderia comentar?

Maria Denise de França: Sim, poemas de uma análise, surgiu de forma implícita, passei por um momento em minha vida que não sabia mais quem eu era. E nesta tentativa, encontrei pessoas que me deram apoio, amigos, velhos e novos, e não poderia deixar de mencionar a importância de minha terapeuta neste processo. A cada dia lembranças e angústias se confundiam, o medo de não suportar tantas verdades e tantos medos que temos em nós mesmos. A cada sessão, algo me fazia ir além daquilo que sentia.

Conexão Literatura: Como é o seu processo de criação? Quais são as suas inspirações?

Maria Denise de França: a vida, o gosto por ela. Redescobrir o amor, a empatia. Tudo que nos envolve e que traz vida. Minhas dores, solidão, angústias e medo. Tudo que me cabe e o que não me coube.

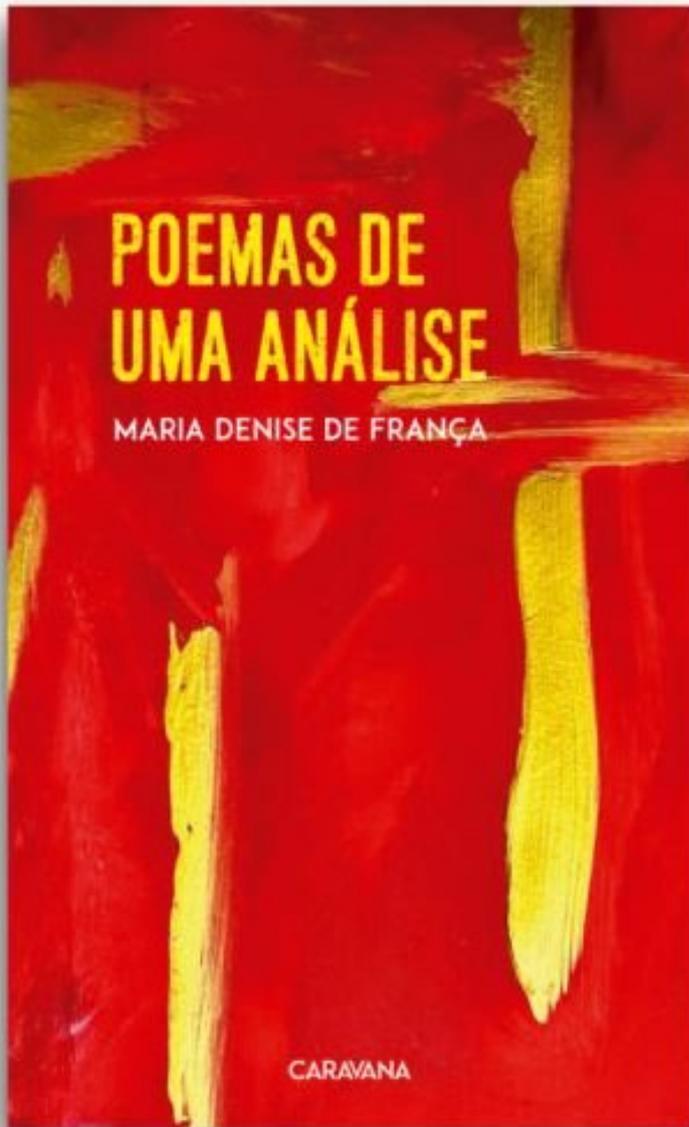
Conexão Literatura: Poderia destacar um trecho do seu livro especialmente para os nossos leitores?

Maria Denise de França: Em particular, gosto deste trecho
 " Um dia eu ei de crescer de olhos bem abertos
 De chegar à chegada que não se sabe bem ao certo
 Todavia, sem via, sem rumo direto
 Passos curtos em curtos tempos dispersos
 E assim ao longo caminho de quem fui, e será que sou?...
 Não abro mão de ser quem já fui, serei ou estou!"

Pois, como mero desconhecidos de nós, em busca do próprio sentido de ser. Essas busca, que percorremos no outro, que não cessa, mas saber conhecer em si, que haja outro de si, que precisa ser reconhecido, e acalentado.

Conexão Literatura: Como o leitor interessado deve proceder para adquirir o seu livro e saber um pouco mais sobre você e o seu trabalho literário?

Maria Denise de França: Estamos na pré-venda no site do Grupo Caravana. Segue link: <https://caravanagrupoeditorial.com.br/produto/poemas-de-uma-analise/>



Conexão Literatura: Quais dicas daria para os autores em início de carreira?

Maria Denise de França: Sonhe, realize, inspire-se, estamos rodeados de vida. Busque em você. Não deixe que uma crítica ruim ou falta de apoio te faça desistir. Sempre haverá aquele grande momento. Dedique-se, a prática te torna melhor.

Conexão Literatura: Existem novos projetos em pauta?

Maria Denise de França: Sim, venho trabalhando em um novo livro de poemas, ainda sem título. Com novas ideias.

Perguntas rápidas:

Um livro: o Lago da solidão, de E.

L. Doctorow

Um ator ou atriz: Fernanda

Montenegro

Um filme: As Pontes de Madson

Um hobby: Fotografia

Um dia especial: Qualquer dia, desde que a companhia seja a certa.

Conexão Literatura: Deseja encerrar com mais algum comentário?

Maria Denise de França: A melhor forma de nos conhecermos, adentrando mais profundamente em si. E quanto mais nos distanciamos, perdemos o gosto pela vida, pelos sonhos, vivemos no automático. Permitam-se conhecer, por mais que dolorido possa ser. É libertador.

ENTREVISTA COM TIAGO MAGALHÃES RIBEIRO



Tiago Magalhães Ribeiro

Tiago Magalhães Ribeiro nasceu e vive em Porto Alegre (RS). Foi vocalista, guitarrista, baterista e compositor de algumas bandas de rock underground. Trabalha na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). É graduado em Filosofia pela UFRGS, mestre e doutor em Educação pela Unisinos. Publicou os livros *Do “você não pode” ao “você não quer”: uma história da prevenção às drogas na educação* (Prismas/Appris, 2013) e *Governo ético-político de usuários de maconha* (Prismas, 2016), de Ciências Humanas, e o volume de crônicas *Gremismo crônico: glória e fracasso de um torcedor de futebol* (autopublicação para Kindle, 2019). *Frio* (2023) é seu primeiro romance.



Entrevista

Conexão Literatura: Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?

Tiago Magalhães Ribeiro: A literatura é algo que sempre, ou quase sempre, fez parte da minha vida. Desde criança, os livros foram uma presença na casa da minha família, e o incentivo à leitura foi uma marca da educação que recebi. Escrever um romance foi um projeto que acalentei durante muito tempo e do qual me afastei unicamente durante os anos de formação acadêmica, ao longo dos quais me vi atarefado demais com leitura e escrita científica. Concluído o doutorado, a ideia voltou a rondar minha cabeça, embora eu raramente conseguisse a harmonização entre criatividade e disciplina, que me parece necessária para a escrita.

O impulso decisivo acabou acontecendo durante a pandemia de Covid-19, e isso por diversas razões. Primeiro, por conta do isolamento social. Eu nunca tinha passado tanto tempo em casa em minha vida adulta, o que me permitiu ler literatura com uma intensidade muito acima da que eu mantivera ao longo dos últimos anos. E, também, de forma mais subjetiva, devido ao clima emocional angustiante que aquela situação de isolamento, apreensão e sofrimento provocou. As notícias terríveis, o medo de ficar doente ou perder entes queridos. Sendo bastante específico, lembro-me de um dia estar lendo o romance "2666", do escritor chileno Roberto Bolaño, e perceber, de repente, durante a leitura, que eu estava profundamente emocionado com o que lia.

Resolvi investigar por que isso estava acontecendo e o que, exatamente, me impactava. Então, comecei a identificar características da escrita de Bolaño, escolhas estilísticas que ele fez ao narrar a história que se desenrola no romance e como essas escolhas, principalmente questões formais, por si só funcionam para conduzir as emoções do leitor. Logo em seguida, pensei: gosto disso. Quero fazer isso também. O escritor, o artista em geral, é sobretudo um manipulador de emoções. Desde então passei a utilizar todo o tempo livre que consigo para escrever.

Mas não sei até que ponto posso dizer que estou no meio literário. Publiquei por minha conta um romance, algumas pessoas têm lido e gostado, mas me sinto um outsider, não cultivo muitas relações no meio e, pra ser sincero, nem entendo muito bem como funciona o campo literário no Brasil. Eu diria que, tanto pelo estilo que escrevo quanto pela posição que ocupo nesse meio, sou um escritor underground, com todas as delícias e desgraças que isso implica em um país em que a maior parte da população, por diversas razões, não tem o hábito da leitura.

Conexão Literatura: Você é autor do livro "Frio". Poderia comentar?

Tiago Magalhães Ribeiro: Frio é a história de um homem hamletiano, ou seja, um homem inseguro e despreparado para o desafio que se coloca diante de si. Um homem em busca do pai, no sentido literal e simbólico que essa busca pode representar. Forçado a se reconectar com seu passado, suas origens, ele se vê confrontado pelo absurdo da

vida, ou seja, pelo desencaixe entre a realidade e as nossas idealizações acerca da realidade. Esse homem um tanto intelectualizado e travado, bloqueado na vida, contra a sua vontade, que é de se esconder, se neurotizar, se fechar, acaba sendo arrastado de volta ao cenário de sua infância, uma cidade pequena e sombria. Ele quer saber o que realmente aconteceu com o pai, mas se vê perturbado por sonhos e lembranças que o afundam em uma espécie de torpor paralisante. Com o passar do tempo, a inação em que se coloca acaba por enredá-lo em uma espiral de mistério e barbárie envolvendo o



desaparecimento do pai, a figura suspeita e dominadora do tio, uma antiga namorada por quem talvez ainda tenha sentimentos, um ex-colega de escola envolvido em nebulosas tramas políticas e um velho professor, seu mentor no passado, hoje um sujeito recluso e sem qualquer esperança na vida e na humanidade. Entorpecido pelos acontecimentos e sem condições emocionais de lidar com todas essas figuras e sentimentos de um passado nunca elaborado adequadamente, esse homem se perde em uma névoa entre o sonho e a realidade. Cercado pelo mato e pelo barro que dominam a paisagem do lugar onde está, começa a sentir um frio estranho, diferente, sobrenatural. Enfim, é a história de um homem que entra em confronto com os fantasmas do passado enquanto agoniza em uma luta para entender quem ele mesmo é e o que realmente deseja. Alguns temas clássicos da reflexão existencial humana entram em questão aí, como a morte, o amor, o desespero e a busca de sentido para a vida.

Conexão Literatura: Como é o seu processo de criação? Quais são as suas inspirações?

Tiago Magalhães Ribeiro: Geralmente tenho minhas melhores ideias quando estou escutando música ou vendo filmes. Principalmente a música. Uma atmosfera ou textura sonora, um fragmento de letra, esse tipo de coisa me desperta algo, uma emoção, e a partir daí eu racionalizo, tento elaborar essa emoção e transcrevê-la, se é que se pode dizer dessa forma, narrativamente. A história vai brotando assim, de combinações de ideias que surgem provocadas pelo contato com outras formas de arte. Depois, claro, vou

organizando tudo isso, sistematizando, ordenando, preenchendo ou não as lacunas que identifico entre as ideias. Aí começa o trabalho mais disciplinado, mas a fagulha inicial é essa, uma emoção espontânea. Então, devo dizer que talvez mais do que autores ou obras literárias, o que principalmente me inspira a escrever literatura é a música e o cinema. E no momento da escrita também: escrevi boa parte do romance Frio escutando continuamente uma playlist que elaborei e que depois divulguei no meu Instagram (@tiago_2666) para quem quiser ler o livro escutando essas mesmas músicas que ouvi ao escrevê-lo. Em Frio, as atmosferas são muito importantes, tanto as atmosferas dos ambientes nos quais se passa a história, quanto a atmosfera emocional do Vila, o personagem central. Para me estimular e inspirar na construção dessas atmosferas, escutei muito Joy Division, The Cure, Interpol, Human Tetrís, Sharon van Etten, É! Mató a un Policía Motorizado, Lebanon Hanover, Beach House, entre outras bandas e artistas que criam atmosferas musicais densas, sombrias e noturnas. Quando não estava escutando essa playlist, ouvia os Noturnos de Chopin na interpretação de Arthur Rubinstein. Isso tudo contribuiu para que eu conseguisse mergulhar na atmosfera que queria criar.

No que se refere ao cinema, acho que a obra de David Lynch talvez seja a principal inspiração que busquei na tentativa de constituir um estilo para a minha escrita, que acabou se tornando, como já comentaram algumas pessoas que leram o livro, bastante cinematográfica. "Veludo Azul", "Twin Peaks", "A Estrada Perdida" e "Cidade dos Sonhos" forneceram elementos e imagens que ressoam na minha mente há muitos anos e que retomei na escrita do romance. Mas, claro, também há inspirações literárias. Além do já mencionado Roberto Bolaño (com "2666", mas também com "O Terceiro Reich", um maravilhoso e menos conhecido romance do escritor chileno), Cormac McCarthy (principalmente com "Meridiano de Sangue"), Ignacio Padilla ("Amphitryon") e Fernanda Melchor ("Temporada de Furacões") foram autores e obras que me marcaram profundamente e que certamente inspiram escolhas estéticas que faço no meu processo de escrita.

Conexão Literatura: Poderia destacar um trecho do livro especialmente para os nossos leitores?

Tiago Magalhães Ribeiro: Sim. Transcrevo abaixo um trecho do capítulo 21 do romance Frio:

“Às vezes, nesses passeios, Vila para durante algum tempo próximo a cada um dos lugares que compõem o itinerário e fica a observá-los. Aguarda que algo aconteça. Mas nunca acontece nada. Quando já surgem os primeiros sinais do amanhecer ele se posta na saída da Cidadezinha, de frente para o caminho de chão batido que conduz à autoestrada, sem que possa enxergar nada para além dos cinco metros de distância que batem de frente com o muro de neblina. Fica ali, parado de pé, encolhido, as mãos nos bolsos, olhando para o nada. Às vezes pensa que o nada deve ser como uma espécie de nevoeiro muito denso e incapacitante, um nevoeiro do meio do qual pode saltar algo terrível, ou então algo ir se delineando aos poucos, vir surgindo uma forma estranha, vagamente humana, que se aproxima ainda indefinível e chega muito perto até que se possa perceber

que se trata de algo monstruoso, uma criatura que se sabe irreal, mas que se vê ali, diante dos olhos, em toda a materialidade do irreal. Como um Minotauro, ou qualquer desses monstros, meio homens, meio bichos, que nunca se sabe como poderão agir, se como humanos ou como feras. E é nisso que Vila pensa em algumas dessas noites quase indiscerníveis umas das outras, exausto de pé diante da estrada engolida pela neblina, imaginando também que poderia aparecer um automóvel em total descontrole, os faróis acesos surgindo de repente e já tarde demais, como o velho Corcel do seu pai avançando louco o sinal vermelho, já destruído antes do impacto, querendo matar e morrer, e então abalroado pelo outro veículo, aquele que Vila, sentado no banco de trás, se lembra de ter visto por uma fração de segundo antes que tudo se espatifasse e escurecesse e fosse apenas gritos e horror, aquele que veio e levou sua mãe e destruiu seu pai e ele mesmo, Vila, só lembra num flash duvidoso da memória, um lusco fusco incerto no qual o carro vem, rápido, insano, em toda sua brutalidade e Vila gira a cabeça e antes que possa gritar e tudo se apagar, vê de relance o rosto do motorista e ele é um homem comum, banal, igual a qualquer outro que dirige um veículo em qualquer rua ou estrada desse imenso país triste, com a única e inesquecível diferença de que tem a cabeça de um touro. Ou seria o seu pai que, no último instante, no auge da loucura, um segundo antes do choque, tinha a cabeça de um touro? E é nesse ponto que tudo se esvai em vertigem, em apagamento, em febre. E Vila retorna para casa molhado, doente, com dores por todo o corpo, principalmente na cabeça, e se deita naquele sofá já farto dele, deformado por ele, molhado de seus suores e desiste, apenas deita e desiste, certo de que é a última vez, a última noite, de que tudo está finalmente para acabar e então afinal adormece e aguarda o decesso até que uma força da natureza o empurra novamente, na próxima madrugada, a repetir tudo de novo até o ponto fatídico em que fica na estrada, estático, assombrado, consumido em ansiedade, aguardando o surgimento pavoroso do Minotauro que parece vir buscá-lo mas que sempre passa por ele, o atravessa e desaparece de novo na neblina. E quando Vila se volta para vê-lo, claro, já não está mais lá e não há estrada, nem faróis, nem Minotauro nenhum. Só a neblina e mais nada”.

No meu Instagram tem um vídeo em que leio essa passagem. Está aqui: <https://www.instagram.com/p/CyRj568uaBf/>

Conexão Literatura: Como o leitor interessado deve proceder para adquirir o livro?

Tiago Magalhães Ribeiro: Por enquanto o livro existe apenas como e-book disponível para Kindle e pode ser adquirido no site da Amazon. O link direto para encontrá-lo é: <https://encurtador.com.br/anpzJ>

Conexão Literatura: Quais dicas daria para os autores em início de carreira?

Tiago Magalhães Ribeiro: Acho que a única coisa que posso dizer é que devemos escrever o que gostamos de ler, sem tentar agradar os outros, as modas, o mercado, as agendas políticas do momento, etc. Não porque desvalorize essas coisas, todas têm sua relevância e seus contextos na vida, mas porque acredito que fazer isso é a única forma de

escrevermos com autenticidade. Se sabemos do que gostamos quando vamos ler, se já descobrimos, já encontramos isso, já refletimos e ponderamos sobre as características estéticas do que nos agrada, do que nos comove na literatura, e se lemos muitas coisas com essas características, temos muito mais condições de encontrar nossa forma própria de escrever. Acho que é importante tentar cruzar a literatura com o desejo, com essa força interior, primitiva, talvez, que nos conecta sincera e profundamente com a vida. Se a escrita de algum modo encontra o desejo, ela produz algo autêntico, algo sincero, de verdade. Aí, claro, depois disso, isso encontrado, assegurado, temos todo um conjunto de elementos, também fundamentais na escrita, que podemos de certa forma aprender. A técnica, o manejo seguro e criativo da linguagem. Pra isso acho importantes as oficinas literárias, as mentorias, os cursos, as leituras críticas, enfim, todas essas ferramentas que o mercado desenvolve e apresenta e que nos ajudam muito a melhorar nossa escrita. Recomendo a todos que estão começando a escrever e que tiverem a oportunidade. Mas, na minha opinião, antes e mais profundamente do que tudo isso, nossa tarefa é encontrar nossa singularidade, compreender como a escrita se conecta com o nosso desejo e como tudo isso vai se misturando: desejo, escrita, vida. Não é fácil, mas é uma jornada que vale muito mais a pena empreender do que simplesmente tentar copiar ou seguir o que está vendendo mais nas livrarias.

Conexão Literatura: Existem novos projetos em pauta?

Tiago Magalhães Ribeiro: Sim. Estou escrevendo um novo romance. Está numa fase bem inicial ainda. Nesse novo projeto acho que estou aprofundando algo, algum tipo de investigação que já está presente no Frio, que é uma espécie de imersão no lado sombrio do ser humano, o lado que todos temos, mas do qual não gostamos de falar, não queremos tomar consciência, pois ele nos apresenta como algo diferente do que gostamos de pensar que somos, do que pretendemos mostrar aos outros. Mas é algo que, inescapavelmente, está lá, e muitas vezes está dirigindo as coisas (às vezes até política ou socialmente falando, ocupando posições de grande poder). Esse aspecto sombrio da existência humana me interessa, pois ele é extremamente ativo, poderoso e atuante em nossas vidas, ainda que para tornar suportável a existência tenhamos que fantasiar, elaborar narrativas que nos ajudam a nos proteger do horror da verdade. Então esse novo projeto de certa forma leva adiante questões que estão no romance Frio e que me interessam, me fascinam e me perturbam: o absurdo, a ausência de sentido, o aspecto sombrio dos seres humanos. Há uma beleza na forma como lutamos e nos debatemos entre o que gostaríamos que fôssemos e aquilo que as nossas experiências na vida vão nos indicando que de fato somos. Há um horror na percepção do descompasso que existe entre essas duas coisas. Esplendor e escuridão. É o que somos.

Perguntas rápidas:

Um livro: O Terceiro Reich

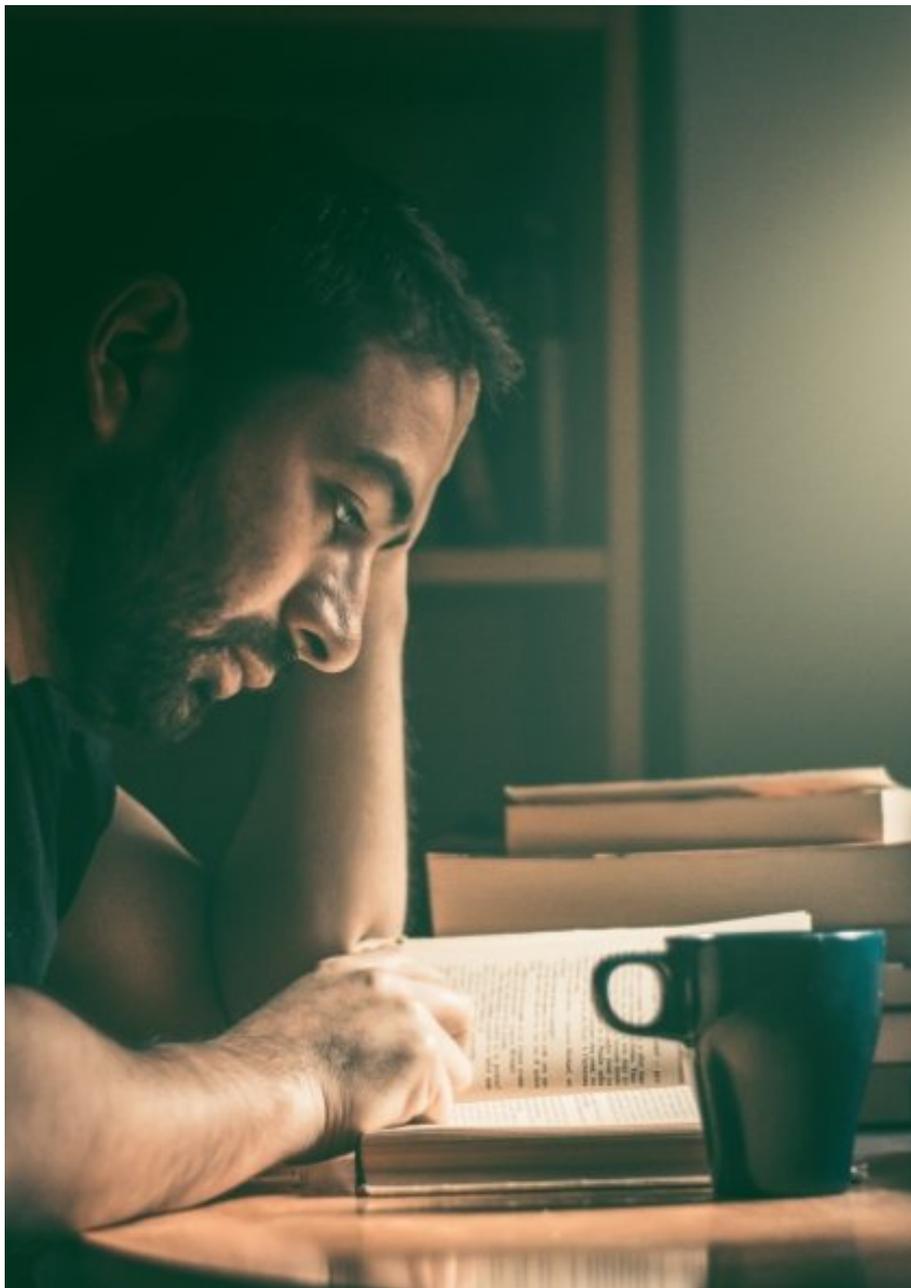
Um ator ou atriz: Harry Dean Stanton

Um filme: Força Maior

Um hobby: Grêmio Football Portoalegrense
Um dia especial: Hoje

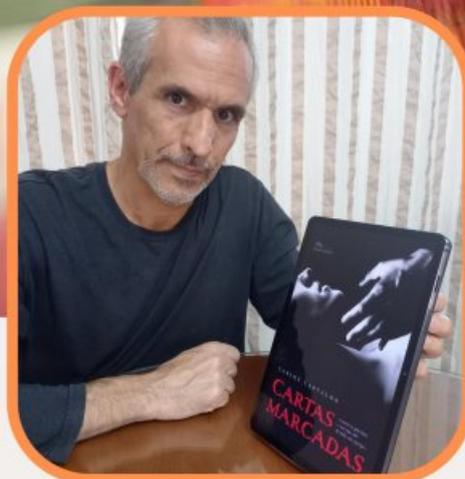
Conexão Literatura: Deseja encerrar com mais algum comentário?

Tiago Magalhães Ribeiro: Queria apenas agradecer a oportunidade que essa entrevista me deu de refletir sobre a literatura, minha forma de vê-la, meus processos criativos, minhas concepções estéticas, minha jornada. E convidar os leitores que sobreviveram até aqui a conhecerem o romance Frio e meus outros livros.



ENTREVISTA

COM CARLOS CARVALHO



Carlos Carvalho

Nasceu no Rio de Janeiro em 1967. Jornalista formado pela UFRJ (Universidade Federal do Rio de Janeiro), aos 22 anos começa sua carreira como assessor de imprensa. Em 1998, se torna funcionário da Casa da Moeda do Brasil. Amante de literatura e apaixonado pelos mistérios criados por Agatha Christie, escreve suas primeiras histórias ainda na infância. Em 2004, publica o livro de contos Histórias Urbanas. Sendo o Romance Policial seu gênero literário preferido, em 2009, publica No Silêncio da Noite seu primeiro livro no gênero. Em 2012, lança Culpado por Traição, livro indicado pelos leitores e influencers literários que destacam o enredo envolvente e a trama surpreendente. Em 2023 lança seu terceiro romance policial, Cartas Marcadas. Engajado em disseminar e fortalecer a cultura criou, em 2021, seu site para divulgar seu trabalho e dar espaço a novos talentos nacionais.

Entrevista

Conexão Literatura: Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?

Carlos Carvalho: Quando eu era criança, tinha por volta de 12 anos, li um livro de Agatha Christie, “E não Sobrou Nenhum”, e achei a forma como ela construiu a história sensacional, prendendo a atenção do leitor. Nesse momento eu decidi que queria escrever histórias que prendessem a atenção dos leitores daquela mesma forma. Aí surgiu a vontade que eu só iria materializar depois de muitos anos. Essa vontade me levou a cursar a faculdade de jornalismo, profissão que exerço desde 1989. Nos anos 2000 retomei meu projeto de escritor. Desde então publiquei quatro livros “Histórias Urbanas”, em 2004, um livro de contos; “No Silêncio da Noite”, em 2009, romance policial; e “Culpado por Traição”, em 2012, também romance policial; e agora, em 2023 meu mais novo romance policial, “Cartas Marcadas”.

Conexão Literatura: Você é autor do livro "Cartas Marcadas". Poderia comentar?

Carlos Carvalho: Foi uma experiência diferente das anteriores, uma vez que “Cartas Marcadas” foi escrito na pandemia, quando fomos obrigados a mudar radicalmente nossas vidas e nosso dia a dia em função do Covid-19. É mais um romance policial, trazendo de volta o delegado Luciano, protagonista de “Culpado por Traição”. O suspense gira em torno de uma série de assassinatos de prostitutas, ocorridos em Copacabana, na zona sul do Rio de Janeiro. Luciano passa a acompanhar o caso e se vê diante de um universo sombrio onde drogas, sexo, poder e morte se entrelaçam perigosamente. Cada passo adiante revela uma teia complexa de intrigas e segredos, na qual Luciano precisará enfrentar um jogo de cartas marcadas.

Uma trama que revela a crueldade humana, mas também a esperança em uma sociedade melhor.

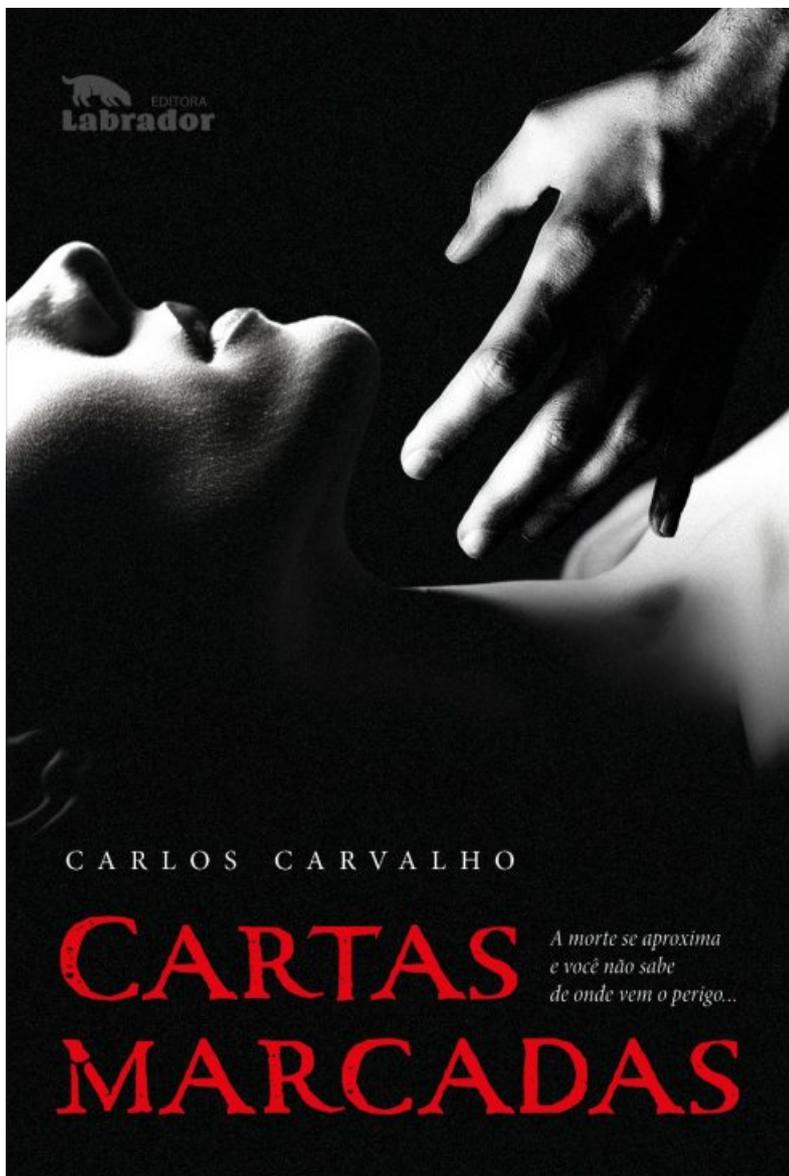
Conexão Literatura: Como é o seu processo de criação? Quais são as suas inspirações?

Carlos Carvalho: Eu parto de uma ideia, que vai ser o ponto central da trama. A partir daí vou inserindo personagens e situações que deem sustentação ao contexto da ideia inicial. Claro que no processo da escrita existem momentos em que você dá uma travada, precisa decidir qual o melhor caminho a seguir. Mas, de uma forma geral, flui bem. No meu caso, como parto de uma ideia básica, fico muito aberto a mudanças de rumo na minha escrita.

Para me inspirar procuro sempre ler romances policiais, para ver como outros autores trabalham a questão do mistério e do suspense, sempre tiro aprendizado dessas leituras. Minha grande inspiração no romance policial sempre será Agatha Christie.

Conexão Literatura: Poderia destacar um trecho do livro especialmente para os nossos leitores?

Carlos Carvalho: “Luciano olhou em volta. Parou na porta do quarto para observar a morta. A mulher estava estendida sobre a cama, deitada de barriga para cima, da mesma forma que haviam encontrado a outra. Ele se aproximou e verificou que havia uma moeda pousada sobre a boca da mulher. Além disso, reparou em um cacho de uva ao lado do corpo. Ela estava vestida e com o cabelo arrumado, assim como a outra prostituta assassinada.



“Será que estamos lidando com um louco, um *serial killer*?”, pensou ele.

Luciano se ajoelhou ao lado da cama e ficou observando o rosto da mulher. Ela estava com os olhos abertos. Teve a sensação de que ela suplicava por ajuda, como se estivesse pedindo socorro. Um pedido desesperado por justiça.”

Conexão Literatura: Como o leitor interessado deve proceder para adquirir o livro?

Carlos Carvalho: “Cartas Marcadas” pode ser adquirido nos sites da editora Labrador, da Amazon, da Livraria da Travessa, da Martins Fontes e da Livraria da Vila.

Conexão Literatura: Quais dicas daria para os autores em início de carreira?

Carlos Carvalho: Leia muito, todos os gêneros, dando uma atenção especial ao seu gênero de

escrita. Escreva muito, anote e guarde todas as ideias que tiver, para desenvolvê-las no momento mais adequado. E, para um escritor(a) no Brasil, é preciso ter muita perseverança, é preciso acreditar no sonho, não desistir nunca, pois não é fácil ser escritor(a) em um país como o Brasil, em que se lê pouco, onde livro ainda é tratado como objeto de luxo, quando deveria ser visto como oportunidade de aprendizado, como cultura.

Conexão Literatura: Existem novos projetos em pauta?

Carlos Carvalho: Tenho alguns trabalhos prontos, que venho publicando no meu site (www.esritorcarloscarvalho.com.br), em capítulos. Além disso, tenho projetos para mais três romances policiais que pretendo desenvolver ao longo dos próximos anos. Para esse ano ainda não acredito que tenha tempo para um novo lançamento. Quero dedicar esse final de ano à divulgação de “Cartas Marcadas”. Mas, com certeza espero voltar em 2024 com um novo projeto.

Perguntas rápidas:

Um livro: Morte e Vida Severina / todos da Agatha Christie

Um ator ou atriz: Wagner Moura

Um filme: O Nome da Rosa

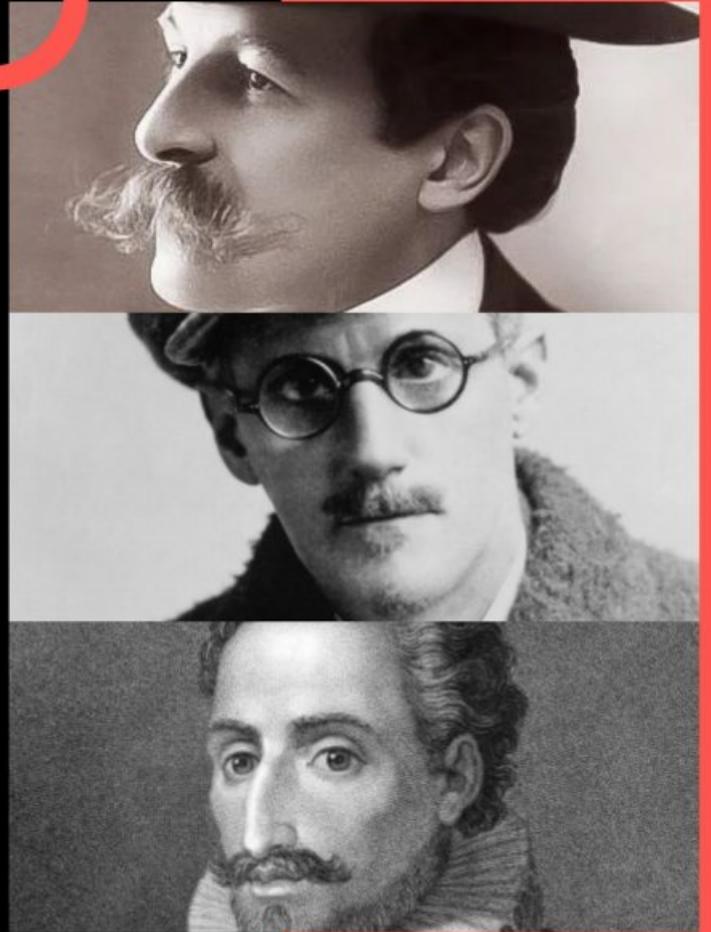
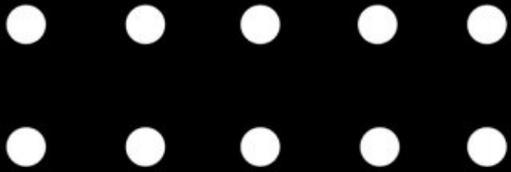
Um hobby: Ler

Um dia especial: hoje, todo dia é especial

Conexão Literatura: Deseja encerrar com mais algum comentário?

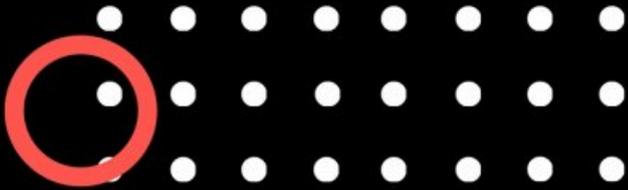
Carlos Carvalho: Quero agradecer a oportunidade de bater esse papo com os leitores da Conexão Literária. Parabéns à revista pela iniciativa de abrir espaço para os autores nacionais.





CITAÇÕES DE GRANDES AUTORES

Todos os meses na
Revista Conexão Literatura





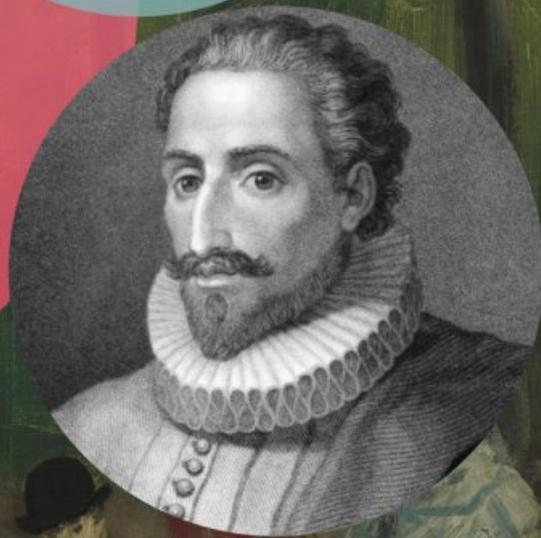
MAURICE LEBLANC

No momento, sinto o que devia sentir o homem que perdeu a própria sombra. Vou me procurar... e me encontrar.



JAMES JOYCE

“ Não há passado, nem futuro, tudo flui em um eterno presente. ”



MIGUEL DE CERVANTES

A perseverança é a mãe
da boa sorte.

TIRE O SEU CONTO
OU POEMA DA GAVETA



ANTOLOGIAS

SELO CONEXÃO LITERATURA

antologias de contos e poemas

**PARTICIPE DAS ANTOLOGIAS DA
REVISTA CONEXÃO LITERATURA**

LEIA OS EDITAIS: CLIQUE AQUI



CONTO
POR IRACI J. MARIN

A ÚLTIMA PALAVRA

Incentivo
à leitura

www.revistaconexaoliteratura.com.br

Encontrei a campainha só depois de ter batido duas vezes na porta do apartamento de Alex, um amigo de infância. A porta foi aberta por sua mulher. Abriu a porta e deu-me as costas. Entrei lentamente, carregando a sensação de estar me aproximando de um grande problema.

Fiquei de pé na sala até o amigo chegar. Meus pensamentos perambulavam pela cabeça e só me desanuviei quando ele apareceu. Abraçamo-nos alegremente. Esqueci a mulher. Sentamos para conversar, depois de muitos anos e vários quilômetros de distância. O assunto naturalmente foi o passado comum: as recordações da infância, dos passeios, a morte por afogamento de um terceiro, a ida de outro para o internato.

A esposa de Alex passou pela sala e, sem olhar para nós, comunicou:

— Vou sair.

E saiu. Alex levantou-se, foi até a porta, olhou no olho mágico, e de lá mesmo falou:

— Não estranhe a Circe. Ela é assim mesmo.

— Bem, cada um com suas peculiaridades.

Ele baixou a cabeça e foi sentar-se. O rosto ficou tenso, esfregou as mãos uma na outra, parecia agitado. Depois, com um sorriso triste, revelou:

— Não estamos bem, eu e ela.

O silêncio que se seguiu ficou gelado. O repentino barulho da geladeira acordou-o.

— Vamos tomar uma cerveja? Agora não vai ter problema.

— Uma cerveja vai bem.

Alex trouxe uma *long neck* para cada um. Brindamos o encontro e saboreamos a bebida.

— Se não me leva a mal, preciso falar. Você decerto estranhou o comportamento dela. Tem muito tempo que estamos mal. Só não dormimos em camas separadas porque não temos outro quarto. Foi com muito esforço que consegui comprar este apartamento pequeno.

Respirou fundo e revelou:

— Está muito difícil a nossa convivência. A coisa começou aos poucos, foi crescendo... Eu não percebi os nossos primeiros desacertos; me impus algumas vezes, fui severo outras, ela passou a gritar contra mim, trouxe coisas do passado — abriu o baú, sabe? Me agredia também, dizia palavras pesadas, desaforos. Passou a fazer o que eu fazia, mas com maior intensidade e frequência. O nosso dia a dia foi virando uma calamidade. (Suspirou.) Chegou um momento que pensei ser melhor o silêncio, então deixei de responder, retrucar ou gritar contra ela. Deixei de fazer o que fizera inúmeras vezes antes, na expectativa de amenizar a situação. E ela se fechou completamente, se transformou numa pedra. Vivemos mais ou menos bem um tempo. Mas hoje tivemos uma recaída.

Fez uma pausa. Respirou fundo.

— Minha vida está difícil, bem complicada.

— Lamento.

A conversa esfriou e eu experimentei uma súbita dúvida: ficar ainda na casa do amigo, celebrando o reencontro, ou ir embora logo?

— Procuo explicações, sabe? Quero entender o que aconteceu e como chegamos a este ponto. Pode ser algo dela mesma que eu desconheço, ou de mim, ou pode ser da vida em comum que não sabemos levar.

Pensei que ele ia chorar, sempre fora sentimental. Mas seus olhos estavam enxutos, embora com o semblante abatido.

— Às vezes penso em buscar ajuda num psicólogo, fazer terapia, sabe? Terapia de casais. Mas tenho dúvidas de que ela concorde em participar.

Falava pausadamente. Percebi que ele se sentia pesaroso.

— Não comentamos sobre nossos problemas. Na verdade, Elias, nós vivemos como túmulos, um ao lado de outro; só se ouve o barulho das coisas.

Não me ocorria algo para dizer ou sugerir. Queria desviar o assunto, mas sentia que o amigo precisava falar de si, de sua vida, desabafar.

— Hoje gritamos um para o outro, houve até algumas palavras duras. Uma hora, ela disse: não quero mais sofrer; precisamos resolver a nossa situação.

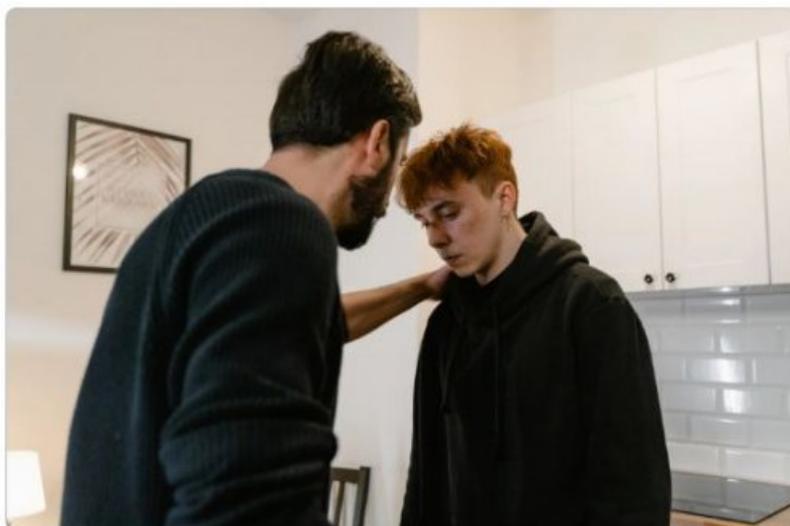
Nisto, a porta do apartamento se abriu e Circe entrou e logo falou com firmeza para Alex:

— É bom que este teu amigo esteja presente. Ele vai ser testemunha da minha decisão.

Postou-se na frente dele e falou:

— Eu disse que era preciso resolver a nossa situação. O melhor é a separação. Vamos tratar disso já.

De cabeça erguida e resoluta, foi para o quarto. Eu senti forte constrangimento em estar presente naquele momento da vida de meu amigo. Olhei para ele, que olhava para ela. Seus olhos umedeceram, mas seu semblante estava leve.



IRACI JOSÉ MARIN reside em Caxias do Sul - RS. É professor aposentado e advogado. Publicou obras de ficção e participa de diversas revistas com contos. Também publicou artigos e obras de pesquisa sobre a etnia polonesa. Lançou, em 2021, um livro com histórias para o mundo infantil e juvenil. E-mail: advmarin@gmail.com

REVISTA CONEXÃO LITERATURA

*conectando
autores e leitores*



*acesse o nosso site e redes sociais
e fique por dentro do que acontece
no mundo dos livros*

 [@revistaconexaoliteratura](https://www.instagram.com/revistaconexaoliteratura)

 [@conexaoliteratura](https://www.facebook.com/conexaoliteratura)

WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR

CONTO
POR IDICAMPOS



GOLPE DE SORTE

Incentivo
à leitura

www.revistaconexaoliteratura.com.br

A sorte é parceira do azar, às vezes há muita sorte quando dá tudo certo; ou por outra, nada acontece como planejado, tem-se o azar...

Naquela manhã que não prometia novidade, numa tremenda quarta-feira de cinzas, de um carnaval sem capital afetivo; só mesmo uma surpresa faria diferença, aí tocou o telefone: — Trim! Trim! Triiiiiii...

O coração vazio, o bolso raso, o futuro incerto, toda a ladainha de uma existência pobre de futuro, ganhava fôlego na esperança do telefonema... Nem prevaricou, após soar três vezes, lançou a mão no aparelho: — Alô!

— Bom dia! Com quem falo? Uma fala mansa de mulher levantou o astral...

— Aquilino da Boa Morte.

— Muito bem, senhor Aquilino, hoje é seu dia de sorte!

— Por quê?

— O senhor ganhou na Loteria do Cupom.

— Que é isto?

— A loteria do Cupom contempla, mediante sorteio anual da nota fiscal, o pagamento de um prêmio bilionário, de acordo com o número do CPF do cidadão.

— Obrigado, querida, pela sorte, estou explodindo de alegria!

— Quando gostaria de receber o bilhão?

— O mais rápido possível!

O sorriso do Aquilino mordia as orelhas, o ancião dava pulos de felicidade, sedia a emoção ao golpe de sorte; a voz vibrava junto ao ganhador da fortuna:

— Parabéns Aquilino! A intimidade largava mão dos pronomes de tratamento...

— Já posso sacar algum?

— Vejamos, tem uma burocracia...

— Desembucha.

— Uma nota fiscal do leite com água sanitária.

Enfiou os dedos no saco de notas: — Achei!

— A nota eletrônica daquele produto de 500g, que ficou com 400g, recentemente contém 380g.

— Tenho!

— Uma nota de alimento, com agrotóxico, que provoca câncer...

— Aqui! Uma porção...

— Uma só, Aquilino.

Questionou radiante: — Completei as exigências?

— Quase, precisa de alguns documentos.

— Quais?

— Regularizar a firma no cartório, idoneidade moral comprovada, atestado de reservista, título de eleitor, CPF, carteira de um time de futebol, prova de vida e comprovante de residência.

Lembrou, de estalo, daquela carteira de sócio proprietário do Futebol Clube Guaraciabá, time da quinta divisão do campeonato carioca de futebol — guardada à bastante tempo — desbotada, entretanto servia ao intento. Pediu licença à voz do aparelho, abriu o armário, pegou a pasta dos documentos, satisfez a demanda.

— Pronto, os pedidos estão reunidos.

— Partiremos aos finalmente...

— Diga.

— Urge despachar, carimbar, molhar a mão do agente, acessar a última instância; um conjunto de prerrogativas legais, expostas, previamente, no edital do Concurso do Cupom.

— Por onde começo?

— Reúna as economias da poupança, deposite na conta: 0300069-5, do banco X; o resto a gente resolve.

Sentiu firmeza, a mulher sabia até quanto tinha na aplicação, prova cabal da seriedade do negócio. Possuía uma quantia razoável, destinada ao seu enterro, depositou o total, na tal conta.

Trinta dias depois nada... Ligou ao número do concurso, ninguém atendeu à chamada, procurou na internet, sem sucesso; havia tomado uma volta redonda...

Aquilino não resistiu ao azar, caiu duro de infarto fulminante do miocárdio, na sala, enrolado nos fios do aparelho telefônico.

No momento do sepultamento, a fofoca ganhou o velório, afinal na capela do lado rolava uma festa; enquanto Aquilino dependia da solidariedade dos amigos para pagar as despesas do nojo.

Os amigos do Aquilino, de ouvidos atentos, escutavam a história da vizinha da outra capela... Tratava-se da morte de um travesti, conhecido como Fala Mansa, assassinado por causa de estelionato em sorteios de loteria.

A criatura, cravejada de balas, recebia a merecida vingança, por parte de um pretense otário... Por sorte, Fala Mansa recebia honras de rainha no cemitério — com o dinheiro da poupança do Aquilino — tinha tudo do bom e do melhor...



Idicampos, Idimarcos Ribeiro Campos é professor de português-literaturas, com pós-graduação em Formação de Leitores, tendo por tema: “Todo mundo gosta de ler, basta lê o quê gosta”. Publicado em periódicos, coletâneas físicas e digitais. Produzindo diferentes gêneros da arte da palavra.

CONTO
POR MÓNICA PALACIOS

AS CELEBRAÇÕES

Incentivo
à leitura

www.revistaconexaoliteratura.com.br

Poucos escapamos do turbilhão de idas e vindas, ajustes e desajustes, sonhos e decepções quando de organizar um evento se trata. Imagino que se os produtos tivessem a chance de se manifestar... sugeririam calma ou aconselhariam compassadas inspirações.

Imaginam a louca? Nossa, elas sabem que estarão à mercê de muitas novas mãos, de violenta lava louca, dos panos e de quem, já cansado, precisa levar elas a seu cantinho de descanso.

Ah! Não pensem que esqueci dos queridos animais, patos grasnando em ato de repúdio, galinhas em greve de botar ovos, aquele bezerro assustado e confiante em comensais veganos ou vegetarianos.

Claro, a horta: as alfaces giram como os girassóis, as cenouras se fingem de murchas, os tomates viram verdes de tão assustados e a salsinha... ah! Ela se esconde no coentro que parece o mais valente.

Os donos de casa acreditam que tudo está planejado, embora os vasos e os castiçais não conseguem disfarçar a sua tristeza por se verem sem função.

Chega a filha e a primeira pergunta é sobre a cor da festa... os vasos se iluminam, os castiçais mostram esperança e as velas, que estavam ainda embaladas, começam um sapateado digno de um show flamenco.

O telefone fixo, esquecido nestas décadas e o celular não param de soar... uns perguntam o endereço, embora fora enviado, assim como a infaltável amiga curiosa e solteira por saber quem irá.

Tudo deve ser previsto e saber que sempre, é inevitável algum imprevisto.

As tormentas e a falta de energia costumam ser motivos de rezas e simpatias em prol de horas de sossego.

Estavam achando que esquecia dos cachorros? Não, eles sabem que ir ao canil é sinônimo de reunião de humanos. Só podem observar e sonhar no dia em que voltem a estar livres e soltos.

Bom, acredito que os donos de casa já tomaram algumas doses a mais de Rivotril e ensaiam frente ao espelho sorrisos afetuosos, prolongados e sinceros.

Amanhã eu lhes conto como foi tudo. Paciência.

Mónica Palácios é Bacharel em Castelhana, Literatura e Latim - Professorado Mariano Acosta (1976) e Mestrado em Letras (Teoria Literárias e Literatura Comparada) pela Universidade de São Paulo (2000), Doutoranda na Universidade de Cândido Mendes em LII, atuando principalmente nos seguintes temas: espanhol, material didático para o ensino do espanhol e ensino de espanhol.

É autora de 3 livros infantis: Cartas de Manú e Aventuras de Filipo (Livrus) e Medos? Nunca Mais!, pela Soul Editora.

Apoie a nossa causa

CLUBE DA REVISTA CONEXÃO LITERATURA



INCENTIVO À LEITURA

APOIA.se



Agradecimentos aos apoiadores:

Roberto Schima - Mayanna Velame
Mônica Prado

você também pode apoiar, acesse:

<https://apoia.se/conexaoliteratura>



CONTO
POR NEY ALENCAR

AQUELE QUE GRITA

Incentivo
à leitura

www.revistaconexaoliteratura.com.br

“O grito da mata
É fazedor de viúva,
É devorador de gente,
É a boca do umbigo!”

— *Cantiga de Caxiúna*

1890.

O pequeno Sítio Jacupemba ficava às margens da vasta serra do Jacarará, encravado entre a Serra do Mar e o baixo Rio Negro, suas margens faziam divisa com os limites de Recife Velho. Diziam que aquele lugar era afamado, era lugar tremendamente ruim, cheio de assombrações e quando o avô de João Seriemá comprou o sítio foi por pouco mais que nada. O antigo dono, um tal Espiridião Salomé, mistura de turco com espanhol e bugre, desfez-se do lugar e logo tratou de correr mundo, sem dar vistas pra trás!

O avô de João, chamado Ari das Antas, viera da Espanha, seguindo à cruenta Guerra Civil Espanhola, fugido pois era do partido contrário quando os esquerdistas impuseram a ditadura em 1830. Veio e logo se instalou como mascate em Recife Velho, mas queria um lugar de refúgio e foi o que encontrou no sítio Jacupemba.

Seus olhos brilharam quando viu o lugar e logo juntou o dinheiro e comprou as terras.

Casou-se em 1835 com Sinhazinha Fátima dos Barros, professorinha alegre e muito dada que ensinava na escola perto da pensão onde morara. Diziam que ela fora noiva de um capataz robusto que sumira no mundo um ano antes e que desde então não servira pra homem nenhum, ficara espaçada por causa do apetite voluptuoso do cafuzo! Ele não ligou e levou-a para viver no sítio. Ela não fazia caso dele, tolerava-o apenas!

Não havia nada próximo de lá e quando ele viajava ela ficava sozinha, às vezes semanas sem ver viva alma humana pelos arredores. A mataria ao redor era virgem de homens!

Pelas suas matas fechadas como breu abundavam pássaros e onças também e outras coisas que não ligavam para os homens. Por vezes ela ouvia gritos tremendos que percorriam a mataria nas noites sem lua, e ficava bem quietinha enrolada no lençol na pequena cama de palha, com a velha espingarda, nessas noites rezava até o dia raiar.

Por vezes vinha um miado de onça, que logo se calava. Às vezes era o canto lúgubre da mãe-da-lua, outras vezes os curiangos que pareciam enrodilhar a casinha, cantando tão alto que era como se estivessem do lado de fora da porta. Rasga-mortalha vinha e voltava pelas madrugadas e urutaus e uirapurus faziam festa pelo crepúsculo.

Veza por outra surgia um escravo fugido das plantações de cana mais ao norte ou ao sul.

Vinha, passava pelo sítio e logo se ia embora, nem dava pra matar a vontade lúbrica da Sinhazinha pelo contato humano! Sozinha, ela se deliciava com cada um que passava por ali, todos diferentes, todos insaciáveis pela sua carne branca de professorinha, fato é que de nenhum mais se ouviu falar depois que saiu do sítio, embrenhavam-se pela mata e sumiam sem deixar rastro, como que por encanto.

Não tinha medo da mata! Nada que vivesse ali iria feri-la, tinha certeza inabalável disso! Por vezes parecia que tinha algo ali, mas ela não sabia ao certo, só escutava uns

assobios estranhos, como de curupira, ou uns gritos mais distantes, de coisas menos humanas. Nunca se embrenhou dentro do verde, tinha entendimento das coisas!

O marido voltava de vez em quando para vê-la, ela nem fazia questão, estava mais acostumada com os escravos. Ele ia e vinha, sem carecer de tempo! Ela sentia falta de amor de verdade, que nunca teve! Fato é que quando retornou de uma de suas viagens, o marido a encontrou já embuchada com menino na barriga branca, quase da cor de leite!

Ari das Antas ia ser pai e a felicidade foi tanta que não ligou para a pretidão da pele da criança quando nasceu, só tinha olhos para a esposa, lânguida e espaçada.

Quando a cor da pele não abrandou se deu conta das guampas que lhe guarneciam o chapéu, já era tarde! Não era homem de se deixar riscar desta forma, começou a passar mais tempo pelos botecos de beira de estrada e pelos casarios cheios de mundanas das bordas das cidades. Sumiu pelo mundo, não voltou mais!

Sinhazinha criou sozinha o filho, à quem deu o nome de Salomão, que virou um rapaz forte e bonito, puxara ao pai, fosse ele quem fosse!

O menino corria solto pela mataria ao redor, não tinha os medos da mãe, só sabia que nada iria lhe fazer mal por ali, era um certeza quase intrínseca que possuía.

Subia pelos angelins-vermelhos que cercavam a casinha, trepava pelas sumaúmas e pelos jequitibás-rosas, nem as castanheiras nem as perobeiras escapavam.

A mãe ralhava, cuidando do menino, “mais parecia um macaquinho” dizia ela!

Aos treze caçou a primeira onça com uma espingarda velha que o mascate havia deixado na casa, a pele pendurou na parede da pequena salinha, era seu orgulho.

Quando já estava com vinte anos enrabichou-se por uma índia bugra chamada Iázinha e acabaram se casando. Vieram os dois morar com Sinhazinha.

Certa noite de lua cheia, Sinhazinha estava deitada na cama de palha perto da janela aberta, o fecho de luar iluminava lhe o colo, quando ouviu aquele assobio estranho e derradeiro que tantas vezes escutara na mocidade.

Curiosa e já experiente da vida, resolveu encontra-lo, matar a vontade que a consumia!

Abriu a porta, uma lufada de vento veio trazendo um cheiro diferente. Uma mistura de jasmim e mel! Respirou aquele cheiro adocicado, sorriu e embrenhou-se na mata!

O filho encontrou a porta aberta, de Sinhazinha ninguém nunca mais ouviu falar!

Ele ficou morando ali com a esposa bugra e logo veio um filho, que ele chamou João Seriema, pois na noite que o pequeno nasceu uma seriema voou para o telhado da casa e se pôs a cantar como se fosse uma estranha risada estridente! Diziam que era a avó da criança que viera desejar vida longa! Não havia seriema por ali!

O menino João cresceu rápido, como o pai, tinha a pele bem escura e os cabelos lisos e cheios, como se houvesse puxado por aquele avô sem nome que não conhecera!

Quando estava com quinze o pai saiu em uma caçada e não voltou!

A mata tomou o que era dela! Ele e a mãe o esperaram na soleira da porta, mas Salomão não retornou. Da mata veio só um grito, alto e curto, horrível! Não era de gente não, nem era de bicho! Como se a própria mata gritasse o nome do pai. Depois tudo ficou em silêncio. A mãe deixou a casinha naquele mesmo dia e levou João consigo, para morar na aldeia de seus pais, muito abaixo pelo Rio das Capivaras.

O tempo veio e a mata rondou, rondou e tomou conta do sítio, o mato lambendo as paredes. João só voltou ali quando era homem feito!

Voltou já casado, com Azilene, índia bugre de cabelos negros e compridos que lhe chegavam na cintura e com um filhinho, que chamou Kairu!

Quando chegou a mataria pareceu retroceder e a casinha foi de novo deixada de lado.

Em noites de lua cheia, por vezes, via um pedaço de retalho branco que pairava pelas copas das árvores mais altas, e ouvia uma vozinha doce que parecia cantar.

Isso o fazia lembra-se de quando era pequeno, das vezes que uma linda moça de pele branquinha vinha cantar na beirada do berço, nas madrugadas.

Ele nunca perguntou ao pai, quando este estava vivo, quem era aquela moça, tinha quase certeza que era sua avó!

Certa vez saiu para caçar! A mataria estava silenciosa! Andou um dia inteiro sem encontrar nenhuma caça, nem um único veado pelo caminho, nem sequer marcas de onça. Nem caxambira, nem bacurau, nem matinta piava ali. O mormaço era tanto que parecia descer uma modorra das copas que tornava seus passos letárgicos e pesados. Só se ouvia o arrastar dos passos do caçador, ele olhava para os lados como se procurasse alguma coisa, ou como se esperasse ver alguma coisa inusitada, mas não via nada.

Estava para voltar para casa, de tardezinha, quando súbito ouviu uns barulhos estranhos! Barulhos de quebra galho, arrasta folha e gente grande andando, da direção de onde havia vindo, como se seguissem seus passos. Um calafrio horrível passou pelo seu corpo, teve vontade de largar tudo e sair correndo, se conteve, não era prudente fazer barulho naquele momento. Quando parou os barulhos pararam, como se esperassem por ele. Quando andou, continuaram, parou de novo, assustado! Fosse o que fosse aquilo estava atrás dele. Subitamente soou pela mata um barulhão enorme, eram gritos horrendos, altos e curtos que ecoavam secos:

— Óooopá! Óooopá! Óooopá!

João ficou quieto! Sabia que não devia responder não! Não se respondia gritos daqueles dentro da mata, havia coisas horríveis que caçavam por aquele lugar, ele sabia bem, conhecia as histórias dos caçadores que responderam e nunca mais voltaram, seu pai fora um deles! Foi então que teve a idéia de subir em uma árvore, escolheu um angelim vermelho, a maior por ali e subiu bem alto. Esperou montado em um galho, não dava pra ver o chão da mata por entre os galhos.

A noite veio e o pegou ali! Não podia descer, não sabia se aquilo ainda estava por ali. Ficou só escutando! Foi então que ouviu um miado de onça, distante que veio se aproximando devagar, depois escutou a bicha arranhando o tronco do angelim, se ela subisse ele estaria morto! Um medo tremendo caiu nele!

Súbito um fedor enorme subiu com o vento da mata, quase derrubando João do tronco.

Ouviu um barulhão de coisa correndo, galho quebrando como se tivesse uma briga feia bem debaixo da árvore, ouviu uns miados esganiçados da onça e depois só o silêncio.

Um outro som quebrou o silêncio, O barulho horrendo de dentes trincando ossos, o estalar e o quebrar, João quase caiu do tronco quando percebeu que aquilo estava devorando a onça. Depois de um tempo o silêncio voltou.

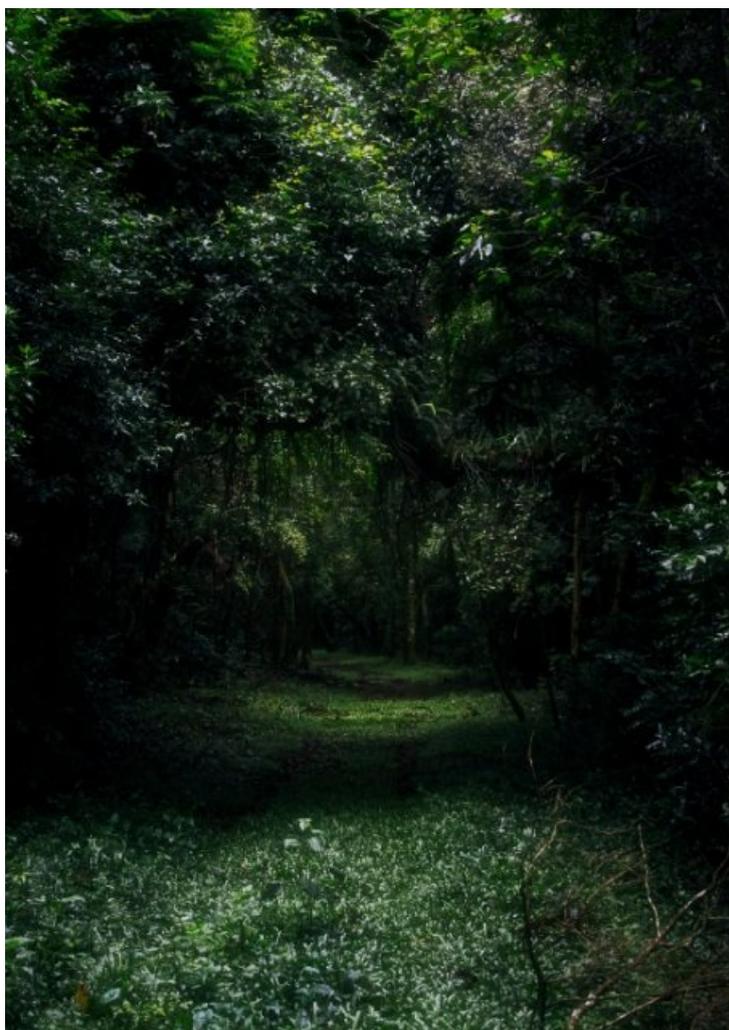
Súbito sentiu o tronco tremer quando alguma coisa grande e pesada se encostou nele em um vaivém cadenciado por algum tempo até terminar em um berro alto e curto que ecoou sinistro pela mata. Depois tudo voltou ao silêncio, a noite passou devagar.

Quando João desceu pelo tronco, bem de manhãzinha viu um líquido amarelo e pegajoso que fedia e escorria do tronco onde o bicho se espojara. Quase ao lado do tronco pode ver com asco os poucos restos da onça.

Aquilo o transtornou de tal forma que sua sanidade ficou abalada.

Correu de volta à casa e pegando a esposa e o filhinho deixou o sítio assombrado!

O pequeno Kairu voltou-se ainda uma última vez para dar adeus àquela moça linda de pele branquinha, quase transparente, que lhe acenava do umbral da porta!



Ney Alencar é natural de Recife-PE. Radicado em Osasco desde 2013. Professor, Pintor e Psicopedagogo. Membro da Academia Internacional de Literatura Brasileira nº 0596. Membro da Associação Internacional de Escritores Independentes e Membro da Academia Independente de Letras de São João – PE. Possui 160 contos publicados em 37 e-books e em 56 antologias. Possui 04 Romances publicados.

Leia acompanhado de
uma boa xícara com
café.



@revistaconexaoliteratura





CONTO
POR ROBERTO SCHIMA

Incentivo
à leitura

POR DUAS VEZES AFORTUNADA

www.revistaconexaoliteratura.com.br

Trabalhar em uma cidade grande e longe da sua não era atividade fácil.

Certas pessoas em sua cidade natal diziam:

— Poxa, lá tem de tudo, muitos *shoppings*, cinemas, teatros... Oportunidades!

Outras, em seu serviço, comentavam em tom de inveja:

— Caraca, Kaiani, você mora em Itanhaém! Sol, céu, praia... Que maravilha!

Como se ela passasse o dia inteiro enfiada em *shoppings*, cinemas, teatros ou tomando banho de mar. Viam as imagens de cartão postal, mas não enxergavam a realidade do cotidiano. De fato, era obrigada a despertar mais cedo que as colegas e acabava dormindo mais tarde. Os horários eram sempre apertados, assim como a sua disposição. Quanto aos finais de semana, em vez de ir à praia, tinha que aproveitar o tempo para fazer os serviços domésticos acumulados.

— E nas férias?

As férias, em geral, coincidiam com a descida de turistas ao litoral, os quais — como bons farofeiros — traziam todos os transtornos e neuroses na bagagem, tirando a paz dos moradores. Saíam das malocas, mas as malocas não saíam deles.

Como se não bastasse o serviço em si, que jamais fizera parte dos ideais de Kaiani, residir em Itanhaém e labutar na capital paulista trazia toda sorte de contratemplos, sendo "sorte" uma palavra assaz inadequada:

Poluição.

Baldeações.

Caos urbano.

Risco de assalto.

Fadiga da viagem.

Buzinadas e gritarias.

Multidões a se acotovelar.

As constantes subidas e descidas na serra eram os momentos mais amenos: a escuridão a ceder lugar para o alvorecer e o chegar da noite acompanhado pelas estrelas. A vista do rio e, mais além, o mar. A floresta a cobrir a serra. Contudo, após centenas de idas e vindas, até mesmo a visão de um paraíso do qual pouco usufruía se transformara em rotina. Certa feita, durante o retorno, uma carreta tombara na pista, causando um engarrafamento quilométrico. Só conseguira chegar em casa por volta da meia-noite. Durante a infundável espera, perguntara-se um bilhão de vezes se valia a pena todo o esforço. Pergunta inútil, pois a crise de emprego dava-lhe poucas escolhas ou nenhuma. Principalmente em sua cidade, onde qualquer carreira não tinha o menor futuro, a menos que o ideal de vida fosse passar toda a existência atrás de um balcão de loja por um salário pífio. Por outro lado, cogitar de se mudar para São Paulo estava, por assim dizer, fora de cogitação.

Todas as noites, após o ônibus descer a serra, seguia pela Rodovia Padre Manoel da Nóbrega. Com as luzes do interior apagadas, percorria o longo trecho do município de Praia Grande, seguindo por Mongaguá até, finalmente, atingir a divisa de Itanhaém. Em seus assentos, passageiros cansados, sem ânimo para ler ou conversar, dormitavam ou deixavam a vista se perder do lado de fora.

Kaiani estava entre eles.

Possuía os belos traços miscigenados a denunciar uma antiga linhagem tupiniquim; tez bronzeada, cabelos pesados, lisos e negros, olhos ligeiramente amendoados. "Caiçara", diziam alguns; "indiazinha", os mais atrevidos. Recordava-se das histórias dos avós a respeito dos povos indígenas. Não eram boas memórias, temperadas que foram por sofrimentos, violações, doenças, dor, perseguições, misérias e assassinatos. Perguntava-se do porquê do governo ter criado cotas para negros e um "dia da consciência negra", enquanto nada fora feito em relação aos índios. Só porque os índios não votavam? Por que ainda eram obrigados a lutar por suas terras contra mineiros, fazendeiros e afins? "Política é uma nojeira", concluía e procurava colocar uma pedra sobre o assunto. Precisava vencer o cansaço e permanecer atenta. Já ocorrera mais de uma vez de adormecer e só despertar na rodoviária, o que, além da perda de tempo, obrigara-a a tomar um táxi a fim de refazer o caminho até sua casa. Não podia deixar passar o ponto de referência do outro lado da pista: a estrutura encardida de um prédio inacabado, abandonada havia vários anos e apelidada de "Esqueleto"¹. A partir dele, esperaria avistar a iluminada igreja do Suarão e, então, avisaria o motorista, pedindo para descer pouco mais adiante, na passarela do Cabuçu.

Para mal dos pecados, chovia a cântaros, prejudicando a visão. Felizmente, era conhecida do motorista e ele, recordando-se do embarque da passageira, falou em voz alta:

— Olha o Esqueleto!

Ela apertou os olhos e, a custo, observou a obra abandonada através do vidro embaçado. Correu para a frente do ônibus, agradecendo.

— Passarela do Cabuçu, certo? — disse o motorista.

— Isso mesmo. Obrigada.

Ele se virou e sorriu para ela.

— A satisfação é minha.

Não fosse a fadiga e a irritação, Kaiani teria notado que havia algo mais na gentileza: ele a paquerava. O homem nutria uma esperança vã: o que menos a mulher sonhava era envolver-se com alguém. Mas, como falavam, a esperança nunca morria, e, amanhã, outra noite seria.

Os arredores da passarela eram ermos e, em especial à noite, sinistros, para não dizer perigosos. A pista era margeada de ambos os lados por matagais e esgotos a céu aberto.

— Embonecam a orla, mas aqui continua em abandono — dizia.

Àquela altura, Kaiani devia estar acostumada com o trajeto. Mas não estava. Era a parte que mais a inquietava, pior até do que em São Paulo, pois lá sempre havia gente por perto, por mais indiferentes que as pessoas fossem ao sofrimento alheio, a tudo e a todos a sua volta. Ao caminhar pela passarela carcomida de maresia, sempre olhava para todos os lados, a fim de ver se não havia alguém suspeito, porém, fato era que, se quisessem apanhá-la de emboscada, pouco ou nada poderia fazer além de gritar para a escuridão.

Entrementes, era uma noite chuvosa, e, diante do aguaceiro pesado, até os marginais preferiam o aconchego de seus abrigos em vez de se submeterem à intempérie por um celular e alguns trocados.

¹ Há algum tempo, o Esqueleto foi demolido.

De bom havia o vento frio.

Satisfeita, encheu os pulmões de ar puro.

Eis algo que não tinha etiqueta de preço e nem imposto.

Após a passarela, andou a passos largos pela Rua das Oliveiras, o som de seus passos no calçamento hexagonal abafados pelo tamborilar do aguaceiro. A proeminência das sombras causava-lhe calafrio. Tudo parecia quieto e deserto. Era como se apenas ela existisse no mundo. Imaginou as poucas pessoas que de fato residiam por ali — a maioria das casas era de veraneio —, tranquilas, assistindo TV, preparando-se para dormir, discutindo problemas domésticos ou acariciando-se sob os lençóis. Isso afastou um pouco o sentimento de apreensão. Também diminuiu a raiva. Tivera uma discussão feia com o chefe devido aos frequentes assédios. Todo mundo ouvira. Duvidava até se, na manhã seguinte, teria um emprego para voltar. Enquanto os sapatos chapinhavam nas poças d'água, imaginou mil justificativas para o seu comportamento.

— Justificativa uma pinoia! — esbravejou. — O *fdp* passou a mão na minha bunda!

Todavia, quem iria acreditar? A quem iria recorrer? O bastardinho era filho do diretor geral e estava habituado a dar em cima das funcionárias. Pensou em registrar a ocorrência, mas conhecendo a sociedade em geral e os homens em particular, decerto a transformariam de vítima em ré. O que fazer?

Um relâmpago riscou o céu e o trovão pegou-a de surpresa. Perto demais.

Quando o som reverberante desapareceu, ela se deu conta de outros ruídos além da chuva, do vento nas copas das árvores e do chapinhar de seus passos.

Tinha mais alguém na rua.

Diante de uma escola havia uma árvore. De trás dela emergira uma figura grande que, sob a luz da iluminação pública, revelara um rosto largo de semblante desvairado. Ladrões comuns podiam estar em seus esconderijos, contudo, para um maníaco cuja mente distorcida fora agravada pelo consumo de drogas, não existia um tempo tão ruim quanto a tempestade a se abater dentro de si. E a mulher que acabara de passar diante dele era menos interessante pelo dinheiro que teria do que aquilo que seu corpo poderia oferecer. Excitado, erguera-se da grama molhada.

O calçamento terminou no trecho em que passava por uma linha de trem em desuso, com muito mato e algumas árvores nos arredores, tão largado ao descaso quanto as margens da rodovia.

Movida por um impulso, Kaiani olhou sobre os ombros. De imediato, o sangue gelou.

O vulto não fez questão alguma de disfarçar o aspecto ameaçador.

Lívida, a mulher começou a correr.

O maníaco disparou.

— Vem cá!

Kaiani já vira ou ouvira falar sobre centenas de casos de jovens sendo abusadas. Sempre temera tal situação. Agora, via-se no papel de protagonista. Em desespero, desfez-se do guarda-chuva, da bolsa e do casaco, mas as passadas atrás dela prosseguiram, indicando não se tratar de um simples assalto, por menos que isso tivesse de simples. O pior dos cenários veio-lhe a mente: morta no mato sob a chuva, trajes arrancados, nudez revelada de maneira cruel e crua, alvo da curiosidade de sórdidos. Começou a chorar

enquanto percorria a lombada pedregosa sobre a linha de trem, visão embaciada. Agora, a discussão que tivera no serviço pareceu-lhe estúpida.

O marginal se divertia diante do pavor da outra. A presa não somente tinha pernas mais curtas como tentava correr com sapatos de salto alto pelo terreno molhado e arenoso. A prosseguir assim, breve escorregaria, facilitando seu trabalho.

"Mamão com mel", pensou.

A menção ao fruto o fez imaginar o busto da mulher em suas mãos, aumentando-lhe o desejo. Tateou um dos bolsos a fim de assegurar onde estava a faca. Acelerou. Pretendia alcançá-la, agarrá-la e arrastá-la para a vegetação rasteira e daí, sob a chuva e sobre o terreno molhado... Estava prestes pegar Kaiani quando um vulto vindo do céu, desabou em cima dele, fazendo-o rolar sobre as pedras e o mato até atingir uma velha caçamba.

A mulher se sobressaltou com o barulho e, involuntariamente, olhou para trás. Imaginou-se perdida. Todavia, o que avistou através do pé d'água fez suas pernas pararem. Apavorada, ofegante e incrédula, assistiu à cena extraída de um horrível filme *noir*.

Embora tivesse quase um metro e noventa de altura e uma compleição taurina, o homem foi atirado contra a caçamba de ferro como se fosse um boneco de pano. Desorientado, apanhou a faca e olhou ao redor. Não acreditou no que viu. Apesar da escuridão, distinguiu a silhueta de outra mulher: era uma criatura pequena de cabelos exuberantes. De modo algum poderia tê-lo empurrado daquela forma. Certamente, havia tropeçado, sim, tropeçara numa saliência qualquer. Agora, tinha duas vítimas apetitosas em vez de uma.

Entretanto, a mulher não demonstrou qualquer temor diante do brutamonte e da arma. Sequer quando a lâmina foi enfiada em seu ventre e a expressão de dor que se imprimiu em seu rosto foi somente um reflexo de um tempo passado, quando a vida habitava seu corpo e o temor salpicava sua alma. Porém, vida não mais havia e se algum vestígio de medo restara absorvera-se para o nada a semelhança das gotas de chuva no areal. Arrancou a nefasta lâmina da mão do gigante e a fez descrever um arco até ser engolida pelas sombras e a vegetação.

O maníaco não acreditou em seus olhos.

As mãos da mulher converteram-se em garras. Os caninos se sobressaíram vários centímetros para fora dos lábios carmesins, o corpo modificou-se para uma escuridão densa, dentro da qual destacaram-se os olhos feito duas chamas do inferno. A neblina de trevas se despejou sobre o desgraçado e envolveu-o num abraço descomunal. Foi tomado pelo contato gélido da noite personificada. Perdeu-se no cintilar hipnótico daquelas tochas e, sem conseguir reagir, percebeu o fincar de garras em suas costas e o cravar dos dentes em sua garganta.

A coisa guinchou de júbilo para o temporal.

O homem estrebuchou, afogando-se no próprio sangue, o qual escorreu por seu corpo, misturando-se às poças d'água.

Garganta estraçalhada.

Sangue jorrando aos borbotões.

A coisa saciou a sede até se empanturrar.

Terminado o ato, a criatura reassumiu a forma humana, arrancou a cabeça do corpo do homenzarrão, fitou-o e, em tom de desprezo, disse num idioma estrangeiro:

— *Îmi amintești de Avraam!*

Em seguida, cuspiu nele e atirou-o para longe. Depois, livrou-se do corpo, jogando-o dentro da caçamba. Desabou num baque metálico feito um saco de batatas. Então, a vampira voltou sua atenção para Kaiani que, paralisada de medo, mantivera-se estática feito uma estátua ensopada de chuva. Caminhou na direção da outra, dando-se conta das próprias vestes banhadas de sangue. Sorriu e, num Português carregado de sotaque, sussurrou:

— Perdoe-me pela sujeira. Você teve sorte, uma sorte dupla, devo dizer.

Trêmula, Kaiani se esforçou por recuperar o controle e gaguejou:

— Co-como assim?

— Encontrava-me faminta. Senti de longe o cheiro de sangue. Está naqueles dias, não está? O frenesi tomou conta de mim. Avistei-a, caminhando pela rua: sozinha, indefesa, apetitosa. Era para ter sido *você* a minha refeição. Porém, aquele animal saiu do esconderijo e a perseguiu.

Kaiani sentiu o estômago revirar.

— Tro-trocou-me por ele por ter mais sangue?

A vampira sorriu e seus caninos surgiram como um lembrete daquilo que era.

— Ele me fez recordar alguém que um dia me abandonou. Uma luz de racionalidade iluminou minha mente e eu soube o que deveria ser feito.

— Va-vai me matar também?

A vampira sorriu, havia melancolia em seu pálido semblante. Acariciou o rosto de Kaiani.

— Não. Fartei-me o suficiente. Foi sua segunda sorte: salvá-la da besta. Vá! Apanhe suas coisas e retome o caminho para casa. Acompanhá-la-ei para que nada mais aconteça. Tenha a bem-aventurança que eu não tive. Solidão, trevas e angústia constituem a minha sina. Meu nome é Lúcia.

— Chamo-me Kaiani.

— Nome estranho.

— "Estranho"? — balbuciou a jovem de traços indígenas, encarando a criatura.

A vampira riu.

— Entendi. Nesta noite tempestuosa, a estranheza fez morada.

Kaiani correu para apanhar a bolsa, o casaco e o guarda-chuva.

Enquanto refazia seu caminho pela rua, agora denominada Itaguaçaba, escutou junto aos ouvidos:

— Conhece alguém chamada Serafina?

Era uma pergunta inusitada. Contudo, o nome soou familiar.

— Não, mas ouvi falar. Era uma moça mimada, filha de pais ricos. Desapareceu de repente... Hã... Você...

— Não, não fui eu. Procuo por ela. Soube que se tornou igual a mim. Ajo como uma órfã atrás de uma irmã perdida.

— Só sei que ela sumiu.

— Tomou ciência de outras pessoas desaparecidas ou o surgimento de corpos sem sangue?

— Não-não! Trabalho longe. Fico o dia inteiro fora.

— Que pena...

Diante da casa de Kaiani, a vampira acariciou os cabelos molhados da outra mulher. Aproximou seus lábios do pescoço da outra e sussurrou:

— Que não nos encontremos outra vez, apesar de, agora, eu saber onde mora.

Dito isso, a criatura desfez-se em névoa e diluiu em meio à escuridão.

Kaiani teve dificuldade em entrar devido ao tremor nas mãos. O molho de chaves caiu mais de uma vez. Por fim, já no aconchego do lar, deu-se conta do extraordinário pelo qual passara e do quão perto esteve de se perder para a eternidade.

Pensou no entrevero com o chefe.

Pensou na passada de mão nas nádegas.

Pensou no tarado que por pouco a vitimara.

Cerrou os punhos com raiva de sua impotência.

Mais calma, refletiu sobre o encontro com a vampira.

Considerou seu dia a dia, a rotina diária de subir e descer a serra, os tormentos da cidade grande, o ambiente de trabalho, as perspectivas futuras. Então, concluiu:

— Talvez não seja tão ruim voltar a vê-la.

E a chuva prosseguiu madrugada adentro, a tamborilar sobre os telhados, as folhagens, as ruas e uma enferrujada caçamba ao lado de uma ferrovia abandonada.



BIOGRAFIA:

Paulistano e neto de japoneses nascido em 01/02/1961. Passei a infância imerso nos anos 60. Senti o clima de entusiasmo em relação a "Conquista do Espaço" que hoje não existe mais. Colecionei gibis de terror. Desenhei inúmeros monstros. Assisti aos filmes da Hammer, desenhos da Hanna-Barbera, seriados de Irwin Allen, Jornada nas Estrelas, Ultraman etc. Li os pockets da série *Trevo Negro* de R. F. Lucchetti. Apavorei-me com o episódio *O Monstro Invisível*, de Jonny Quest. Fascinei-me pelo lirismo de Ray Bradbury ao ler uma adaptação em quadrinhos de seu conto "O Lago". Fui um garoto que amava os

monstros: sobrenaturais, mitológicos, pré-históricos, abissais ou do espaço, incluindo as criaturas de Ray Harryhausen. Apavoravam-me, mas eram meus amigos. Agraciado com o *Prêmio Jerônimo Monteiro*, promovido pela *Isaac Asimov Magazine* (Ed. Record), pela história *Como a Neve de Maio*. As histórias *Abismo do Tempo* e *O Quinto Cavaleiro* foram contempladas pela revista digital *Conexão Literatura*, de Ademir Pascale, da qual tornei-me colaborador a partir do nº 37. Colaboro também com as revistas digitais *LiteraLivre* de Ana Rosenrot e *Obook* de Fernando Lima. O conto *Ao Teu Dispor* foi premiado na antologia *Crocitar de Lenore* (Ed. Morse). Escrevi: *Limbographia*, *O Olhar de Hirosaki*, *Os Fantasmas de Vênus*, *Sob as Folhas do Ocaso*, *Cinza no Céu*, *Era uma Vez um Outono*, *Vozes e Ecos*, *Através do Abismo*, *Imerso nas Sombras* etc. Participei de mais de duzentas e setenta antologias até o momento. Contato: rschima@bol.com.br. Mais informações: *Google* ou nos links abaixo.

<http://www.revistaconexaoliteratura.com.br/search?q=schima>

https://www.amazon.com.br/s?k=%22roberto+schima%22&__mk_pt_BR=%C3%85M%C3%85%C5%BD%C3%95%C3%91&ref=nb_sb_noss

<https://clubedeautores.com.br/livros/autores/roberto-schima>

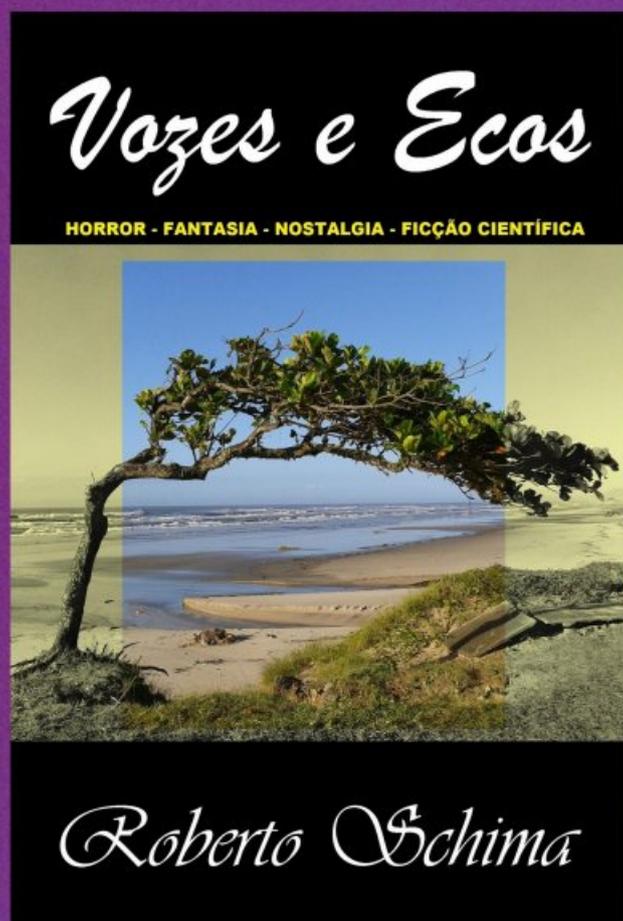
<https://loja.uiclap.com/autor/roberto-schima/>

<https://www.wattpad.com/user/RobertoSchima>

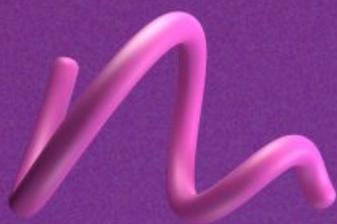




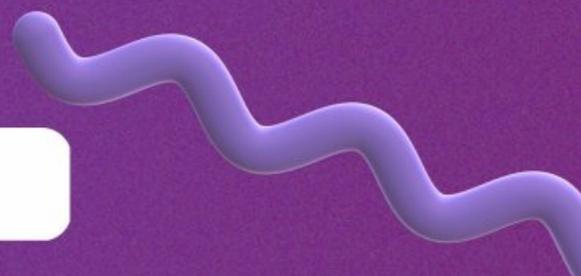
Aos 14 anos, minha mente vivia povoada por criaturas fantásticas. Monstros dos mais variados tipos conviviam com estranhos guerreiros espaciais. Quase meio século depois, continuo a amar os monstros, por mais que possam me amedrontar. Na forma de contos, eles ainda perambulam dentro de mim ao lado de pequenos dramas do cotidiano. Em mais de seiscentas páginas, "Vozes e Ecos" traz de tudo um pouco: lobisomens, andróides, vampiros, palhaços, o Homem do Saco, Umibozu, fantasmas, fábulas, amores não concretizados, mitologias, conflitos espaciais e uma pitada de melancolia. Traz, ainda, alguns poemas, crônicas e ilustrações.



DO AUTOR ★
ROBERTO SCHIMA



PARA ADQUIRIR
O LIVRO



LIVRO FÍSICO:

- UICLAP: [HTTPS://LOJA.UICLAP.COM/TITULO/UA26489/](https://loja.uiclapp.com/titulo/ua26489/)
- VERSÃO CAPA DURA: [HTTPS://CLUBEDEAUTORES.COM.BR/LIVRO/VOZES-E-ECOS-2](https://clubedeautores.com.br/livro/vozes-e-ecos-2)
- CLUBE DE AUTORES: [HTTPS://CLUBEDEAUTORES.COM.BR/LIVRO/VOZES-E-ECOS](https://clubedeautores.com.br/livro/vozes-e-ecos)
- PERSE: [HTTPS://WWW.PERSE.COM.BR/VOZES+E+ECOS-12322.HTM](https://www.perse.com.br/vozes+E+ecos-12322.htm)
- E-BOOK NA AMAZON: [WWW.ENCYRTADOR.COM.BR/CDTR5](http://www.encyrtador.com.br/cdtr5)





CONTO
POR SELMA LUANNY

PASSOS PARA O COSMOS

CAP I - PREPARO E DESTINO INICIAL

Incentivo
à leitura

www.revistaconexaoliteratura.com.br

Introdução

Este Humano Tempo

*Com os olhos e a curiosidade
para o Universo, levantados,
debate-se com a razão a apontar
à insignificante pequenez.
A existência diante do infinito...
a sensação de impotência...
a constrição do corpo do ser.*

*No sentir do Cosmos a implacável
dimensão e da Vida, a fragilidade...
fôlego a faltar... e serenidade.
O monstruoso desassossego
ao incompreensível...
a insuficiência... a inabilidade
afetando a mente pelo sofrer.*

*Ao se levantar os olhos
para o Universo, com a pesada
realidade, o debater.
Perante o infinito,
numa rasa temporalidade.
E a sensação de impotência...
Mas à constrição do corpo,
nunca querer ceder.*

A história que lhes vou contar estendeu-se por alguns milhares de anos e contém detalhes básicos e necessários para o seu entendimento dentro da maior clareza possível. E antevendo a experiência humana, que não lhes seja cansativa. Engloba pormenores para se compreender a diáspora humana com o desígnio maior de preservar a espécie, sua multifacetada cultura e arte, inteligência e empreendedorismo, alicerçados nos seus sonhos desde que começou a andar com os dois membros inferiores, pensar, criar e decidir o seu destino. A história que lhes vou contar passa-se numa época de mudanças cruciais nas resoluções, comportamentos e futuro humanos.

Cap I – Preparo E Destino Inicial

I

Um novo século.

Ano de 2401 (no calendário cristão).

A colônia terrestre, em Marte já estava habitável e começam a ser dados os primeiros passos rumo à sua ocupação.

Após séculos de incansáveis estudos, testes e melhorias de estruturas e equipamentos, maioritariamente realizados por uma robótica avançada autoduplicativa a cada década, o trabalho foi feito de sol a sol em mineração e produção, suportados por equipamentos avançados incluindo impressoras gigantes que duplicavam os *designs*, localmente, resultando na finalização dos projetos das estruturas comuns, alojamentos, áreas para cultivo de plantas comestíveis, hospitais, escolas, armazéns, tratamento e depósitos de água, diversas usinas incluindo centrais termonucleares – de fusão, com controle da radiação emitida -, além de áreas de lazer e cultura.

Chegara então, o momento inicial e imparável da migração.

A tão esperada colônia estava pronta, funcionando e eficiente, recebendo as primeiras levas do êxodo terrestre. Construída em complexos com infraestrutura sólida recobertos por *repelito* - material desenvolvido especialmente para proteção contra impactos de objetos espaciais e radiação danosa, solar e cósmica -, que por sua vez, foram acrescidos e rodeados por múltiplos conjuntos de estruturas com cobertura magnética a fim de aumentar o efeito gravitacional, equiparando-o com a gravidade terrestre, para o bem da saúde e normalização da vida dos seus habitantes.

A estrutura fora habitada por poucos humanos em curtas temporadas, na fase predefinitiva, para o ajustamento refinado de todo o seu funcionamento, com testagem e checagem de todos os mecanismos de segurança máxima. Fora um projeto autorizado pelo Conselho da Humanidade, que passara a se empenhar pelo bem de toda a população terrestre depois das falhas e faltas generalizadas ocorridas até meados do século 21, em detrimento do planeta.

Predominantemente subterrânea, a colônia Marciana não tinha evidente beleza física, mas a sua estrutura – em si uma bela obra de engenharia -, numa área fortemente estudada por longos séculos e escolhida por ser menos sujeita a abalos sísmicos e possíveis erupções vulcânicas, estaria mais protegida sob a superfície, nesta missão de longuíssima duração – pelo menos enquanto a humanidade não pudesse se lançar para maiores e/ou outros pontos no grande espaço - espaço este que sempre esteve a chamá-la.

A transição dos humanos da Terra para Marte vinha sendo adiada por longo período, até se tornar "totalmente" segura para alicerçar o entendido momento de não retorno para parte da humanidade a se distanciar do seu planeta de origem.

E chegara a hora de Marte começar a ser ocupado por habitantes alienígenas – o ser humano e sua bagagem biológica.

Momento a ser celebrado mas sem maiores cerimônias pela urgência da transferência – há tanto esperada - em fases, dos milhares de indivíduos a serem os primeiros residentes

"Marcianos". E planejava-se que em um século, a colônia abrigasse vários milhões de pessoas e este número seria ampliado nos séculos seguintes, com novas levas e com os nascimentos locais.

Na Terra, a vida se tornara muito restrita e também grandemente subterrânea para proteger os que ficavam – muitos preferiam terminar os seus dias na Terra – fustigada pelas altas temperaturas e intempéries cada vez mais violentas.

Por que uma migração tão importante para a humanidade se deu somente em 2401?

(Nota: primeira parte do conto de ficção "Passos Para O Cosmos" – partes a serem lançadas mensalmente, nesta revista).



Sellma Luanny são prenomes e um dos pseudônimos da autora. Brasileira, Médica Anátomo-Patologista. Publicou três livros de poemas de sua autoria (Poemas Matizados, Julieta Serei Eu e Lilases) e participou em duas antologias – todos em papel. Recebeu "Menção Honrosa" com o poema "Os Celtas E Eu" no Concurso de Poesia Celta 2022, publicado no exemplar 10 de A Revista da Tradição Lusitana. Tem participado de várias antologias em e-books editados pela Revista Conexão Literatura e em exemplares mensais desta revista. No YouTube, canal Sellma Batalha, tem lançado sua obra, incluindo o livro "Tributo A Você, Mãe" (com versão em Inglês).

Você escreve?

Descubra chamadas para publicação e concursos literários no portal

Seleções Literárias

Filtre oportunidades
por:

Gênero 

Prazo 

Prêmio 

Acesse

Seleções Literárias

<https://selecoesliterarias.com.br>





Sonhar é
como abrir
um livro.

Revista Conexão Literatura



Revista Conexão Literatura

Descubra
novos
horizontes



Revista Conexão Literatura

NÃO
DEIXE
SEUS
SONHOS
SEREM
APENAS
SONHOS

Um presente da Revista Conexão Literatura



Marcadores para
imprimir
e recortar!



ANUNCIE

**SUA LIVRARIA,
LIVRO, LOJA,
SITE**

**SAIBA COMO:
CLIQUE AQUI**

ATENÇÃO . ATENÇÃO . ATENÇÃO



**AMOR
PELLOS
LIVROS**

MÍDIA KIT 2023

REVISTA CONEXÃO LITERATURA

ESTATÍSTICAS

+730 MIL

FACEBOOK

+81 MIL

INSTAGRAM

+ 4 MILHÕES DE ACESSOS

SITE

ACESSE O QR CODE E
CONHEÇA O NOSSO MÍDIA KIT



Site: www.revistaconexaoliteratura.com.br
E-mail: ademirpascale@gmail.com

MÍDIA KIT

Opções para divulgação

Veja como é fácil divulgar o seu livro, livraria, editora, produto ou serviço no site, redes sociais e edições da Revista Conexão Literatura.

TENDO INTERESSE EM UMA DAS OPÇÕES OU MAIS INFORMAÇÕES, ENTRE EM CONTATO:

 e-mail: ademirpascale@gmail.com - c/ Ademir Pascale

✓ OPÇÃO 1

Divulgação de autor/livro:

- Engloba: entrevista publicada no site e em 1 edição da revista digital Conexão Literatura. 01 postagem do link da entrevista em nossa fanpage para mais de 700 mil seguidores.

CUSTO: Brasil=R\$ 150,00 - Portugal= € 35



✓ OPÇÃO 2

Anúncio (página interna inteira, tamanho A4, em 1 edição da revista digital):

- Fazemos a arte sem custo adicional.

CUSTO: Brasil= R\$ 200,00 - Portugal= € 60

✓ OPÇÃO 3

Anúncio (página interna inteira, tamanho A4. em 6 edições).

- Fazemos a arte sem custo adicional.

CUSTO: Brasil= R\$ 1.000,00 - Portugal= € 300

✓ OPÇÃO 4

Banner clicável na lateral da página principal do site. Formato (dimensões): 306 x 194, em jpg.

- Duração: 03 meses

CUSTO: Brasil= R\$ 300,00 - Portugal= € 80

✓ OPÇÃO 5

Capa do livro, produto ou notícia no rodapé da capa de uma edição da revista + chamada para página interna.

- Na página interna da edição publicaremos o artigo ou release + imagem.

CUSTO: Brasil= R\$ 500,00 - Portugal= € 100

✓ OPÇÃO 6

SEJA CAPA DA NOSSA REVISTA. Capa (Frente) de 01 edição da revista + entrevista em destaque na edição. A edição será divulgada durante o mês vigente em nossas redes sociais. A postagem com a capa ficará fixa no topo da nossa fanpage: www.facebook.com/conexaoliteratura e na lateral da página principal do nosso site. CUSTO: Brasil= R\$ 2.500,00 (cedemos desc. para pag. à vista) -

Portugal= € 500

PARA MAIS INFORMAÇÕES, ENTRE EM CONTATO:
e-mail: ademirpascale@gmail.com - c/ Ademir Pascale

REVISTA
CONEXÃO LITERATURA

PORQUE
AMAMOS
LIVROS

NO AR
DESDE 2015

CONECTANDO AUTORES E LEITORES

DATA DA PRÓXIMA EDIÇÃO

01.12.2023

**PARTICIPE DA PRÓXIMA EDIÇÃO
ANUNCIE | PUBLIQUE | DIVULGUE**

Acesse o nosso Mídia Kit e saiba mais: clique aqui

ACESSE O NOSSO SITE

WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR

Fanpage @conexaoliteratura // **Instagram:** @revistaconexaoliteratura

Youtube: @conexaonerd